

Adriana Aparecida da Fonseca Viscardi

**ATIVIDADES DE AVENTURA NA NATUREZA NA
PERSPECTIVA DE PRATICANTES COM 60 ANOS OU MAIS
DE IDADE**

Dissertação submetida ao Programa de
Pós-graduação em Educação Física da
Universidade Federal de Santa
Catarina para a obtenção do Grau de
Mestre em Educação Física
Orientadora: Profa. Dra. Alcyane
Marinho

Florianópolis
2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Viscardi, Adriana Aparecida da Fonseca
Atividades de aventura na natureza na
perspectiva de praticantes com 60 anos ou mais de
idade / Adriana Aparecida da Fonseca Viscardi ;
orientadora, Alcyane Marinho, 2019.
199 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Desportos, Programa de Pós
Graduação em Educação Física, Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Educação Física. 2. Atividades de aventura na
natureza. 3. Idosos. 4. Lazer. I. Marinho, Alcyane.
II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Programa de Pós-Graduação em Educação Física. III.
Título.

Adriana Aparecida da Fonseca Viscardi

**ATIVIDADES DE AVENTURA NA NATUREZA NA
PERSPECTIVA DE PRATICANTES COM 60 ANOS OU MAIS
DE IDADE**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de
“Mestre” e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-
graduação em Educação Física

Florianópolis, 27 de fevereiro de 2019.

Prof^ª. Kelly Samara da Silva, Dr^ª.
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof.^a Alcyane Marinho, Dr.^a
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^ª. Gelcemar Oliveira Farias, Dr.^ª.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^ª. Inês Amanda Streit, Dr.^ª. (videoconferência)
Universidade Federal do Amazonas

Este trabalho é dedicado às minhas amadas avós, que sempre estiveram tão presentes em minha vida, exemplos de fortaleza e doçura.

AGRADECIMENTOS

*Sou grata por poder ver
o alaranjado céu ao se pôr o sol,
o verde mar batendo nas pedras,
as borboletas e flores colorindo a Terra.
Sou grata pelo carinho, pelo aconchego
pela amizade e amor.
Sou grata pela vida
que encanta a cada instante
essa andarilha errante.*

Meus mais profundos agradecimentos

Ao meu amado marido que me ensinou o que é companheirismo e o que é amor de verdade e, embora eu insista em ser uma pessoa errante, às vezes me acompanha, e outras, me mantém no caminho. Ao meu espirituoso filho que me fez conhecer um outro tipo de amor, indescritível, e que me incentiva todos os dias a buscar ser uma pessoa melhor. Aos meus amados pais que se esforçaram tanto, por toda a vida, para que eu tivesse oportunidade e para que chegasse onde cheguei e onde ainda vou chegar. Sem sua força inicial, eu não iria a lugar algum! A Deus, agradeço silenciosamente, todos os dias, pela vida!

À minha incansável orientadora Profa. Dra Alcyane Marinho, dona de um otimismo e de uma dedicação admiráveis, que dentre muitos ensinamentos importantes, me ensinou a acreditar em minha capacidade.

Às minhas queridas amigas e colegas de laboratório, com quem dividi tantos momentos, tantos risos, tantos aprendizados.

À cada pessoa que compôs minha banca, por terem sido tão especiais e estarem me apoiando durante essa jornada: à Profa. Dra. Cintia de La Rocha Freitas, que tão carinhosamente me recebeu como sua estagiária, à Profa. Dra. Gelcemar Oliveira Farias, minha primeira orientadora de mestrado, senhora de um coração cheio de amor, à Profa. Dra. Inês Amanda Streit, que me acompanha desde o início das minhas aventuras na extensão e na pesquisa e à Profa. Dra. Marília Martins Bandeira, que conheço mais recentemente, mas que também é uma grande incentivadora e exemplo nesse percurso acadêmico e profissional.

Aos aventureiros participantes do estudo, sem sua coragem, “ânima” e contribuição, essa pesquisa, que me é tão cara, não seria possível!

Ao Programa de Pós-graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina, na figura de seus funcionários, sempre tão atenciosos.

A CAPES pela bolsa concedida, que me permitiu dedicação integral aos estudos.

RESUMO

O aumento do número de idosos no Brasil, bem como da expectativa de vida tornam notável a importância da busca pela melhora da qualidade de vida dessa população. O lazer, como direito garantido por lei aos idosos, assume posição privilegiada nesse contexto. Atualmente, verifica-se um aumento do interesse de idosos por vivenciar experiências diferenciadas no lazer, como as atividades de aventura na natureza. Dessa forma, este estudo tem como objetivo geral analisar a participação dos idosos em atividades de aventura na natureza na região da Grande Florianópolis (SC). Caracteriza-se como uma pesquisa de campo, com corte transversal, do tipo descritiva exploratória, com abordagem qualitativa dos dados, cujos participantes foram 24 praticantes de atividades de aventura na natureza, com 60 anos ou mais. Mais especificamente, praticantes autônomos, alunos de empresas que oferecem aulas de alguma modalidade de atividade de aventura na natureza e membros de clubes, grupos e associações. A seleção foi realizada intencionalmente, por abordagem direta da pesquisadora e por indicação de profissionais da área, profissionais de educação física e dos próprios praticantes. Os instrumentos utilizados foram constituídos por um roteiro de entrevista semiestruturada, direcionado aos idosos praticantes e a observação simples, ambas registradas em diário de campo. O roteiro de entrevista contempla suas características sociodemográficas (nome, sexo, idade, estado civil, escolaridade, profissão e ocupação atual), a caracterização da prática realizada por esses idosos (qual(is) atividade(s) praticam, tempo de prática, duração e frequência), bem como, questões que abordam suas motivações para a prática de atividades de aventura na natureza e os significados atribuídos

por eles às atividades e ao lazer. Todas as entrevistas realizadas foram registradas por meio de um gravador de áudio e transcritas integralmente pela pesquisadora principal. Os dados foram organizados no *software Qualitative Solutions Research NVivo*, versão 11.0 e analisados por meio de elementos da técnica de análise de conteúdo, segundo Bardin (2011). A partir desta análise, entrevistas e observações foram confrontadas a fim de compor os resultados do estudo. Os principais resultados encontrados foram distribuídos em 11 categorias, a saber: perfil dos participantes; atividades praticadas; motivos de ingresso; motivos de permanência; significados atribuídos à atividade de aventura na natureza; significados atribuídos ao lazer; espiritualidade; meio ambiente; conhecimento técnico, risco e segurança; viagens; e o termo idoso. As modalidades que praticam são variadas, sendo predominantes as realizadas no meio aquático. O período de ingresso nas atividades varia desde a infância a até meses antes da participação neste estudo. Os entrevistados praticam atividades de aventura na natureza porque sentem algum tipo de ligação, que pode vir de um hábito, pode ser o gosto ou interesse. Os significados atribuídos à atividade de aventura na natureza estiveram focados na palavra vida. Quanto aos significados atribuídos ao lazer, foram mencionados a oposição, ou não, ao trabalho e às competições, as suas diversas possibilidades, sua relação com atividades e com o tempo. Alguns temas que foram abordados transversalmente durante as entrevistas - saúde, relações sociais, sensações e emoções experimentadas, interesses e escolhas, espiritualidade, contato com a natureza, conhecimento e viagens - revelam a íntima relação existente entre motivos para a prática e significados atribuídos a ela e ao lazer para esses entrevistados, e apontam o lazer, associado às atividades de

aventura na natureza e às viagens como um campo prolífico para o desenvolvimento integral e contínuo desses praticantes. O termo idosos foi discutido durante as entrevistas, tendo a conotação de negatividade por alguns entrevistados, que não se percebem na expectativa social criada sobre esse termo. Por outro lado, foi verificado que alguns participantes não se incomodam com a classificação. Admite-se que a prática das atividades de aventura na natureza é repleta de significados percebidos intensamente pelo praticante, adquirindo sentido na sua vida e fazendo com que a vida tenha sentido. Ressalta-se, ainda, as inúmeras contradições existentes, relacionadas à prática de atividades de aventura na natureza, ao processo de envelhecimento e, também, ao lazer. Tais percepções revelam que a vida e o pensamento humano são constituídos de contradições e neles os idosos se transformam e se reconstróem, mediante suas potencialidades físicas, mentais, psicológicas, espirituais e socioculturais.

Palavras-chave: Atividades de aventura na natureza, idoso, lazer.

ABSTRACT

The increase in the number of elderly people in Brazil, as well as the life expectancy, make it important to seek the improvement of the quality of life of this population. Leisure, as a guaranteed right by law to the elderly, assumes a privileged position in this context. Nowadays, there is an increase in the interest of the elderly in differentiated leisure experiences, such as adventure activities in nature. Thus, this study aims to analyze the participation of the elderly in adventure activities in nature in Florianópolis and region (SC). It is characterized as a cross-sectional field research of descriptive exploratory type, with qualitative approach of the data, whose participants were 24 practitioners adventure activities in nature, with 60 years or more. More specifically, autonomous practitioners, students of companies that offer classes of some modality of adventure activity in nature and members of clubs, groups and associations. The selection was done intentionally, by direct approach of the researcher and by indication of professionals of the area, professionals of physical education and of the own practitioners. The instruments used were semi-structured interview script and the simple observation, both registered in field diary. The interview script contemplates their sociodemographic characteristics (name, gender, age, marital status, education, profession and current occupation), the characterization of the practice performed by these elderly people (which activity(ies), practice time, duration and frequency), as well as, motivations for the practice of adventure activities in nature and meanings attributed by them to this activities and leisure. All interviews were recorded using an audio recorder and fully transcribed by the principal investigator. The data were organized in the software

Qualitative Solutions Research NVivo, version 11.0 and analyzed through elements of the technique of content analysis, according to Bardin (2011). From this analysis, interviews and observations were compared in order to compose the results of the study. The main results were distributed in 11 categories: profile of the participants; practiced activities; reasons for admission; reasons for staying; meanings attributed to adventure activity in nature; meanings attributed to leisure; spirituality; environment; technical knowledge, risk and safety; travels; and the term elderly. The modalities of practice are varied, being predominant those carried out in the aquatic environment. The period of entry into activities varies from infancy to months before participating in this study. Respondents engage in adventure activities in nature because they feel some kind of connection, which may come from a habit, may be liking or interest. The meanings attributed to adventure activity in nature were focused on the word life. The meanings attributed to leisure were the opposition, or not, to work and competition, their various possibilities, their relation with activities and with time. Some themes that were addressed transversally during the interviews - health, social relations, sensations and emotions experienced, interests and choices, spirituality, contact with nature, knowledge and travel - reveal the intimate relationship between reasons for practice and meanings attributed to it and leisure for those interviewed, and point to leisure, associated with adventure activities in nature and travel as a prolific field for the integral and continuous development of these practitioners. The term elderly people was discussed during the interviews, with negative connotation by some interviewees, who do not perceive themselves in the social expectation created about this term. On the

other hand, it was verified that some participants also do not perceive themselves, but do not bother with the classification. It is assumed that the practice of adventure activities in nature is full of meanings intensely perceived by the practitioner, acquiring meaning in his life and making life meaningful. The innumerable contradictions, related to the practice of adventure activities in nature, to the aging process and also to leisure are also emphasized. These perceptions reveal that life and human thought are made up of contradictions, and in them the old people transform and rebuild themselves, through their physical, mental, psychological, spiritual and sociocultural potentialities.

Keywords: Adventure activities in nature, elderly, leisure.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Categorias de análise estabelecidas <i>a priori</i> e <i>a posteriori</i>	59
Figura 2: Resultados encontrados para as categorias estabelecidas a priori.....	82
Figura 3: Cocoroca (89) realizando seu treino diário.....	87
Figura 4: Manifestações de satisfação e felicidade. Professor (62) e Maria (63).....	90
Figura 5: Indian (60) com seu filho, esperando o vento "entrar"	96
Figura 6: Caco (61) interagindo com o grupo da canoagem	98
Figura 7: Isa (63) prefere a prática individual	99
Figura 8: Prática individual. Urbe (70) e Roberto (67)	100
Figura 9: Prática coletiva. Neto (68) e Lili Curly (60)	101
Figura 10: Marcus Vinícius (67) se divertindo e sendo divertido em seu lazer	112
Figura 11: Garça (65), caminhando para entrar em seu "templo"	129
Figura 12: Nós somos no mundo e o mundo é em nós.....	132
Figura 13: Carlos Eduardo (61) conversa com outros praticantes de windsurf.....	139
Figura 14: Lagoa da Conceição, em Florianópolis.....	141
Figura 15: Henrique (68) em um momento de contemplação	141
Figura 16: Maneiro (60) preparando o barco para o velejo.....	145
Figura 17: Gato do mato (65) e Kakytus (66) conferindo os equipamentos para o rapel.....	145
Figura 18: Tepan (65) mostra como os surfistas carregavam seus pranchões.....	146
Figura 19: de velocidade, tempo e distância do ciclista Luiz (74)	147
Figura 20: Lazer no cassino	168

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Caracterização dos participantes do estudo e atividades principais praticadas.....	61
Quadro 2: Satisfação e insatisfação com as atividades praticadas	95

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	23
1.1	CONTEXTUALIZAÇÃO	23
1.2	OBJETIVOS	26
1.2.1	Objetivo geral	26
1.2.2	Objetivos específicos	26
1.3	JUSTIFICATIVA.....	26
2	REFERENCIAL TEÓRICO	31
2.1	DIFERENTES PERSPECTIVAS SOBRE O ENVELHECIMENTO	33
2.1.1	Envelhecimento na vida contemporânea.....	33
2.1.2	Lazer e Envelhecimento.....	37
2.2	ATIVIDADES DE AVENTURA NA NATUREZA	40
2.2.1	Atividades de aventura na natureza e lazer.....	40
2.2.2	Os "aléns" e os "poréns" das atividades de aventura na natureza.....	44
2.2.3	Idosos e atividades de aventura na natureza	49
3	MÉTODO	54
3.1	TIPO DE PESQUISA	54
3.2	PARTICIPANTES DO ESTUDO.....	54
3.3	INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	54
3.4	PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS	55
3.5	ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS	57
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	58
4.1	CONHECENDO OS AVENTUREIROS E SUAS ATIVIDADES.....	60
4.2	AVENTURANDO-SE: O INÍCIO E A CONSOLIDAÇÃO DA PRÁTICA.....	70
4.2.1	Alçar voo: sobre o princípio da aventura.....	82
4.2.2	Planar: sobre seguir se aventurando	84

4.3	E PARA VOCÊ, O QUE É A AVENTURA? OS SIGNIFICADOS DAS ATIVIDADES DE AVENTURA NA NATUREZA.....	103
4.4	LAZER AVENTUREIRO: PERCEPÇÕES DE LAZER ...	110
4.5	OUTRAS PARTICULARIDADES DAS ATIVIDADES DE AVENTURA NA NATUREZA - QUESTÕES TRANSVERSAIS NA PESQUISA	125
4.5.1	Transcendendo a aventura: a espiritualidade de ser	125
4.5.2	Aspectos socioambientais: a natureza em si e no outro .	130
4.5.3	Conhecimento técnico, risco e segurança.....	142
4.5.4	Viagens: curtindo o mundo.....	150
4.6	A AVENTURA DE SER OU NÃO SER... IDOSO	153
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	169
	REFERÊNCIAS.....	172
	ANEXO	185
	ANEXO I - Parecer do Comitê de Ética	185
	APÊNDICES	191
	APÊNDICE A - Roteiro de entrevista semiestruturada para praticantes de atividades de aventura na natureza.....	191
	APÊNDICE B - Matriz analítica da entrevista semiestruturada para praticantes de atividades de aventura na natureza.....	193
	APÊNDICE C - Roteiro de observação simples	195
	APÊNDICE D - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	196
	APÊNDICE E - Declaração de Consentimento para Fotografias, Vídeos e Gravações.....	199

1 INTRODUÇÃO

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

O notório e rápido envelhecimento da população brasileira coloca a sociedade atual diante do desafio de encontrar soluções para se adaptar não somente às questões econômicas, como a previdência social, mas, também, à área da saúde, do cuidado e da integração social do idoso (IBGE, 2014). Neste contexto, observa-se o desenvolvimento de estudos relacionados a essa população, objetivando buscar alternativas para que o idoso tenha uma melhor qualidade de vida¹. Dentre esses estudos, alguns apontam que a atividade física pode trazer benefícios físicos, psicológicos, cognitivos e sociais para os idosos e que sua prática regular pode diminuir o risco de morte (MAZO, 2008; MATSUDO, 2009; CIPRIANI *et al.*, 2010, FERREIRA, 2017).

A prática de atividade física tem sido entendida como parte do repertório no lazer da população idosa. Cabe salientar, no entanto, que o lazer não se trata apenas de atividades físicas, mas de diversas outras manifestações intrínsecas ao ser humano como, por exemplo, as sociais, as intelectuais, as políticas, dentre outras (ABADE; GOMES, 2016). Essas manifestações, segundo Santos e Marinho (2016), podem proporcionar aos idosos momentos permeados por sentimentos de alegria, prazer, satisfação, união, amor, diversão, inclusão e pertencimento.

¹ Segundo Ferreira *et al.* (2017), na área da saúde, têm sido utilizados dois conceitos distintos para qualidade de vida. Um deles, com uma abordagem mais ampla, abarca aspectos socioculturais, geralmente utilizado nos estudos relacionados à sociologia; o outro relaciona qualidade de vida à saúde, estando mais restrito ao processo de adoecimento. O estudo realizado por esses autores, com 30 idosos participantes de um espaço de promoção de saúde, centrado na prática de atividade física, na cidade do Rio de Janeiro, buscou conhecer a percepção desses idosos sobre qualidade de vida. As principais associações apresentadas relacionaram-se às condições financeiras para manter uma boa alimentação e a prática de atividade física e, ainda, ao estabelecimento de boas relações com o grupo, os parentes e os amigos. Percebe-se, assim, que a visão restrita de qualidade de vida associada à visão biológica historicamente constituída do envelhecimento, levada ao extremo, acabou por criar um estereótipo do idoso saudável que desconsidera as individualidades, as preferências de cada um.

Nesse sentido, alguns estudos têm observado uma tendência às diferentes possibilidades de vivências no lazer para essa população: as atividades de aventura na natureza (ALVES JUNIOR, 2012; DIAS, 2006; HICKMAN *et al.*, 2016; HICKMAN *et al.*, 2017; PEREIRA; TAVARES; SUZUKI, 2016; VISCARDI *et al.*, 2018a; VISCARDI *et al.*, 2018b; WHEATON, 2016). Tais pesquisas evidenciam o aumento do número de idosos envolvidos nessas atividades. Esse aumento pode ser explicado levando-se em consideração que os adultos praticantes, que não deixam de realizá-las durante o processo de envelhecimento, são capazes de perceber suas limitações e se adequar às diferentes necessidades impostas por essa fase da vida (ALVES JUNIOR, 2012). Além disso, a ampliação da oferta proporcionada por empresas especializadas, as novas tecnologias aplicadas aos equipamentos e à segurança, bem como as mensagens positivas divulgadas pelos meios de comunicação, popularizaram tais práticas, tornando possível a sua experimentação por públicos variados (BÉTRAN; BÉTRAN, 2016; DIAS, 2006; MARINHO, 2008).

Tal possibilidade de experimentação se dá, ainda, em função de sua prática ocorrer, privilegiadamente, no lazer e não necessitar de treinamentos intensivos prévios (MARINHO, 2008). As atividades de aventura na natureza possuem características inovadoras e diferenciadas das práticas esportivas tradicionais, principalmente quando se refere à motivação e aos objetivos do participante, uma vez que têm, como foco principal, a busca por sensações e emoções geradas pela prática e experimentadas pelo corpo e, não necessariamente, o rendimento; e as condições e meios utilizados para sua prática, aproveitando as energias da natureza (água, vento, gravidade) mediadas pela tecnologia (BETRÁN; BETRÁN, 2016; MARINHO, 2008).

Viscardi *et al.* (2018b) enfatizam que a prática dessas atividades por idosos os coloca diante de desafios físicos e psicológicos, proporciona a experimentação de sensações como diversão, empolgação, curiosidade, encontro consigo mesmo e com a natureza e orgulho; além da vivência de novas experiências que estimulam a expressão de suas potencialidades e superação de seus limites. Tais estímulos podem promover sensações de bem-estar, satisfação e prazer de viver a esses idosos, além de poder possibilitar um resgate de sua autonomia e autoestima e oportunizar a interação social (DIAS, 2006; VISCARDI *et al.*, 2018a; VISCARDI *et al.*, 2018b). Dessa forma, embora não seja intuito dessa dissertação delegar uma funcionalidade a essas atividades, como também sugeriu Pimentel em um de seus estudos (PIMENTEL, 2012), elas podem ser uma opção de atividade física, para

sua escolha, além de promover benefícios sociopsicológicos, como diminuição do isolamento, a sensação de incapacidade e a depressão, comumente enfrentados durante o processo de envelhecimento.

Alguns fatores influenciam a decisão pela prática, ou não, dessas atividades como a disposição e a atitude do idoso, as condições climáticas, o local e os equipamentos utilizados. Dentre esses fatores, destaca-se a sensação de incapacidade e de incompetência, mesmo antes de iniciar a prática. Tal sentimento, alimentado pelos estereótipos que se criam em torno dessas atividades, juntamente àqueles historicamente estabelecidos sobre os idosos, pode ser capaz de impedi-los de experimentá-las (WHEATON, 2016). No entanto, embora o envelhecimento de praticantes de atividades de aventura na natureza tenha contribuído para o aumento do número de idosos nessas atividades (HICKMAN *et al.*, 2016; WHEATON, 2016); pessoas que não tiveram oportunidade de vivenciá-las em outros períodos da vida começam a apresentar interesse por experimentá-las (DIAS, 2006; VISCARDI *et al.*, 2018a; VISCARDI *et al.*, 2018b).

É importante esclarecer que, para este trabalho, os termos natureza e meio ambiente estão sendo entendidos como sinônimos. Da mesma forma, são compartilhadas as ideias de Marinho (2017) sobre a adoção equivocada da natureza como externalidade. Tal concepção é fundamental para o entendimento da vida atual e das formas como as pessoas “apropriam-se” da natureza de distintas maneiras (uso de recursos, local de práticas diversas, entre outras). Isto é, as práticas sociais que geram diferentes noções de meio ambiente/natureza podem variar conforme as pessoas residem, vivenciam e se portam em diferentes lugares, recebendo influências de distintas formas de tecnologias (MARINHO, 2017).

Nesta perspectiva, considerando o crescente interesse pelas atuais possibilidades de vivências para os idosos, além de se tratar de um público diferenciado, com expectativas e necessidades próprias, torna-se importante conhecê-lo. Assim, nesta dissertação foram estabelecidas as seguintes questões investigativas: Qual o perfil dos idosos praticantes de atividades de aventura na natureza (idade, sexo, escolaridade, estado civil, classe social, profissão, etc.)? Quais as motivações dos idosos para a prática? Quais significados os idosos atribuem a essa prática? Essa prática é considerada uma atividade de lazer para os idosos? Quais significados os idosos praticantes atribuem ao lazer?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo geral

Analisar a participação dos idosos nas atividades de aventura na natureza na região da Grande Florianópolis (SC).

1.2.2 Objetivos específicos

- Identificar o perfil sociodemográfico dos idosos praticantes de atividades de aventura na natureza.
- Descrever as características da prática de atividades de aventura na natureza realizadas pelos idosos.
- Verificar os motivos de ingresso e de permanência dos idosos em atividades de aventura na natureza.
- Identificar os significados atribuídos pelos idosos às atividades de aventura na natureza.
- Verificar se essas atividades se constituem em atividades de lazer para os idosos.
- Interpretar os significados que os idosos atribuem ao lazer.

1.3 JUSTIFICATIVA

O aumento do número de idosos em todo o mundo, bem como o aumento da longevidade denota a importância do desenvolvimento de estudos e pesquisas voltados para essa população (DEBERT, 2011; DIAS, 2006; FERREIRA *et al.*, 2017; PICCOLO, 2011; SANTOS; MARINHO, 2014). A prevalência de doenças crônico-degenerativas que acompanham esse prolongamento da expectativa de vida fundamenta as discussões sobre os efeitos da atividade física na qualidade de vida dos idosos (CIPRIANI *et al.*, 2010; FERREIRA *et al.*, 2017; MAZO, 2008; MAZZEO *et al.*, 1998). Embora não se negue a importância de buscar respostas e soluções para problemas oriundos do envelhecimento, esse estudo se baseia nas potencialidades e possibilidades, também, advindas dessa fase da vida.

Recentemente, alguns estudos têm demonstrado a importância de se buscar alternativas para proporcionar a participação dos idosos em vivências mais ativas, criativas e variadas, especialmente no âmbito do lazer (ALVES JUNIOR, 2012; PEREIRA; TAVARES; SUZUKI, 2016;

VISCARDI *et al.*, 2018a; VISCARDI *et al.*, 2018b). Estes estudos pautam-se na investigação de atividades que, além de atenuarem as transformações ocasionadas pelo processo de envelhecimento, ofereçam satisfação, podendo contribuir para a melhoria da qualidade de vida dessa população. Dentre estes, são recentes os estudos que relacionam o idoso e sua participação em atividades de aventura na natureza (HICKMAN *et al.*, 2016; VISCARDI *et al.*, 2018a; VISCARDI *et al.*, 2018b; WHEATON, 2016).

Embora partindo de diferentes abordagens, Debert (2011) e Marcellino (2008) apontam que a chegada da aposentadoria, com a consequente diminuição das obrigações e aumento do tempo livre, deveria ser o momento oportuno para aproveitar a vida, como um momento privilegiado para o lazer. Porém, mesmo sendo o lazer um direito do idoso garantido pela legislação brasileira, a realidade que se vislumbra é bastante diferente. Fatores econômicos, como a acentuada redução dos ganhos mensais; questões sociais, como a supervalorização do trabalho; problemas de saúde e locomoção; violência; além de preconceitos são alguns dos fatores que podem limitar a participação dos idosos no lazer (FERREIRA, 2017; MARCELLINO, 2008).

A velhice não pode ser admitida com homogeneidade, não é uma fase da vida em que todas as pessoas são iguais e passam da mesma forma, pelas mesmas experiências. Como qualquer outra fase da vida, a velhice é constituída por diferenças e, assim, vivenciada e percebida de forma individualizada (DEBERT, 2011), sendo influenciada por fatores econômicos, sociais e históricos. Desta forma, as percepções dos idosos sobre diversas questões em sua vida podem ser variadas, como, por exemplo, sua relação com amigos e familiares, seu poder aquisitivo, sua qualidade de vida, sua disponibilidade de tempo, dentre outras. Incluem-se nessas questões as suas percepções sobre o lazer e sobre como, quando, quanto, onde e com quem vivenciá-lo.

Nesta perspectiva, apontando as contradições e as tensões existentes neste cenário, podem ser encontrados idosos que sequer têm a oportunidade de vivenciar o lazer, seja em função de compromissos ou obrigações familiares ou de trabalho, de impossibilidade financeira, ou por escolha própria, dentre outros motivos; enquanto outros aproveitam esse momento da vida, conforme seus gostos e possibilidades. Nesse sentido, pode-se citar o aumento da sua participação em vivências variadas no lazer, dentre elas, a prática de atividades de aventura na natureza (HICKMAN *et al.*, 2016; VISCARDI *et al.*, 2018a; VISCARDI *et al.*, 2018b; WHEATON, 2016).

A participação do idoso nessas atividades o coloca diante de diferentes desafios e escolhas, e contribui para um distinto padrão de envelhecimento que merece investigação. Desta forma, esta pesquisa justifica-se pelo número reduzido de trabalhos referentes a esse tema, principalmente no contexto brasileiro e que se relacione ao praticante, tornando-se relevante no sentido de conhecer o perfil dos idosos praticantes de atividades de aventura na natureza no contexto específico da Grande Florianópolis (SC).

Assim, evidencia-se, nesse estudo, a possibilidade de perceber essa fase como um estágio de desenvolvimento humano repleto de potencialidades e possibilidades. Desloca-se o foco e a justificativa da necessidade da prática de atividade física em função de seus declínios e perdas, para as suas capacidades, escolhas e conquistas. Na tentativa de incentivar que o idoso seja percebido e se perceba sob um “novo olhar”, um olhar ampliado, mais humano e mais completo.

Além disso, os resultados podem trazer esclarecimentos aos profissionais de Educação Física que têm nesse tipo de atividade uma nova possibilidade de atuação profissional, permitindo que melhor se preparem para atender a uma demanda crescente de adultos praticantes em processo de envelhecimento e idosos que se permitem vivenciar diferentes experiências. Embora as atividades de aventura na natureza tenham vínculo com a Educação física, percebe-se que são poucos os profissionais formados nessa área que atuam com tais atividades no cenário brasileiro, havendo também uma lacuna nos cursos de graduação em Educação Física quando se trata deste tema (VAZ *et al.*, 2017).

O profissional atuante nessas práticas precisa estar preparado para planejar e organizar as atividades, conhecer e dominar a utilização de equipamentos e técnicas, conhecer os aspectos relacionados ao ambiente da prática, bem como, condicionantes climáticas, lidar com situações imprevistas e de emergência, minimizar riscos, assegurar a integridade física e emocional dos praticantes, além da sua ação pedagógica (VAZ *et al.*, 2017), seja em relação às atividades em si ou às relações com os outros praticantes e com o meio. Dessa forma, torna-se evidente que distintas fontes de conhecimento e de capacitação acadêmica sobre o tema possam contribuir com a qualificação da formação profissional e com um atendimento competente e de qualidade para a população idosa, podendo repercutir, assim, na consolidação das atividades de aventura na natureza como uma possibilidade de vivência no lazer para idosos.

Por sua vez, sob a perspectiva pessoal, meu envolvimento, tanto profissional quanto acadêmico, com o público idoso e com as atividades

de aventura na natureza, separada e conjuntamente, foram decisivos na escolha do tema. Logo nos primeiros semestres da graduação em Educação Física, ainda em São Paulo, na Faculdades Integradas de Santo André (FEFISA), comecei, durante as disciplinas, a me interessar por duas áreas que, inicialmente, pareciam conflituosas - idosos e atividades de aventura na natureza. Após minha mudança para Santa Catarina, e transferência para o Centro de Ciências da Saúde e do Esporte (CEFID) da Universidade do Estado de Santa Catarina, tive a oportunidade de me envolver com essas áreas. Atuei com idosos por dois anos como bolsista de extensão, no Laboratório de Gerontologia (LAGER), trabalhando com as modalidades de musculação, hidroginástica, pilates, ginástica e dança. Durante o Estágio Curricular Supervisionado de Atividade Física Adaptada, da oitava fase do curso de bacharelado em Educação Física, da mesma universidade, também pude ter contato com os idosos na modalidade de natação.

Ainda na graduação, durante a disciplina Tópicos Especiais em Esportes de Aventura e na Natureza, tive a oportunidade de vivenciar a modalidade de *stand up paddle*², em uma das saídas técnicas e, a partir dessa iniciativa, iniciei um trabalho como instrutora da modalidade, que perdurou por quatro anos, tendo participado de cursos de especialização específicos sobre o assunto. Concomitantemente, pude vivenciar outras modalidades de atividades de aventura na natureza, como surfe, canoagem, vela, remo, além de ter experimentado, em outros momentos, outras atividades, como *rafting*³, rapel, trilha, escalada *indoor* e boia *cross*⁴.

Após a finalização da graduação, atuei ministrando aulas de *stand up paddle* para idosos, conciliando as duas áreas de meu maior interesse. Ao longo desse período, também estive envolvida com a pesquisa científica, podendo desenvolver estudos sobre idosos e atividades de aventura na natureza, dentre os quais um se concretizou em meu trabalho de conclusão de curso, intitulado "Percepções de

² *Stand up paddle* é uma atividade de aventura na natureza, cujo praticante desliza sobre a água, em pé sobre uma prancha, controlada por um remo. Pode ser realizada em lagos, mares e rios.

³ O *rafting* é uma modalidade realizada em grupo, na qual os participantes remam, descendo corredeiras, em um bote inflável.

⁴ Boia *cross* consiste na descida de corredeiras de córregos e rios, sobre boias infláveis individuais.

idosos sobre atividades de aventura na natureza" (VISCARDI *et al.*, 2018a, 2018b). Também ministrei algumas palestras e aulas práticas sobre *stand up paddle* para alunos de graduação em educação física. Esse percurso, permeado por ações de ensino, pesquisa e extensão nutriram minha formação profissional, cujo interesse se estendeu para a pós-graduação, na qual busco, por meio desta dissertação de mestrado, aprofundamento sobre o tema e aprimoramento do conhecimento.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A fim de subsidiar o referencial teórico, bem como as discussões dessa pesquisa, foram utilizados estudos de autores reconhecidos nas temáticas sobre envelhecimento, lazer e atividades de aventura na natureza. Dessa forma, os estudos de Guita Grin Debert contribuíram para o entendimento das transformações que vêm ocorrendo sobre as concepções de envelhecimento, ao longo das últimas décadas. Debert é formada em Ciências Sociais, e doutora em Ciência Política pela Universidade de São Paulo, Brasil. É professora do Departamento de Antropologia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Seus principais temas de estudo são velhice, família, curso da vida, gênero e violência, tendo publicado inúmeros livros e artigos sobre esses temas. Iniciou seus estudos sobre envelhecimento, relacionado ao feminismo, no final da década de 1970. Seus estudos permitem a melhor compreensão das mudanças ocorridas no envelhecimento, que estão levando os idosos a buscarem novas experiências no lazer, em especial, as atividades de aventura na natureza.

Com o intuito de desenvolver a temática do lazer, foram adotadas inicialmente as ideias de lazer apresentadas por Christianne Luce Gomes. Gomes possui formação em Educação Física, com especialização na área de estudos do lazer, seu tema principal de investigação, com alguns desdobramentos para a educação e a formação profissional. Possui doutorado em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil. Nos últimos dez anos focou seus estudos sobre lazer no contexto latino-americano. É professora da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), nos cursos de graduação de Turismo, Educação Física e Terapia Ocupacional e na Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, programa este, do qual foi a criadora e primeira coordenadora. Foi idealizadora da revista *Licere* e, atualmente, é editora-chefe da *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*. As publicações de Gomes utilizadas nesse estudo, embasam o entendimento de lazer como manifestação humana, não determinada por espaços, tempos e atividades.

Ao estudar o lazer a partir dos significados atribuídos pelos pesquisadores, sentiu-se a necessidade de enriquecimento das discussões em função das especificidades mencionadas. Para tanto, os estudos de Robert A. Stebbins trouxeram significativa contribuição. Stebbins é sociólogo, possui doutorado em Sociologia pela Universidade de Minnesota, Estados Unidos, é professor aposentado da Universidade de

Calgary, Alberta, Canadá, e dedica-se aos estudos do lazer desde a década de 1970. Quando iniciou seu trabalho sobre amadores, percebeu que estes enfatizavam a ideia de que as atividades que desenvolviam não eram lazer, justamente porque exigiam comprometimento. Assim, percebendo que a teorias existentes sobre lazer não consideravam essa perspectiva de seriedade, dedicou-se a essa perspectiva desenvolvendo o conceito de "lazer sério", que inicialmente contemplava também o "lazer casual", a fim de demonstrar suas diferenças, e posteriormente foi incrementado com o conceito de "lazer baseado em projetos", com o intuito de abarcar as diversas manifestações no lazer. Sua teoria, constituída pelas três configurações de lazer foi denominada "Perspectiva do Lazer Sério". No Brasil, há alguns estudos desenvolvidos a partir de seu conceito na área da Educação Física, desde o final da década de 1990, relacionados ao voluntariado, esportes na natureza, ginástica, práticas profissionais e formação de professores de Educação Física, manifestação folclórica, além de estudos mais recentes que tratam da própria teoria, e a relacionam ao envelhecimento e à educação ao longo da vida, realizado em parceria com a área da Educação. Cabe salientar ainda que devido à abrangência dos estudos de Stebbins, o autor não contribuiu apenas com as discussões referentes ao lazer nessa pesquisa, enriquecendo também as discussões sobre atividades de aventura na natureza e envelhecimento.

A base do conceito sobre atividades de aventura na natureza foi inspirada nos estudos de Javier Olivera Betrán e Alcyane Marinho. Betrán possui formação em Filosofia, Literatura e Educação Física e doutorado em Filosofia e Ciências da Educação pela Universidade de Barcelona, foi pesquisador e professor do Instituto Nacional de Educación Física de Cataluña (INEFC). Sua extensa produção acadêmica inclui anos frente à direção da revista *Apunts - Educación Física y Deportes*, conhecida internacionalmente, principalmente na América Latina e outros países de língua espanhola. Em que pese suas inúmeras publicações na área da Educação física, sobre temas variados como esporte, educação e humanismo, as relacionadas às atividades de aventura na natureza estão entre as mais citadas, sendo publicadas desde a década de 1990.

O conceito de atividades de aventura na natureza desenvolvido por Betrán, aproxima-se do adotado por Marinho. Embora a ênfase dada por Betrán fosse mais especificamente relacionada aos conceitos e classificações para essas atividades, Marinho explorou sua relação com as questões ambientais, socioculturais e educacionais. Marinho é formada em Educação Física e realizou doutorado em Educação Física

pela UNICAMP, Brasil. É pesquisadora e professora do curso de graduação em Educação Física e do Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano, da Universidade do Estado de Santa Catarina e professora do Programa de Pós-graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina. Suas linhas de pesquisa são Atividade Física e Saúde e Teorias sobre o Corpo, Movimento Humano, Esportes e Lazer, focando, principalmente, os temas lazer, atividades de aventura na natureza e, mais recentemente, bioética. Dentre as inúmeras publicações relacionadas a esses temas, as referentes às atividades de aventura na natureza datam desde o final da década de 1990.

Além destes pesquisadores outros contribuíram com as discussões empreendidas neste estudo, no entanto, os supracitados formaram a base teórica utilizada para a composição e a evolução da pesquisa.

2.1 DIFERENTES PERSPECTIVAS SOBRE O ENVELHECIMENTO

2.1.1 Envelhecimento na vida contemporânea

*"O meu olhar é nítido como um girassol,
Tenho o costume de andar pelas estradas
Olhando para a direita e a esquerda
E de vez em quando olhando para trás...
E o que vejo a cada momento
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,
E eu sei dar por isso muito bem...
Sei ter o pasmo essencial que tem uma criança
Se ao nascer, reparasse que nasceras deusas...
Sinto-me nascido a cada momento
Para a eterna novidade do Mundo"*

ALBERTO CAEIRO, *O guardador de rebanhos II*
(PESSOA, 1888-1953, p.137)

Segundo Piccolo (2011), a expressão "velhice", na França do século XIX, não estava, necessariamente, associada à idade, mas às pessoas que não conseguiam se sustentar. Essa definição não se distancia totalmente das percepções sobre o envelhecimento da atual sociedade ocidental capitalista, que o associa ao desuso, ao descartável, ao improdutivo (DEBORTOLI, 2012). Contudo, existem outras sociedades em que a velhice está associada à tradição, à sabedoria, à

religiosidade, ao respeito, à reverência, à dignidade e à possibilidade de ligação entre passado, presente e futuro, como em algumas comunidades indígenas, andinas e orientais (DEBORTOLI, 2012).

Legalmente, a definição do termo idoso toma como referência a cronologia. Sabe-se, todavia, que o envelhecimento não está apenas relacionado aos aspectos biológicos e cronológicos, mas, também, aos aspectos sociais, culturais, políticos, históricos e ideológicos (PICCOLO, 2011). Assim, acreditando tratar-se de uma fase de desenvolvimento da vida do ser humano, envolvendo uma multiplicidade de fatores que não se excluem e que devem ser considerados em sua totalidade, adota-se nesse estudo, não como definição, mas como um ponto de partida para a delimitação da população a ser estudada, o termo idoso, conforme descrito no Estatuto do idoso - Lei 10.741 de 01.10.2003 - como pessoa com 60 anos ou mais (BRASIL, 2003).

Debert (2012), após apontar um histórico de mudanças ocorridas nos estudos sobre envelhecimento, com relação a sua forma de abordagem dessa etapa da vida, aponta duas tendências antagônicas de concepção da velhice. A primeira, propõe estágios de envelhecimento, levando em consideração a cronologia, sendo considerados idosos jovens aqueles com 65 a 75 anos, idosos-idosos, os que tenham 76 a 85 anos, e idosos mais idosos os que possuem mais de 85 anos. Por sua vez, a segunda defende a ideia de que a idade não é um marcador significativo na vida das pessoas e considera a imagem que a pessoa tem de sua experiência pessoal, defendendo a velhice como um processo contínuo de reconstrução.

Na sociedade atual, conforme Debert (1999), o curso da vida é determinado por experiências abertas e não por etapas separadas e suas conseqüentes e, possivelmente traumáticas, transições. A autora defende, ainda, que experiências similares podem ser vivenciadas em várias fases da vida, embora as interpretações possam ser diferentes. Além disso, a busca por uma boa aparência se confunde, enganosamente, com a busca por bem-estar, diminuindo a tolerância com o corpo envelhecido e negando sua existência (DEBERT, 1999).

Nesse contexto, a população idosa é o grupo etário que mais cresce no Brasil. Em 2014, chegou a 13,7% da população total, sendo que o indicador mais elevado foi encontrado na Região Sul, com 15,2%. O envelhecimento populacional brasileiro se relaciona com a diminuição da taxa de fecundidade e o aumento da longevidade, verificada pela expectativa de vida ao nascer. A taxa de fecundidade sofreu uma diminuição de 26% de 2000 a 2013, estando em 1,77 filhos por mulher

em 2013. Por sua vez, a expectativa de vida ao nascer passou de 69,8 anos em 2000 para 75,5 anos em 2013; sendo observado, em Santa Catarina, o índice mais elevado tanto para homens, com 75,4 anos, quanto para mulheres, com 82,1 anos (IBGE, 2014, 2016a, 2016b).

O envelhecimento vem sendo entendido como um processo natural e contínuo, que ocasiona inúmeras alterações físicas, sociais e psicológicas, podendo se diferenciar de uma pessoa para outra, e que geralmente é associado a desgastes e perdas. Assim, os estudos voltados para o envelhecimento passaram a recomendar cuidados com a saúde, como a alimentação saudável e a prática de atividade física, como uma solução para proporcionar melhor qualidade de vida ao idoso, chancelados pelo *American College of Sports Medicine*, que orienta, inclusive, quais tipos de atividades físicas devem ser realizadas pelos idosos, bem como, sua intensidade, frequência e duração (MATSUDO, 2009; MAZO, 2008; MAZZEO *et al.*, 1998; PICCOLO, 2011).

Não se pode desconsiderar a existência da fragilidade, das doenças crônico-degenerativas, do abandono, da dependência e tantos outros declínios que ocorrem nessa fase da vida, no entanto, não é necessário tratá-los como regra, tampouco tratar todas as possibilidades de vivência para idosos apenas como remédios para tais questões. Segundo Silva (2008), a diferenciação da velhice das outras fases da vida ocorreu devido à modernização e adquiriu conotação negativa em decorrência da instituição da aposentadoria e consequente associação da velhice com a diminuição da produtividade, dos ganhos econômicos e com a incapacidade.

Em contraponto, existem idosos que possuem uma renda que permite desfrutar de sua liberdade, optando por atividades que lhe agradem, bem como, aqueles que reconhecem sua contribuição durante toda sua vida e valorizam o fato de poderem se afastar do mercado de trabalho, dedicando-se aos seus desejos e preferência; tratando-se, assim, de percepções subjetivas. Dessa forma, devido às mudanças que vêm ocorrendo na sociedade, essa implicação negativa sobre a velhice tem sofrido transformações. O envelhecimento tem feito parte das reflexões sociais e começa a ser percebido como um momento de realizações pessoais e criação de diferentes hábitos (SILVA, 2008), geralmente relacionados a uma vida mais saudável, ao bem-estar e à criação de vínculos sociais.

Cabe ressaltar que, embora essa visão tenha trazido benefícios para a qualidade de vida do idoso e a promoção da sua socialização, tanto o estereótipo “negativo” de velhice, determinado por sua relação com a aposentadoria, quanto o estereótipo “positivo”, difundido nas

últimas décadas, podem revelar conotações negativas quanto ao envelhecimento. O primeiro porque relaciona a velhice a simples espera pela morte, o segundo porque difunde um ideal de não envelhecer. Assim, ambos colocam os idosos diante de “modelos” pré-determinados de envelhecimento, que delimitam como uma pessoa deve, ou não, ser, e tolgem suas escolhas e vontades.

Percebendo-se as contradições e a diversidade de situações vividas e (re)significadas por essa população, bem como a necessidade de levar em consideração tais diferenças, busca-se uma outra possibilidade de se vislumbrar a velhice. Segundo Debortoli (2012), a velhice é um percurso da vida partilhado com tudo e com todos que nos envolvem, sejam crianças, jovens ou velhos; como uma expressão da nossa condição de estar vivo, parte e completude da nossa existência, e que, ao mesmo tempo que provoca tensões, provoca uma vontade de ampliar as possibilidades do viver. Ainda, de acordo com o autor, o envelhecimento “revela que a vida é processo, é transformação, é movimento” (DEBORTOLI, 2012, p. 10). É justamente nessa transformação e nesse movimento que se encontra seu encantamento.

Piccolo (2011) complementa refletindo sobre a velhice como uma etapa de possibilidades e não de limitações, permeada pela oportunidade de aprendizagem contínua, pelo estabelecimento de novos laços afetivos, pelo lazer e pela satisfação pessoal; uma fase que possibilita a reflexão sobre as vivências, a modificação de posturas e de valores sociais e o estabelecimento de outras relações com a realidade e com as diferenças. Embora essas potencialidades estejam relacionadas à subjetividade e à individualidade e, conseqüentemente, mudem de uma pessoa para outra, de forma geral, o tempo e as experiências vividas permitem avaliar melhor as situações da vida, com mais calma, mais clareza e compreensão.

Assim como não existe uma única forma de envelhecer, uma vez que esta varia em função da etnia, da classe social, do gênero e da cultura (PICCOLO, 2011), não se pode padronizar o que é ser idoso. A própria percepção do idoso em relação à velhice pode variar em função das experiências vividas e de como sua personalidade se molda em função destas no decorrer de toda a sua vida (PICCOLO, 2011), desde a infância, sendo uma construção histórica, social, cultural, política, religiosa e econômica.

As transformações sociais ocorridas nas últimas décadas, bem como o acesso facilitado às informações, sejam elas, científicas, políticas, artísticas, entre outras, criaram oportunidades para vivências de experiências distintas na velhice (ACOSTA; PACHECO, 2013;

PONTES, 2011). Vivências essas voltadas para a satisfação pessoal e a qualidade de vida do idoso. O aumento da longevidade também se reflete no campo da atividade física, tanto nos esportes como nas vivências no lazer; e o envelhecimento não coloca tantos impedimentos à continuidade dessas atividades, revelando, assim, seu distanciamento do envelhecimento de outrora (ALVES JUNIOR, 2012; HICKMAN *et al.*, 2016; WHEATON, 2016).

Desse modo, o lazer, como meio de manifestações socioculturais humanas possui uma posição privilegiada nas vivências dessa população, podendo contribuir para a sua qualidade de vida. Evidencia-se a importância de proporcionar aos idosos vivências diversificadas e diferenciadas no lazer, respeitando suas individualidades e preferências. É necessário também trazer esclarecimentos a essa população sobre as diversas possibilidades de vivência no lazer, para que possam exercer sua autonomia na escolha das atividades que realizarão.

2.1.2 Lazer e Envelhecimento

*"Não deixo a vida me levar
Levo o que vale do viver
Um sorriso pleno
Um amor sereno
E tudo que o tempo me der"*

(LENINE, 2015)

A concepção de lazer adotada pela sociedade ocidental vem se modificando ao longo dos anos, acompanhando mudanças políticas, econômicas e sociais. Durante anos, tal concepção esteve relacionada ao tempo livre, liberado de obrigações sociais e em oposição ao trabalho, gerando uma fragmentação entre lazer e trabalho, bem como uma fragmentação de tempo e espaço (GOMES, 2014), havendo um tempo destinado para o lazer e um tempo destinado para o trabalho, espaços utilizados para o lazer e outros para o trabalho.

Tal concepção difundiu-se em função das transformações ocorridas no trabalho, na política, na educação e na saúde, bem como, das novas relações que se estabeleceram com o espaço e o tempo a partir da Revolução Industrial, no final do século XIX e início do século XX; condicionando a existência do lazer ao trabalho, à urbanização e à industrialização (GOMES, 2014). Segundo a mesma autora, um dos principais estudiosos que difundiu essa concepção de lazer, como fruto

da sociedade moderna urbano-industrial foi Joffre Dumazedier. Para esse autor, o lazer se refere ao tempo liberado do trabalho, nas férias, no final do dia, da semana ou mesmo, dos anos, quando chegada a aposentadoria.

Dumazedier teve grande influência nos estudos do lazer no Brasil, entretanto, com o passar dos anos, seu conceito vem sendo redimensionado. Estudiosos brasileiros, como Nelson Carvalho Marcellino, ao incluir o conceito de lazer como cultura, bem como, a discussão sobre o tempo disponível, o ócio e a contemplação, começa a pensá-lo para além de um conjunto de ocupações a serem realizadas em um tempo institucionalizado, como preconizava Dumazedier (GOMES, 2004, 2008).

Além disso, os avanços ocorridos nas últimas décadas nas relações de trabalho, com a sua flexibilização, seja com relação ao tempo ou ao espaço de trabalho, à concentração da produção industrial e à expansão tecnológica, não permitem mais o estabelecimento de fronteiras bem delineadas entre lazer e trabalho, sendo evidente sua integração em uma mesma dinâmica social, indicando a necessidade de reflexões sobre esse conceito (GOMES, 2008, 2014). Ainda conforme a autora, as particularidades e diversidades de contextos socioculturais coexistentes no mundo não eram contempladas pelo conceito advindo dos estudos de Dumazedier. Dessa forma, percebida a necessidade de abranger todas as possibilidades de manifestações de lazer em diversos contextos, inclusive nos minoritários, uma nova linha de pensamento estuda o lazer como necessidade humana e dimensão da cultura (GOMES, 2004, 2014).

Nesse sentido, o lazer, no âmbito acadêmico, passa a ser entendido como uma produção humana que dialoga com as outras esferas da vida, constantemente permeada por significados, símbolos, significações e sentidos partilhados pelos sujeitos, em suas construções subjetivas e objetivas, nos diversos contextos sociais (GOMES, 2008). Manifestações culturais como os jogos, as brincadeiras, os esportes, as artes, o ócio, dentre outras, são ressignificadas em função de seus contextos, tempo, espaço e da interpretação individual (GOMES, 2008).

Nesta perspectiva, segundo Gomes (2004, 2014), o lazer se constitui a partir de três elementos que se articulam: tempo/espaço social, manifestações culturais e ludicidade. O tempo/espaço social trata-se do produto das relações sociais e da natureza, usufruto do tempo presente que não se limita aos períodos institucionalizados e, que vai além do espaço físico, pois a apropriação dos sujeitos permite transformá-lo em ponto de encontro (consigo, com o outro e com o

mundo) e de convívio social para o lazer. As manifestações culturais são conteúdos vivenciados como desfrute e fruição da cultura, seja como possibilidade de diversão, de descanso ou de desenvolvimento, podendo ser vivenciadas por práticas, corporais, artísticas, intelectuais, contemplativas, reflexivas, etc. Por sua vez, a ludicidade é entendida como expressão humana de significados da/na cultura referenciada no brincar consigo, com o outro e com a realidade (GOMES, 2004, 2008, 2014).

O lazer inerente ao homem se insere nas diversas dimensões da nossa cultura (o trabalho, a economia, a política e a educação, entre outras), sendo institucionalizado na atualidade como um campo dotado de características próprias, dialogando com diversos contextos (GOMES, 2004, 2014). Por ser produto da relação dialética do ser humano com o mundo, torna-se um fenômeno complexo, repleto de contradições, conflitos e tensões; ora manifestando o tradicional, ora o novo, ora o conformismo, ora a resistência (GOMES, 2008). Se, por um lado, o lazer pode contribuir com o mascaramento das contradições sociais, por outro, pode representar uma possibilidade de questionamento e resistência à nossa ordem social injusta e excludente, de uma visão crítica da realidade, com o intuito de fomentar ações transformadoras (GOMES, 2004, 2014).

Por se tratar de um campo fértil para manifestação e desenvolvimento sociocultural em todas as fases da vida, torna-se relevante investigá-lo, também, na velhice; além da necessidade de analisá-lo a partir da perspectiva das pessoas. Abade e Gomes (2016) destacam as potencialidades do lazer na saúde do idoso, considerando que, ao proporcionar vivências nas distintas e inseparáveis dimensões da vida (afetiva, cultural, social, econômica, fisiológica, dentre outras), o lazer pode contribuir para o seu bem-estar, independência e autonomia⁵.

Para o idoso, a saúde tem estreita ligação com o seu bem-estar, independência para realizar suas atividades e autonomia em suas escolhas e decisões. Sendo assim, o lazer deve ser percebido para além da atividade física, como cultura corporal do movimento, adquirida por experiências culturais em que o idoso participe efetivamente (ABADE; GOMES, 2016). Essas experiências são vivenciadas por todo o ser,

⁵ Segundo Moura (2012), a autonomia se relaciona à tomada de decisão e sua execução, enquanto a independência refere-se a capacidade física, mental e social para realizar as atividades da vida diária.

corpo, alma, mente, emoção, uma vez que o ser só é, de fato, na interação de todas as dimensões que o compõe.

Evidencia-se, dessa forma, a importância de conhecer, refletir, e divulgar diversas possibilidades de vivências no lazer para idosos, em que possam exercer sua autonomia e independência. Nesse sentido, as atividades de aventura na natureza, surgem como uma possibilidade de vivências no lazer, que não são tão comuns à população idosa.

2.2 ATIVIDADES DE AVENTURA NA NATUREZA

2.2.1 Atividades de aventura na natureza e lazer

*"Há um tal prazer nos bosques inexplorados;
Há uma tal beleza na solitária praia;
Há uma sociedade que ninguém invade;
Perto do mar profundo e da música do seu
bramir:
Não que ame menos o homem, mas amo mais a
Natureza..."*

(BYRON, 1812-1818, *Into the wild*)

Adota-se, neste estudo, o termo atividades de aventura na natureza, embora o mesmo tenha recebido variadas denominações pelos estudiosos da área, como, esportes radicais, californianos, de aventura, selvagens, de ação, esportes extremos, *x-games*, atividades na natureza, atividades de aventura, atividades físicas de aventura na natureza ou, simplesmente, AFAN (BETRÁN; BETRÁN, 2016; FIGUEIREDO; SCHWARTZ, 2013; PEREIRA; AMBRUST; RICARDO, 2008). Tais atividades são entendidas como experiências vivenciadas, privilegiadamente, no lazer e, cujas características do ambiente onde ocorrem (terra, ar ou água, ou a combinação deles), bem como a interação do praticante com esse ambiente, por meio de seu corpo e dos equipamentos utilizados, definem o percurso do seu desenvolvimento.

Autores como Betrán e Betrán (2016) e Marinho (2008) destacam algumas características que diferenciam essas atividades dos esportes tradicionais, a saber, a motivação e os objetivos do participante e as condições e meios utilizados para sua prática. De forma geral, o que move o praticante a buscar as atividades de aventura na natureza são sensações e emoções geradas pela prática e que são recebidas, experimentadas, interpretadas e comunicadas pelo corpo. Assim, o corpo deixa de ser apenas um meio para a obtenção de um objetivo que

está fora dele, um prêmio, um título ou um troféu, e passa a fazer parte da vivência. Para que essa prática ocorra, as condições e os meios (ar, terra, água e fogo) utilizados são as energias da natureza, como o impulso das ondas, a direção e velocidade dos ventos, a inclinação de uma pista ou morro, a leveza da neve, a força da gravidade, e o que mais recentemente, Betrán e Betrán (2016), chamaram de fogo, os motores à combustão; todas intermediadas pela tecnologia dos equipamentos (BETRÁN; BETRÁN, 2016; MARINHO, 2008).

Cabe salientar que, embora o foco desse trabalho recaia sobre as atividades de aventura vivenciadas no lazer, e que, nesse contexto, essas atividades contemplam um maior número de participantes, não é apenas no lazer que essas atividades são praticadas. Ao longo dos anos, ocorreu uma esportivização dessas práticas. Fato que pode ser notado por meio do surgimento de organizações, associações e regulamentações específicas para as diversas modalidades, bem como pela multiplicação do número de atletas. Além disso, as manifestações esportivas competitivas crescem em número e importância, como é o caso dos campeonatos de surfe, das corridas de aventura que acontecem no mundo todo e de eventos maiores como, por exemplo, o *X-Games*, que ocorre desde 1995, abarcando modalidades variadas de esporte de aventura.

Recentemente, vem ocorrendo a inclusão de algumas modalidades nos jogos olímpicos, a saber, canoagem (*slalon* e velocidade) e ciclismo (BMX, de estrada e *mountain bike*⁶) na Olimpíada do Brasil, em 2016; surfe, skate e escalada na Olimpíada de Tóquio, em 2020 (PORTAL BRASIL, 2016), apesar de existirem outras modalidades, cuja participação nesses jogos é mais antiga, como a vela, desde 1900, em Paris (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VELA, 2018) e o remo, desde 1908, em Londres (COMITÊ OLÍMPICO DE PORTUGAL, 2018).

Ainda que Betrán e Betrán (2016) proponham o surgimento das atividades de aventura na natureza à década de 1960, bem como seu desenvolvimento e consolidação nas décadas seguintes, algumas dessas práticas remontam a atividades desenvolvidas por antigas civilizações. Um exemplo dessas práticas remotas pode ser ilustrado pela história do surfe e do *stand up paddle*, cujo surgimento é atribuído aos polinésios, há aproximadamente 1500 anos, ou aos nativos peruanos, não se sabe

⁶ O *mountain bike* é uma modalidade do ciclismo praticada em estradas de terra e trilhas, exigindo a transposição de diversos obstáculos.

precisar ao certo, que utilizavam embarcações para deslizar sobre as ondas como meio de sobrevivência e como lazer (SOUZA, 2013). Há, ainda; aquelas que datam de alguns séculos, como a escalada que nasceu como prática esportiva no século XV, na Europa (PEREIRA, 2013). No entanto, como advêm de práticas intimamente relacionadas à sobrevivência, ao trabalho e ao lazer, acabam por se confundirem aos primórdios dos homens, dificultando a definição precisa quanto às suas origens.

A consolidação dessas atividades foi incrementada pelo desenvolvimento tecnológico, relacionado aos equipamentos, à segurança e aos procedimentos adotados para a prática, bem como pela divulgação da mídia, por meio de mensagens positivas (BETRÁN; BETRÁN, 2016; FIGUEIREDO; SCHWARTZ, 2013), além da possibilidade da prática descompromissada (MARINHO, 2008). Esses fatores permitem que as atividades de aventura na natureza sejam experimentadas não apenas por poucos aventureiros que se arriscam nessas empreitadas, mas pela maioria das pessoas, não importando sexo ou idade. Ademais, esse progresso permitiu o desenvolvimento de novas modalidades ao longo dos anos, como o *street luge*⁷, o *zorbing*⁸, o *hidrospeed*⁹, o *flyboard*¹⁰ e o *wingsuit*¹¹ (BETRÁN, BETRÁN, 2016), ampliando a quantidade de praticantes.

Apesar da nomenclatura adotada, essas atividades, segundo Betrán e Betrán (2016), em função da apropriação de outros ambientes que vem ocorrendo ao longo do seu desenvolvimento, podem ser realizadas tanto no meio natural (ambiente rural), nomeando alguns

⁷ O *street luge* é uma modalidade em que os skatistas descem ladeiras em alta velocidade, deitados em pranchas sobre rodas.

⁸ No *zorbing* os praticantes se deslocam por declives, dentro de uma esfera de plástico transparente.

⁹ No *hidrospeed* o praticante desce corredeiras, desviando de obstáculos, utilizando uma prancha de plástico, semelhante à prancha de *bodyboard*.

¹⁰ No *flyboard* o praticante realiza manobras na água e no ar, impulsionado pela força da água que é expelida pela plataforma que o sustenta, que fica ligada a uma moto aquática.

¹¹ O *wingsuit* é praticado com um macacão especial com asas, que infla com o vento e permite que o praticante voe em alta velocidade adaptando a posição do corpo.

exemplos, *windsurf*¹², tirolesa¹³, arvorismo¹⁴, esqui, parapente, *mountain bike*, como no ambiente urbano, como o skate, *parkour*¹⁵, patins, escalada *indoor* e bmx¹⁶. Além disso, de acordo com os mesmos autores, podem ser realizadas em grupo em cooperação, onde as ações dos participantes são interdependentes, como no *rafting*, onde todos os remadores precisam coordenar os movimentos para que atinjam o objetivo de passar pelas corredeiras; em grupo sem cooperação, quando são realizadas em grupo, mas os participantes não dependem dos outros, como nas trilhas, onde geralmente se caminha em grupo, mas não há necessidade de ações coletivas, e de forma individual, como o *kitesurf*¹⁷.

As atividades de aventura na natureza, segundo Betrán e Betrán (2016), podem ser divididas em três modelos de participação. O primeiro, formativo, está voltado para a educação formal e informal; o segundo, recreativo-turístico, para o lazer; e o terceiro, aventura extrema, para a exploração de lugares remotos e/ou selvagens, a busca por emoções extremas, transgressões, inclusive, sociais, altas dificuldades físicas e alto risco. Embora os autores tenham dividido as modalidades entre esses três modelos de participação, essa classificação não é fixa, ou seja, várias modalidades podem ser experimentadas em duas ou nas três formas de participação, inclusive, concomitantemente.

O sucesso na realização dessas atividades está relacionado a aspectos multifatoriais, externos e internos, referentes ao ambiente e ao

¹² O *windsurf* é uma modalidade em que o praticante desliza sobre as águas e realiza manobras, em pé sobre uma prancha com uma vela, impulsionado pela força do vento.

¹³ A tirolesa consiste em uma atividade em que o praticante desliza de um local mais alto, para outro mais baixo, ou seja pela força da gravidade, pendurado, por meio de equipamentos de segurança, em um cabo aéreo.

¹⁴ No arvorismo o praticante realiza um percurso, com diferentes desafios, por plataformas suspensas na altura das copas das árvores.

¹⁵ O *parkour* é uma modalidade em que o praticante deve superar obstáculos, em deslocamento, por meio de suas habilidades como saltos, giros e escaladas.

¹⁶ O bmx é uma modalidade do ciclismo praticada em pistas. Pode exigir velocidade ou domínio de manobras, como uma imitação de *motocross* com bicicletas.

¹⁷ No *kitesurf* o praticante desliza sobre as águas e realiza manobras, em pé sobre uma prancha sustentado e impulsionado por uma pipa, parte mais visível do equipamento utilizado.

próprio participante (BETRÁN; BETRÁN, 2016). Alguns aspectos ambientais/externos como a irregularidade do ambiente, as condições meteorológicas, as condições dos equipamentos, foram citados pelos autores. Com relação aos fatores do próprio participante/internos foram citadas as habilidades físicas, a destreza, a capacidade de tomada de decisão e de manter a tranquilidade.

A sensação de aventura e de risco é individual, mesmo que a prática seja realizada em grupo, o que para um pode ser executado com dificuldade, outro poderia realizar sem esforço. Tal fato, segundo Betrán e Betrán (2016) e Marinho (2008), acontece em consequência de uma dimensão imaginária ou simbólica, relacionada à personalidade e à expectativa do praticante e aos significados que cada um atribui à experiência vivida, pelo histórico de experiências anteriores e pela vivência que se experimenta, podendo se manifestar como um rito para o praticante. Essas sensações, expectativas, significações e riscos são inerentes à prática de atividades de aventura na natureza.

2.2.2 Os "aléns" e os "poréns" das atividades de aventura na natureza

"Trata-se somente de um fragmento da existência, ao lado de outros, o qual possui a força misteriosa de fazer-nos sentir por um momento, a vida inteira, como se não tivesse outro objeto senão sua realização"

(BRUHNS; MARINHO, 2012, p. 92)

Tempo e espaço não têm o mesmo significado de outrora. O mundo se move tão rapidamente que nos parece impossível permanecermos parados; mudanças ocorrem o tempo todo; não existem mais espaços intocados, inatingíveis ou distâncias insuperáveis (BRUHNS; MARINHO, 2012). A própria atividade de aventura na natureza, em sua busca por novas sensações, novos lugares, cada vez mais longínquos, de mais difícil acesso, no intuito de tocar um mundo desconhecido para os sentidos, acaba por se inserir e fazer parte desse movimento contemporâneo.

Essa busca tão presente nas atividades e aventura na natureza pode simbolizar a busca por uma sensação diferente daquela que se sente no cotidiano, nas tarefas diárias, nas relações costumeiras; por uma compensação; por esquecer das obrigações; por fugir das repressões sociais; por sair do lugar comum, comum no sentido de rotina, de

repetição; a busca pela liberdade, pela paz, pela harmonia, pelo prazer (BETRÁN; BETRÁN, 2016; BRUHNS; MARINHO, 2012; MARINHO, 2008) e por provar algo que vai além, saber-se capaz de ir além, de desafiar, de superar, de mudar e, ainda assim, sentir-se no controle, seguro, sereno, completo. A mudança, o movimento constante da vida contemporânea, e ao mesmo tempo poder ser você. Não se trata de uma mudança imposta, mas de uma mudança escolhida, preferida, desejada, que ganha um novo significado. É esse significado que impulsiona a busca por algo diferente, onde o espaço é outro, o tempo é outro, a existência é outra, repleta de sensações muito pulsantes, muito vibrantes, às vezes, extremas; a sensação de completude.

Alcançar o cume de uma rocha, descer uma corredeira, mergulhar nas águas frias de um lago formado por uma cachoeira, ouvir o canto de um pássaro que não ouvira antes, são experiências que tomam todo o ser do participante, de novas sensações, emoções, sentidos e significados. Nessas experiências os participantes transformam os significados que atribuem às experiências vividas e são transformados por elas (BRUHNS; MARINHO, 2012). Uma oportunidade de experimentarmos o novo, uma possibilidade de transformação, de uma nova relação com o outro, com o lugar, com o tempo, com o mundo e consigo mesmo (MARINHO, 2009). Segundo Bruhns e Marinho (2012) e Marinho (2008) nessas experiências se expressam características menos ofensivas, mais lúdicas e mais flexíveis, pautadas na não permanência das coisas, dos seres e dos relacionamentos, no descompromisso, na efemeridade, mas que, nem por isso, deixam de ser verdadeiras e intensas.

As situações de partilha, de cuidado, de confiança e a percepção de afinidades, oportunizadas pelas vivências de atividades de aventura na natureza, podem aproximar os participantes e facilitar a estabelecimento de amizades, além de promover situações de cooperação, de reflexão e de sensibilização (MARINHO, 2008, 2009). Por outro lado, segundo a autora, a cobrança de algumas atitudes, como, um padrão de comportamento, uma determinada condição física, ou por acompanhar o ritmo das outras pessoas, sem respeito ao ritmo individual, podem causar conflitos e distanciar alguns participantes da prática.

Ainda com relação às sensações experimentadas nessas atividades, segundo Marinho (2008, 2009), a aventura está relacionada aos nossos sonhos e desejos, e seu significado é indissociável do risco, transitando entre o real e o imaginário. A busca pelo risco, pela incerteza, pelo desconhecido, pelo inesperado, bem como sua

experimentação, determina o grau de satisfação do participante com a prática de forma individual. Nenhuma incerteza, ou o risco em excesso, podem resultar em pouca satisfação do praticante, dependendo do que se espera da prática, considerando que uma pessoa que tem preferência por práticas contemplativas, embora queira vislumbrar paisagens diferentes e desconhecidas, não necessariamente estaria disposto a enfrentar grandes dificuldades para acessá-las, enquanto outro que deseja superar seus limites não se satisfará com uma experiência pouco desafiadora (MARINHO, 2008).

Sensações que, analisadas fora do contexto dessas atividades, podem ter uma conotação negativa, como o medo, a ansiedade, a insegurança e as preocupações, misturam-se com o prazer, a satisfação, a alegria e a superação, tornando a prática ainda mais excitante e motivadora (LAVOURA; SCHWARTZ; MACHADO, 2008). O desconhecido e o inesperado, elementos constantes nessas práticas, geram incertezas quanto à capacidade para superação de desafios imprevistos; no entanto, resultados positivos tornam sua prática prazerosa (PEREIRA; TAVARES; SUZUKI, 2016).

Embora a sensação de risco seja subjetiva ao praticante, essas atividades possuem riscos concretos. Arranhões, quedas, fraturas, colisões, afogamentos e, inclusive, o óbito são alguns exemplos de situações que podem ocorrer (PAIXÃO; SILVA, 2010; VAZ *et al.*, 2017), ainda que não haja uma estimativa precisa dos acidentes envolvendo essas práticas (PAIXÃO; SILVA, 2010). Alguns cuidados por parte dos praticantes e dos instrutores como, o uso de tecnologias, a manutenção dos equipamentos, o domínio das técnicas específicas à modalidade, o condicionamento físico, as habilidades físicas específicas, o conhecimento sobre o ambiente e as condições climáticas, as capacidades de decidir e agir rapidamente, o conhecimento e a aplicação de técnicas de primeiros socorros e a ciência dos riscos são utilizados para minimizar esses riscos (PAIXÃO; SILVA, 2010; SILVA *et al.*, 2013; VAZ *et al.*, 2017).

As questões ambientais se tratam de outra discussão imanente às atividades de aventura na natureza. A prática dessas atividades ocasiona degradação ambiental em diversos níveis. Betrán e Betrán (2016) classificam as modalidades, em seu estudo entre quatro tipos de impactos ecológicos causados ao ambiente - leve, médio (duas categorias) e alto -, relacionados a problemas como, por exemplo, compactação do solo, destruição da flora e poluição.

Geralmente as práticas que causam maior impacto são as que utilizam a combustão, como o *motocross*¹⁸, pois, além de causarem poluição visual, auditiva e emitirem gases, possuem um perigo potencial de poluição (BETRÁN; BETRÁN, 2016). Outras duas atividades também foram classificadas como muito poluentes: o canionismo¹⁹, devido ao frágil ecossistema onde é desenvolvido e o montanhismo/alpinismo, em função da massificação e da quantidade de materiais necessários para a conquista de grandes picos, os quais, depois, são abandonados no local. As práticas realizadas no ar são as menos impactantes como o parapente. As de impacto médio alto, como a espeleologia, e médio baixo, como a vela, são classificadas de acordo com os materiais que utilizam, a massificação, a fragilidade do ecossistema em que são praticados e o tempo de permanência (BETRÁN; BETRÁN, 2016).

Para além dos danos causados ao ambiente pela ação dos aventureiros, também é preciso refletir sobre as influências que o ambiente pode exercer nesses praticantes. Por exemplo, Pimentel e Saito (2010) realizaram um estudo na região de Maringá (PR), com o objetivo de caracterizar a demanda e o interesse pela prática de atividades de aventura na natureza. Foram investigadas 207 pessoas com idades entre 10 e 78 anos, abordadas em locais de circulação pública, como ruas, pontos de ônibus e rodoviárias. Tanto nos relatos dos investigados praticantes, quanto daqueles que não eram praticantes, os autores não encontraram uma relação entre essas atividades e o contato com a natureza.

Marinho (2009) alerta que o ambiente degradado, o espaço urbano rude e a deterioração ambiental estão deseducando nossos sentidos, impedindo o despertar da sensibilidade em nós e que, muitas vezes, reproduzimos as nossas atitudes cotidianas nesses momentos de lazer, deixando que a pressa e a "produtividade" impeçam a contemplação e a reflexão. Essas situações podem ser observadas quando, por exemplo, as pessoas estão mais preocupadas com a

¹⁸ O *motocross* consiste em uma modalidade de corrida de motos, realizada em pistas de terra, com diversos obstáculos.

¹⁹ O canionismo se configura pela descida de cursos d'água, geralmente em cânions, em que o praticante transpõe obstáculos horizontais e verticais, sem auxílio de embarcação, utilizando-se de técnicas como rapel, flutuação, saltos e mergulho.

quantidade de "tarefas" a realizar, ou em conhecer o maior número possível de lugares em um curto período de tempo, ou, até mesmo, em fotografar e, imediatamente, "postar" todos os detalhes de todos os lugares por onde passa, sem, ao menos, parar por alguns momentos para contemplá-los.

Por outro lado, alguns estudos como o de Figueiredo e Schwartz (2013), Lavoura, Schwartz e Machado (2008) e Viscardi *et al.* (2018a) salientam que essas atividades, por meio da relação e das trocas que se estabelecem entre o praticante e o meio, entre ele e os outros praticantes e, também, consigo mesmo, podem contribuir com a educação ambiental, levando os praticantes a refletir sobre essas questões e à sensação de pertencimento com relação ao meio. Quando se trata de questões ambientais, esse despertar dos sentidos, da sensibilidade, torna-se necessário, bem como, as reflexões, seguidas de concretizações em ações e mudanças de comportamento (FIGUEIREDO; SCHWARTZ, 2013). No entanto, nem sempre novas ideias e atitudes são incorporadas e interiorizadas pelos praticantes (LAVOURA; SCHWARTZ; MACHADO, 2008).

Brookes (2003) contribui com esta discussão. Segundo o autor, é falsa a ideia de que essas atividades possam alterar traços de caráter como, por exemplo, a honestidade, a confiança, a integridade, a compaixão. Conhecimentos e habilidades podem se aprendidos em atividades de aventura na natureza, e o indivíduo pode optar por aplicá-los em outros momentos; no entanto, os comportamentos são respostas às situações específicas, que podem incluir elementos sociais, culturais, históricos ou geográficos. Portanto, uma pessoa pode, em um momento, agir com compaixão e, em outro, dependendo da situação, responder com indiferença. Por esse motivo, não se pode afirmar que uma pessoa que, durante uma trilha recolheu todo o lixo que encontrou, procurou fazer silêncio para não assustar os animais, não retirou plantas e pedras dos seus lugares, não poluiu a água da cachoeira com seu protetor solar e repelente ou ofereceu ajuda a um companheiro em um momento de dificuldade, terá as mesmas posturas diante de outras situações do seu dia-a-dia, como numa disputa por uma vaga de trabalho, numa competição esportiva, numa discussão com um familiar, na sua forma de consumo ou no modo como destina o lixo que produz.

Da mesma forma, as atividades de aventura na natureza não estão à margem das questões de deterioração do ambiente natural, pois, inclusive, há muitos casos de danos ambientais causados pelos próprios praticantes (MARINHO, 2017). De acordo com a autora, o descompromisso com o cuidado dos recursos naturais e a utilização da

natureza como cenário para realização das atividades demonstram que os praticantes não compreendem que são parte desse ambiente, e que cuidar dele é cuidar de si. A formação, a informação e a reflexão desses aventureiros sobre essas questões podem oportunizar atitudes mais conscientes dos mesmos em relação ao cuidado com o meio ambiente e, conseqüentemente, com o desenvolvimento humano, embora não as possam garantir (MARINHO, 2017).

Assim como a prática de atividades de aventura na natureza pode influenciar as pessoas e o meio, existem outros aspectos que podem influenciar a prática dessas atividades. A condição econômica é uma delas. O alto custo de equipamentos, gastos com viagens, preços cobrados por profissionais e empresas são alguns dos fatores que podem limitar algumas práticas para populações com menor poder aquisitivo. Com relação ao custo para a sua prática, evidencia-se que as atividades mais praticadas são as que demandam menores investimentos como, por exemplo, trilha, skate e *rafting*, enquanto as que demandam altos investimentos financeiros, seja em aquisição e manutenção de equipamentos, tecnologia ou infraestrutura necessários, são as que possuem menor número de praticantes, como é o caso do balonismo, do paraquedismo e do voo-livre (PIMENTEL; SAITO, 2010). Outros fatores apontados por Pimentel e Saito (2010) que justificam a desigualdade de acesso à prática são a escolaridade, a estabilidade profissional, o gênero e a faixa etária, acarretando em um estereótipo do praticante, que pode afastar os indivíduos que não se enquadram nesse perfil.

Partindo das considerações apresentadas, percebe-se que as atividades de aventura na natureza, como toda manifestação humana, são permeadas por ambiguidades e contradições (MARINHO, 2009), ora proporcionando leveza, tranquilidade e reflexão, ora sendo dura, vigorosa e exigindo decisões rápidas. Embora não deixem de ser oportunidade de vivências intensas no lazer, e possibilidades férteis para a discussão de importantes questões sociais, e para o desenvolvimento de diversas habilidades e competências como a criatividade, a autoestima, o autoconhecimento, a responsabilidade, a comunicação, a cooperação, a tomada de decisão e a reflexão, além de capacidades e habilidades físicas (MARINHO, 2009; SANTOS; MARINHO, 2014); tratando-se, nesse sentido, de experiências valiosas para qualquer pessoa, inclusive, para a população idosa.

2.2.3 Idosos e atividades de aventura na natureza

*"Minhas mãos ainda estão molhadas
do azul das ondas entreabertas,
e a cor que escorre dos meus dedos
colore as areias desertas"*

(MEIRELES, 1983, p. 20)

As atividades de aventura na natureza vêm despontando como uma possibilidade de vivência diferenciada no lazer por idosos, seja pela curiosidade, pelo estímulo social, pela tecnologia aplicada a essas atividades, capazes de garantir maior segurança, ou porque os praticantes estejam envelhecendo, conforme demonstram os estudos de Hickman *et al.* (2017), Hickman *et al.* (2016), Pereira, Tavares e Suzuki (2016), Viscardi *et al.* (2018a), Viscardi *et al.* (2018b) e Wheathon (2016).

O lazer orientado para a aventura para idosos pode ser ressignificado com o intuito de cultivar as capacidades dos indivíduos (HICKMAM *et al.*, 2016). Em estudo realizado por Wheathon (2016), na Inglaterra entre 2011 e 2015, com 11 surfistas, quatro mulheres e sete homens com idades entre 45 e 70 anos, sobre os significados que o surfe desempenha em suas vidas, identidades e envelhecimento, sugere que para esses indivíduos que têm acesso ao capital econômico, cultural e físico, essa fase da vida permite maior liberdade e tempo para vivenciar suas escolhas no lazer, podendo trazer outro significado para a prática, inculcando um desafio aos discursos dominantes sobre envelhecimento, e reivindicando os benefícios de se sentir mais jovem do que sua idade cronológica por meio de experiências diferentes e emocionantes.

Os fatores que sustentaram o interesse desses surfistas foram: as interações com pessoas com a mesma mentalidade, pessoas que tinham os mesmos interesses, sejam outros surfistas, mais novos ou não, ou filhos e netos que compartilham o amor pelo surfe; o senso de controle sobre seus corpos - capacidades, habilidades e potencialidades para continuar surfando -, e sobre suas vidas - conciliação do tempo com outros compromissos e autonomia para poderem optar pela prática e desenvolvê-la -; o fato de o surfe poder ser desenvolvido de forma não competitiva e a ligação que proporciona com o ambiente natural. Apontam também algumas dificuldades para continuar surfando após a aposentadoria, como o declínio físico; o medo de se machucar; a necessidade de negociações com familiares que gostariam que seu tempo fosse mais dedicado à família; e as dificuldades em relação às condições climáticas, como o frio e a falta de ondas boas para o surfe (WHEATON, 2016).

Na pesquisa de Hickman *et al.* (2017), realizada no noroeste da Inglaterra, com 10 experientes escaladores (cinco homens e cinco mulheres), cujas idades variaram de 65 a 82 anos, a fim de examinar as suas perspectivas e experiências com relação à escalada em paredes artificiais, os próprios praticantes relataram a necessidade de conhecer seu corpo, e suas possibilidades. Justificam, ainda, que não nasceram com esse corpo, que é uma novidade para eles, e que em suas mentes se sentem jovens.

Esses idosos mencionam perceber que essas atividades desenvolvem aspectos físicos e intelectuais como equilíbrio, coordenação, força, precisão, tempo, concentração, aprender a lidar com mudanças, imprevisibilidades, complexidades, além de sociais, como aprender a lidar com a aposentadoria, estabelecer relações de confiança, cooperação e independência (HICKMAN *et al.*, 2017). Enquanto, para alguns deles, a escalada surgiu como uma oportunidade para aprender e se adequar à nova dinâmica familiar e à sua nova identidade após a aposentadoria e aprender novas habilidades; para outros, foi uma forma de estabelecer relacionamentos e dividir conhecimentos sobre a modalidade com outros idosos e com parceiros de escalada (HICKMAN *et al.*, 2017).

Diferentemente dos experientes praticantes dos estudos de Wheaton (2016 e Hickman *et al.* (2017), no estudo realizado por Pereira, Tavares e Suzuki (2016), com 34 idosas, participantes de um programa de atividades físicas, oferecido por uma universidade particular na cidade de São Paulo (SP), foram implementadas aulas de *slackline*²⁰, para sua experimentação, durante um período de dez meses. Os autores verificaram que, apesar do receio inicial, no decorrer das vivências, as idosas perceberam a atividade como uma prática prazerosa. Além disso, foi relatado nesse estudo que as vivências possibilitaram o convívio social e afetivo entre as idosas e com os professores, o aumento da confiança na realização de novas tarefas e a sensação de liberdade. Também foi evidenciado que as idosas não apontaram qualquer ponto negativo referente à realização dessas atividades.

No estudo de Viscardi *et al.* (2018b), realizado em Florianópolis (SC), 11 idosos participantes de um programa de extensão

²⁰ O *slackline* consiste em uma atividade de equilíbrio sobre uma fita elástica, esticada entre dois pontos fixo, a uma certa altura do chão, que pode ser definida pelo praticante, conforme sua habilidade. Sobre essa fita podem ser realizados deslocamentos e manobras, como saltos, giros, posturas, etc.

de uma universidade pública do estado de Santa Catarina, não praticantes de atividades de aventura na natureza, foram levados para uma vivência com trilha e *stand up paddle*, durante o período de uma manhã. Todos eles experimentaram o primeiro contato com a modalidade de *stand up paddle*. Esses idosos relataram sensações de orgulho, diversão, superação, gosto pela atividade praticada, convivência, camaradagem, contato com a natureza, bem como curiosidade, apreensão e medo.

Diferentemente da pesquisa de Pereira, Tavares e Suzuki (2016), no estudo de Viscardi *et al.* (2018b), foram verificados que alguns aspectos podem dificultar a prática dessas atividades por idosos, como as barreiras econômicas, que podem ocorrer em função da diminuição da renda dos idosos com a aposentadoria, mas, também, podem ser decorrentes do alto custo para participação nessas atividades. Problemas de saúde, cansaço, falta de vontade, de disposição e a idade avançada, incômodos, dores e limitações físicas também podem ser limitantes. Outras dificuldades percebidas pelos idosos foram lidar com a grande quantidade de insetos, os obstáculos no percurso, como morros e pedras, a distância; desafios físicos, como equilíbrio, coordenação e força, além dos psicológicos, como incerteza sobre a capacidade de realizar a atividade, no caso, conseguir remar em pé na prancha (VISCARDI *et al.*, 2018b).

Cabe ressaltar que, embora tratem de modalidades diferentes, com tempos de experiência variados, e em países com realidades socioeconômicas distintas, algumas percepções como os benefícios à saúde, o prazer desencadeado pelas atividades e o incentivo ao estabelecimento de relações sociais foram comuns em todos os estudos supracitados. Nessa perspectiva, aliando aspectos físicos, psicológicos e sociais, as atividades de aventura na natureza, de acordo com Dias (2006), constituem-se em um estímulo para que o idoso tenha uma melhor percepção de suas potencialidades e supere seus próprios limites, resgatando sua autonomia e autoestima, aumentando sua satisfação, sensação de bem-estar e prazer em viver. Além de se apresentarem como diferenciadas possibilidades de escolha para a prática de atividade física entre a população idosa.

Portanto, nessas atividades, podem ser vivenciados momentos prazerosos, mas também o seu oposto, uma vez que conflitos, contradições e tensões são inerentes ao movimento da aventura e ao envelhecimento (MARINHO, 2007, 2009; VISCARDI *et al.*, 2018a). Embora essas atividades possam promover momentos de satisfação, divertimento e prazer, cabe ressaltar que os idosos têm desejos,

preferências e opções de vida, e respeitá-las é uma forma de garantir sua autonomia. Para um idoso que não tem interesse nesse tipo de atividade, a mesma pode não ser prazerosa, podendo, inclusive, ser um motivo de constrangimento.

No entanto, tal cenário não elimina a necessidade de que essa população seja informada sobre a possibilidade de praticar essas atividades, a fim de que, assim, tenha a oportunidade de escolha. Sem conhecer, sem saber, também não é possível refletir e opinar, seja pelo sim, seja pelo não. As atividades de aventura na natureza, assim como o envelhecimento, quicá a vida humana, são repletas de ambiguidades e contradições que, no entanto, não nos impedem de perceber seus encantamentos. Termine, assim, esse capítulo, reproduzindo Humberstone (2011, p. 164, tradução própria autora):

Sinto a água correndo pelos meus pés e pernas.
O vento no meu cabelo.

Eu sinto o vento mudar de força e direção e mudo meu corpo em antecipação ao vento e às ondas. Eu sinto o poder do vento e a capacidade do meu corpo para mover-se com o vento e as ondas. O prazer e a sensação ao navegar por uma pequena onda com a vela lindamente equilibrada pelo vento.

Ver os pássaros do mar e os peixes saltarem deleita ainda mais.

O cheiro de sal e lama.

A pequena foca que fez sua casa na pequena cúspide de seixos.

Estas são algumas das belezas do windsurf neste espaço liminar

mesmo com uma monstruosa chaminé da estação de energia que paira ao longe
e o cheiro ocasional de enxofre da grande refinaria de óleo quando o vento sopra do nordeste"

3 MÉTODO

3.1 TIPO DE PESQUISA

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa de campo, com corte transversal, do tipo descritiva exploratória, com abordagem qualitativa dos dados (GIL, 2010; MINAYO, 2012). Por meio dos estudos descritivos exploratórios é possível analisar determinados fenômenos, definir seus pressupostos e identificar suas estruturas, com a finalidade de demarcar características ou delinear o perfil de determinado grupo (GIL, 2010). Segundo Minayo (2012), por meio da abordagem qualitativa é possível conhecer e interpretar a realidade sem nela interferir ou modificá-la, da mesma forma que trabalhar com o universo de significados, motivos, valores, crenças e atitudes, correspondendo a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos.

3.2 PARTICIPANTES DO ESTUDO

Participaram deste estudo 24 praticantes de atividades de aventura na natureza, com 60 anos ou mais, que aceitaram participar voluntariamente da pesquisa. Mais especificamente, praticantes autônomos, alunos de empresas que oferecem aulas de alguma modalidade de atividade de aventura na natureza e membros de clubes, grupos e associações.

A seleção dos participantes foi realizada intencionalmente, por abordagem direta da pesquisadora e por indicação, e a quantidade foi definida pelo número de praticantes localizados e que aceitaram participar do estudo durante o período de coleta.

3.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Os dados desta pesquisa foram obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas aplicadas com os praticantes (Apêndice A), delineada especificamente para esse estudo, conforme matriz analítica (Apêndice B). Segundo Minayo (2012), as entrevistas podem ser consideradas uma técnica privilegiada de comunicação verbal e de coleta de informações. A entrevista semiestruturada consiste na combinação de perguntas em que o entrevistado tem a possibilidade de falar sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada.

O roteiro de entrevista foi composto por três temáticas, a saber, caracterização do praticante, caracterização da atividade e motivos e concepções. A primeira contempla as características sociodemográficas dos praticantes, contendo informações como nome, sexo, idade, estado civil, escolaridade, profissão, ocupação atual; na caracterização da atividade, constam informações sobre a prática como, qual(is) atividade(s) praticam, tempo de prática, duração e frequência; e a temática motivos e concepções abordou suas motivações para a prática das atividades de aventura na natureza e os significados atribuídos por eles a estas atividades e ao lazer.

Além da entrevista, foi realizada a observação simples. A observação, segundo Gil (2008), trata-se do uso dos sentidos na obtenção de conhecimentos sobre o cotidiano, podendo ser utilizada na pesquisa como uma forma de obtenção de dados que permite a percepção direta dos fatos. A observação simples é aquela em que o pesquisador observa espontaneamente os fatos do contexto, exigindo certo controle para a obtenção dos dados e, posteriores, análise e interpretação, que lhe conferem a sistematização e o controle necessários aos procedimentos científicos (GIL, 2008). Ainda segundo esse autor, a observação simples é apropriada em situações de caráter público, nas condutas e manifestações da vida social e adequada aos estudos qualitativos, mais especificamente aos de caráter exploratório.

Optou-se pela observação simples, neste estudo, com o intuito de abarcar as diversas manifestações investigadas, bem como suas características específicas. Nesse sentido, foi elaborado um roteiro de observação (Apêndice C), que buscou apenas norteá-la, mantendo-se flexível e responsiva aos próprios processos (FLICK, 2009). Esclarece-se ainda que não foi possível realizar a observação de quatro participantes da pesquisa, devido à impossibilidade de conciliar dias e horários, viagens e não aceitação pelo participante e indisponibilidade de tempo dentro do prazo previsto para a coleta.

3.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Esta pesquisa faz parte de um estudo mais amplo intitulado "Possibilidades de lazer para idosos na região da Grande Florianópolis (SC): um estudo com os participantes e com os profissionais", aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade do Estado de Santa Catarina, por meio do parecer número 2.356.476 (Anexo I) e cumpre os princípios éticos definidos na Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

As coletas (entrevistas e observações) foram realizadas de maio a setembro de 2018, totalizando aproximadamente 20 horas de entrevistas, que resultaram em 285 páginas de transcrições. Por sua vez, as observações foram realizadas em 29 dias, totalizando 39 páginas de diário de campo. Os participantes foram indicados por profissionais de educação física; empresas que oferecem aulas, guarderia e/ou aluguel de equipamentos para a prática de atividades de aventura na natureza; clubes que oferecem aulas e treinamento, como o de remo olímpico; membros de associações de modalidades específicas, como a escalada e montanhismo; abordagem direta da pesquisadora no momento da prática; bem como a indicação de outros praticantes, pelos próprios participantes da pesquisa.

Esses praticantes foram contatados pela pesquisadora, receberam esclarecimentos iniciais sobre o estudo e foram convidados a participar. Após o aceite, foram agendados dias, horários e local para a realização da entrevista, individualmente. Neste momento, os participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice D) e uma Declaração de Consentimento para Fotografia, Vídeos e Gravações (Apêndice E). Todas as entrevistas realizadas foram registradas por meio de um gravador de áudio, e de vídeo, e posteriormente, transcritas integralmente pela pesquisadora.

As observações ocorreram nos locais e horários previamente combinados entre a pesquisadora e os praticantes ao longo dos cinco meses de coleta. Algumas tiveram duração de uma ou poucas horas, como as observações do remo olímpico, corrida e canoagem havaiana, outras de uma manhã ou uma tarde, como as de *windsurf*, *kitesurf* e barco a vela, outras, ainda, duraram um dia todo, como as de montanhismo.

A forma como a observação foi realizada também variou em função das especificidades de cada modalidade. Nas modalidades de surfe, remo olímpico, *stand up paddle*, *windsurf* e *kitesurf*, a interação entre praticante e pesquisadora só aconteceu quando a atividade não estava sendo praticada, ou seja, no início, ao final e durante intervalos, ficando a pesquisadora de longe, apenas observando. Na canoagem havaiana, os praticantes puderam ser observados de perto (na mesma embarcação) durante a prática, mas não houve interação com a pesquisadora nesse momento, pois a atividade exige concentração e a posição dos remadores não era tão próxima. Por sua vez, nas modalidades de montanhismo, rapel, trilha, corrida e barco a vela, houve interação durante todo o período de observação, devido à necessidade da pesquisadora estar junto ao praticante realizando a atividade.

Para o registro das observações simples foi utilizado diário de campo. Segundo Weber (2009), no diário de campo se descreve os eventos observados ou compartilhados, possibilitando a análise das práticas, dos discursos e das posturas dos participantes da pesquisa. Nele também podem ser descritas as relações que se estabeleceram entre o pesquisador e o participante, sendo ainda uma forma de objetivar a posição do pesquisador. Cabe, incluir nesse diário, anotações sobre as entrevistas, descrições do cotidiano observado e reflexões sobre essas experiências, que podem estar combinados ao longo do texto. Tais anotações permitem um certo distanciamento do pesquisador, a fim de possibilitar a análise (WEBER, 2009), sem deixar, no entanto, que as lembranças se percam.

A partir disto, foi realizada a triangulação das informações adquiridas por meio dos instrumentos e, conduzida a análise das informações obtidas.

3.5 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

As informações qualitativas coletadas foram organizadas no *software Qualitative Solutions Research NVivo*, versão 11.0 e analisadas por meio de elementos da técnica de análise de conteúdo, seguindo as orientações de Bardin (2011). Essa autora descreve a análise de conteúdo como um conjunto de técnicas parciais e complementares de análise das comunicações, realizada por meio de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, os quais permitem a obtenção de indicadores que possibilitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens.

Essa técnica, denominada como modalidade categorial, é constituída de três etapas, segundo Bardin (2011), a primeira é a pré-análise, seguida da exploração do material e, por fim, o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. A pré-análise corresponde à fase da organização; nela serão realizadas a escolha dos documentos que serão analisados, a formulação das hipóteses e objetivos e a elaboração dos indicadores que fundamentarão a interpretação final. Primeiramente se realiza a leitura flutuante, estabelecendo-se um contato com os documentos e, aos poucos a leitura se torna mais precisa, a partir das hipóteses que surgem, das teorias aplicadas ao contexto e das técnicas utilizadas para análise desses materiais (BARDIN, 2011).

Ainda segundo a autora, operações de codificação, desconto ou enumeração, utilizando regras previamente estabelecidas, compõe a

etapa de exploração do material; por meio da aplicação de técnicas sobre esses materiais, serão obtidos resultados significativos e fiéis. A partir desses resultados, na etapa de tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação, serão realizadas interpretações, baseadas nos objetivos previamente definidos e proposição de conclusões, além disso, podem ser realizadas descobertas inesperadas e servir de base para outras análises.

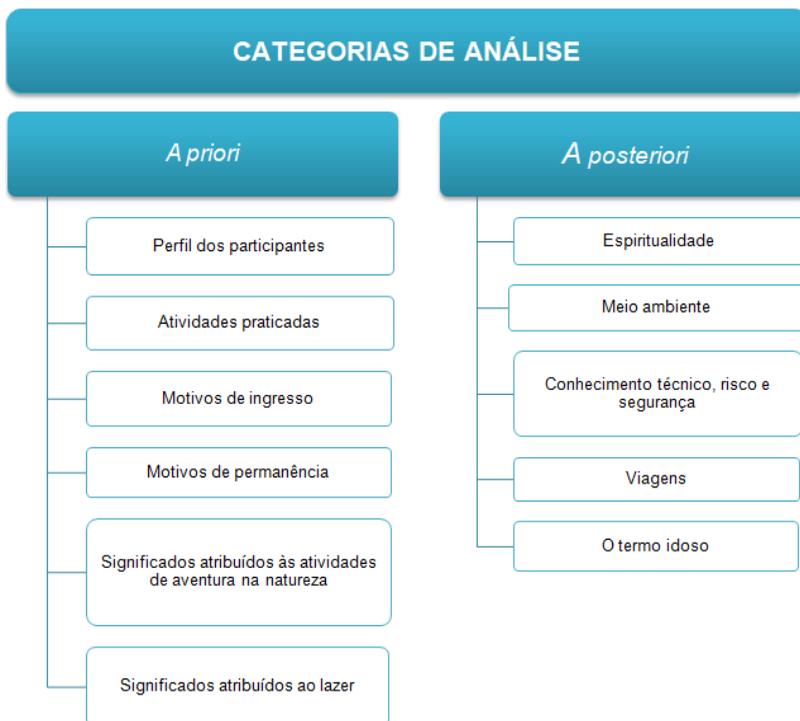
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

"Quando o sol acorda no céu das savanas, uma luz fina se espalha sobre a vegetação escura e rasteira.[...] Ao anoitecer, tudo volta a se encher de vazio, e o silêncio negro se transforma num ótimo companheiro para compartilhar boas histórias"

(NEVES, 2010, p. 6)

Atendendo à estrutura definida para a análise de resultados, segundo Bardin (2011), optou-se por manter algumas categorias estabelecidas *a priori*, partindo dos objetivos do estudo, e outras estabelecidas *a posteriori*, originadas das respostas dos participantes, conforme apresentado na Figura 1.

Figura 1: Categorias de análise estabelecidas *a priori* e *a posteriori*



Fonte: Autoria própria (2019).

Para melhor organização e clareza na apresentação dos resultados, as categorias estabelecidas *a priori*: perfil dos participantes e atividades praticadas serão apresentadas no subcapítulo 4.1; motivos para ingresso e permanência, no 4.2, significados atribuídos ao lazer serão abordados no subcapítulo 4.3 e significados atribuídos ao lazer, no 4.4. No subcapítulo 4.5 serão tratadas as categorias estabelecidas *a posteriori*: espiritualidade, meio ambiente, conhecimento técnico, risco e segurança e viagens; por sua vez, a categoria que aborda o termo idoso será apresentada no subcapítulo 4.6.

4.1 CONHECENDO OS AVENTUREIROS E SUAS ATIVIDADES

"Ali morava a pequena Obax"

(NEVES, 2010, p. 8)

Participaram do estudo 24 praticantes de atividades de aventura na natureza, sendo 18 homens e seis mulheres, suas idades variaram de 60 a 89 anos. Sua caracterização encontra-se no Quadro 1.

Quadro 1: Caracterização dos participantes do estudo e atividades principais praticadas.

Nome fictício	Sexo	Idade	Data de nascimento	Escolaridade	Estado civil	Ocupação atual	Profissão	Atividade(s) principal(ais)
Kakyatus	Masculino	66	10/04/1952	Superior incompleto	Separado(a)	Aposentado, mas faz serviços esporádicos	Técnico em eletrônica e eletricidade	rapel, escalada e trilha
Nunatak	Masculino	62	01/04/1956	Superior completo	Casado(a)	Advogado	Advogado	ciclismo e trekking
Lili Curly	Feminino	60	18/08/1958	Superior completo com pós-graduação	Divorciado(a)	Auditora fiscal da Receita Federal	Auditora fiscal da Receita Federal	remo olímpico e ciclismo
Henrique	Masculino	68	19/08/1950	Superior completo	Casado(a)	Diretor executivo de um sindicato de empresas	Jornalista	montanhismo
Machucho	Masculino	66	14/11/1952	Primeiro grau completo	Solteiro(a)	Trabalha com pesquisa de pranchas	Fabricante de pranchas	surfe
Carlos Eduardo	Masculino	61	06/03/1957	Superior completo	Separado(a)	Aposentado(a)	Bancário	windsurfe e kitesurfe

Gato do mato	Masculino	65	01/11/1952	Primeiro grau completo	Divorciado(a)	Eletromecânico	Eletromecânico	trekking, rapel, escalada, espeleologia
Maneiro	Masculino	60	09/11/1957	Superior completo	Casado(a)	Prestador de serviços náuticos	Publicitário, vendedor e prestador de serviços náuticos	vela
Caco	Masculino	61	13/07/1957	Superior incompleto	Separado(a)	Aposentado(a)	Analista de informática	canoagem havaiana
Tepan	Masculino	65	12/07/1952	Superior completo com pós-graduação	Divorciado(a)	Médico; aposentado pela prefeitura e tutor dos alunos de internato de medicina da UFSC	Médico	remo, surfe, voo, ciclismo e caminhada
Garça	Masculino	65	10/02/1953	Superior completo com pós-graduação	Casado(a)	Aposentado(a)	Professor universitário e pesquisador	surfe
Cocoroça	Masculino	89	09/03/1929	Ensino médio completo	Casado(a)	Aposentado(a)	Propaganda médica de produtos farmacêuticos	remo olímpico

Urbe	Masculino	70	10/08/1948	Superior completo	Casado(a)	Aposentado(a)	Policial	corrida
Professor	Masculino	62	30/12/1955	Superior completo com pós-graduação	Casado(a)	Aposentado(a)	Professor universitário	trilha
Neto	Masculino	68	07/04/1950	Superior completo	Casado(a)	Aposentado(a)	Advogado	remo olímpico
Luiz	Masculino	74	10/03/1944	Superior completo	Casado(a)	Sócio de uma empresa de consultoria e aposentado	Economista	ciclismo
Indian	Masculino	60	27/10/1957	Superior completo	Divorciado(a)	Aposentado(a)	Arquiteto	kitesurf
Roberto	Masculino	67	27/09/1951	Superior completo com pós-graduação	Casado(a)	Empresário	Profissional de educação física e empresário	corrida
Marcus Vinícius	Masculino	67	13/11/1951	Superior completo	Divorciado(a)	Aposentado(a)	Empresário	canoagem havaiana
Moana	Feminino	61	07/06/1957	Superior completo com pós-graduação	Casado(a)	Acupunturista	Psicóloga e acupunturista	canoagem havaiana

Júlia	Feminino	65	22/04/1953	Ensino médio completo	Casado(a)	Aposentado(a)	Funcionária pública federal	canoagem havaiana
Isa	Feminino	63	24/04/1955	Ensino médio completo	Casado(a)	Não possui	Do lar	remo olímpico
Mama	Feminino	64	25/05/1954	Superior completo	Divorciado(a)	Paisagista	Administradora	stand up paddle, trilha e ciclismo
Maria	Feminino	63	09/07/1955	Ensino médio incompleto	Casado(a)	Não possui	Agricultora, funcionária pública e datilógrafa	trilha

Fonte: Autoria própria (2019).

Verifica-se uma maior participação masculina (18 homens e seis mulheres), a maioria casados e com idade entre 60 e 69 anos, no entanto três participantes possuem 70 anos ou mais. Com relação à escolaridade, a maioria possui ensino superior completo. Percebe-se ainda que muitos permanecem trabalhando, alguns deles, mesmo já estando aposentados.

Alguns desses dados se distanciam um pouco dos aspectos sociodemográficos gerais dessa população, que apresentam predomínio do sexo feminino (ERVATTI; BORGES; JARDIM, 2015), mesmo em projeções para décadas futuras (CAMARANO, 2014); além da escolaridade, pois segundo dados do IBGE (2016a), embora o número de pessoas com ensino superior esteja aumentando, os maiores índices de analfabetismo são encontrados na população com 65 anos ou mais. Por outro lado, Camarano (2014), destaca a perspectiva de aumento do número de pessoas com 60 anos ou mais que permanecerão trabalhando ao longo das próximas décadas. Pode-se sugerir que tais diferenciações e aproximações devem-se ao fato da especificidade da população pesquisada, ou às possíveis mudanças que vêm ocorrendo nessa população.

No Quadro 1, também é possível verificar que, dos 24 participantes, 15 realizam atividades de aventura na natureza em ambiente aquático e um em ambiente aéreo, embora algumas das atividades como, o *kitesurf* e o *windsurf* envolvam os dois ambientes ou as duas forças motores, água e ar (BETRÁN; BETRÁN, 2016). Oito fazem trilha, montanhismo ou *trekking*, atividades que possuem algumas similaridades e cinco mencionam praticar ciclismo. Embora a atividade de trilhas e similares, como caminhada, *trekking* e montanhismo, sejam comumente as mais praticadas, em função das facilidades que apresenta para sua prática, como o baixo custo e a possibilidade de conciliação do nível de dificuldade com o condicionamento físico do praticante, percebe-se que, em Florianópolis, as atividades em contato com a água foram as que mais se destacaram, possivelmente, pela quantidade de praias e lagoas que a cidade oferece e que, inclusive, já influenciaram a realização de vários campeonatos de surfe na cidade²¹. A prática de

²¹Como o *Silverbay* Florianópolis SCTour 2018, realizado na praia da Joaquina, em 2018; O *Hang Loose Pro Contest*, também na praia da Joaquina, em 2016 e o *Red Nose Pro 15*, na praia do Santinho, em 2015.

ciclismo também é um destaque e possivelmente é incentivada pela existência de ciclovias na cidade.

A maioria dos entrevistados focou em uma atividade principal, como Maneiro (60) que é velejador e Luiz (74), ciclista; por outro lado, alguns apresentaram mais de uma atividade como práticas principais, como Tepan (65) que rema, surfa, voa, pedala e caminha, uma variedade de modalidades diferentes e que exigem conhecimentos e esforços específicos. Outras atividades de aventura na natureza que são praticadas esporadicamente pelos entrevistados são: *rafting* (5), cavalgada (2), acampamento (3), natação no mar, rio ou lagoa (4), corrida (4), tirolesa (2), rapel, *snowboard*²², mergulho com oxigênio (2), com *snorkel* (2) e com escafandro, trilha (5), contemplação (4), ciclismo (10), *stand up paddle* (2), voo de parapente (2), montanhismo (3), apneia, *trekking*, voo de planador, caminhada (5), surfe (2), arvorismo (2), flutuação (2), barco a vela (2), esqui na neve (1), *windsurf* (1), corrida de aventura (1), escalada (1), *skimboard*²³ (1), *sandboard*²⁴ (1) e voo de ultraleve (1).

Alguns citaram, ainda, atividades que já realizaram e não realizam mais como: barco a vela, trilha, caiaque, caça submarina, escalada, *trekking*, voo de parapente, *motocross*, corrida, canoagem, rapel, *mountain bike* e esqui aquático. Justificam sua desistência, em função de problemas de saúde, de falta de tempo ou de equipamentos necessários; além disso, alguns não mencionaram os motivos. Relataram também atividades que gostariam e/ou pretendem realizar como: paraquedismo e *base jumping*²⁵.

Quatro participantes mencionaram algumas atividades, mas deixaram claro que não pretendem praticar: *bungee jumping*²⁶, voo de

²² O *snowboard* é uma modalidade em que o praticante, utilizando uma prancha, desliza sobre uma pista de neve e realiza manobras.

²³ O *skimboard* é realizado na praia, e consiste em saltar sobre uma prancha em movimento e deslizar sobre uma fina camada de água.

²⁴ No *sandboard* o praticante desliza sobre dunas de areia, com o auxílio de uma prancha, podendo realizar manobras.

²⁵ No *base jumping* o praticante salta de locais com altitudes relativamente baixas, como penhascos, prédios, antenas e pontes, utilizando um paraquedas apropriado para essas altitudes.

²⁶ O *bungee jumping* consiste em saltar de um local fixo, no vazio, atado por uma corda elástica. A altura do salto pode variar de 40 a 300 metros, aproximadamente.

asa delta, *kitesurf*, *windsurf*, *mountain bike* e escalada, apresentando como razões para sua decisão por não as realizar: o medo; o tempo que essa atividade tomaria da modalidade principal, de sua preferência; a dor e a dúvida sobre sua capacidade para realizá-la. Três entrevistados mencionaram não fazer outra atividade de aventura na natureza além das principais indicadas no Quadro 1; dois deles não mencionaram os motivos; e uma declarou não gostar de outras atividades físicas.

A variedade de modalidades relatadas pelos entrevistados demonstra seu conhecimento e envolvimento sobre e com as atividades de aventura na natureza. Tal fato pode ser justificado não apenas pela ampliação da divulgação e acessibilidade a essas atividades, conforme afirma Viscardi *et al.* (2018b), mas também pelo interesse que tais atividades despertam nesses praticantes, justamente por estarem inseridos nesse meio e buscarem informações referentes não somente às suas atividades, mas, também, sobre outras modalidades que podem ser experimentadas.

Com relação ao tempo de prática das atividades de aventura que realizam com regularidade, quase todas as mulheres entrevistadas iniciaram a prática depois de adultas; uma delas, que faz trilhas, mencionou praticar desde criança. Quanto aos homens, 10 mencionaram ter iniciado a atividade na fase adulta, alguns há poucos anos e um há alguns meses, sendo este referente à prática da atividade principal atual, lembrando que praticava outras atividades anteriormente; quatro iniciaram quando adolescentes e quatro desde que eram crianças.

Mesmo aqueles que iniciaram a prática depois de adultos relataram já terem realizado outras atividades, em contato com a natureza ou não, e/ou manifestaram ter uma ligação com a natureza e com atividades ao ar livre. No entanto, Júlia, que iniciou a canoagem com 60 anos, relatou nunca ter percebido esse interesse. Esses resultados demonstram que a maioria dos entrevistados estiveram envolvidos com essas práticas ao longo de suas vidas. Desta forma, evidencia-se a mudança no perfil das pessoas que estão envelhecendo, segundo defendem Alves Junior (2012), Hickman *et al.* (2016) e Wheaton (2016). A permanência desses praticantes em suas atividades também pode ser um incentivo para que outros idosos se sintam incentivados a experimentá-las.

No entanto, é importante destacar que se percebe a diferença entre homens e mulheres, tanto com relação ao número de praticantes, quanto com relação ao tardio início da prática. Outros estudos, como o de Bandeira e Rubio (2011), Schwartz *et al.* (2016) e Silva *et al.* (2018) que trataram da participação da mulheres nas atividades de aventura na

natureza, encontraram o mesmo resultado. Bandeira e Rubio (2011) realizaram um estudo etnográfico no qual acompanharam, durante sete meses, em viagens, conversas, festas, aulas, dentre outras atividades, a fim de terem acesso às rotinas que compõem a modalidade, cinco surfistas homens universitários, em São Paulo, com idades entre 23 e 27 ano. Embora a questão de gênero não fosse o objetivo inicial da pesquisa, este aspecto demonstrou ser relevante no meio do surfe. De acordo com as autoras, o número de mulheres surfistas é menor, quando comparado ao de homens; além disso, as mulheres são alvos de comentários e ofensas sexistas, que diminuem seu nível técnico, capacidades e habilidades. As autoras afirmam que esse fato demonstra que as atividades de aventura na natureza ainda se alimentam da hegemonia masculina, reproduzindo padrões de dominação.

O estudo de Schwartz *et al.* (2016), realizado com 16 mulheres esportistas de atividades de aventura na natureza, das modalidades de corrida de aventura, escalada, *skate*, *rafting*, *mountain bike* e paraquedismo, evidencia a dificuldade em conciliar a prática dessas atividades com trabalho, estudo, cuidados com a casa e familiares. Outros aspectos destacados pelos autores foram o descrédito em seu potencial; a visão de que a mulher é frágil e a maior dificuldade que elas enfrentam para conseguir patrocínio.

Não obstante os obstáculos enfrentados, alguns estudos indicam uma crescente participação feminina nessas atividades, sugerindo que, aos poucos as mulheres ganham espaço nesse cenário (SILVA *et al.*, 2018; DORAN, 2016), como pode ser evidenciado por notícias sobre modalidades específicas como a corrida de rua (BROGLIATO, 2018), as maratonas de aventura (SARMANHO, 2016), o surfe (FERNANDES, 2018; SOUTO, 2018) e outras como o *motocross*, o paraquedismo e o *highline* (SANTOS; TREVISAN, 2018). Pois, se essa é a perspectiva atual da participação das mulheres e um pequeno vislumbre das barreiras de enfrentamento para fazerem parte desse meio, o que dizer das mulheres com sessenta anos ou mais, que viveram bons anos de suas histórias em uma sociedade em que sua participação era ainda mais reprimida?

Silva *et al.* (2018), em seu estudo realizado com 20 mulheres praticantes de diversas modalidades de atividades de aventura na natureza, selecionadas e contatadas por meio de uma rede social, verificaram que, embora a maioria das delas tenha se sentido discriminada em algum momento de sua prática, perceberam que essas atividades contribuem para a melhoria de sua autoestima, de sua segurança nas tomadas de decisões, bem como resiliência, forças física e

psicológica e na resolução dos seus próprios desafios. Reflete-se, dessa forma, que essas mulheres estão se colocando em outro papel diante da sociedade e que, talvez, todas as mulheres possuem esses atributos, mas em função de exigências sociais, sentiam-se estimuladas a reprimi-los ou dissimulá-los, ou, até mesmo, que elas os exerciam apenas dentro de suas casas. Agora, por sua vez, veem-se libertas para os exercerem em outros momentos, inclusive, no lazer.

Em que pese a reduzida participação feminina no presente estudo, não foram verificados comentários depreciativos em relação a elas. Alguns praticantes homens, inclusive, fizeram comentários de incentivo e/ou reconhecimento, como: "O esporte, o remo, é especial para mulheres. Aqui em Santa Catarina quase não tem [mulheres]. O remo na categoria feminina começou há pouco tempo. [...] Gostaria que mais mulheres viessem remar" (COCOROCA, 89); "A gente aprende bastante conversando, observando os caras velejando. Tem muita menina velejando lá também" (INDIAN, 60) e

[..] a gente foi explorar uma caverna bem difícil, tinha que fazer rapel, uma trilha meio difícil. Já nos primeiros momentos da trilha, ela começou a se sentir cansada, achando que estava atrapalhando. A gente foi conversando, batendo papo, [...] Pois bem, ela nos acompanhou durante 12 horas na nossa trilha. Nós fomos para a caverna, fizemos rapel, depois, casualmente, era uma noite de lua cheia, e a gente se estendeu até quase 11 horas da noite lá no meio daquelas pedreiras, para fotografar a lua. E ela voltou tranquila (KAKYTUS, 66).

Outra questão relativa à prática dessas atividades, analisado no presente estudo, foi a frequência com a qual os entrevistados mencionaram realizar a prática. As respostas evidenciaram que a mesma variou entre quase todos os dias da semana a, pelo menos, uma vez por mês, sendo que a maioria relatou praticar mais de uma vez durante a semana. Alguns não puderam precisar, considerando que a atividade praticada depende de condições climáticas como as ondas e a velocidade adequada do vento, ou porque a ocasião para a prática depende de conseguir adaptá-la a compromissos familiares e/ou de trabalho.

Por sua vez, a duração da prática variou em função da atividade realizada. As que são realizadas como treinamento ou aula, como o

remo, a corrida, a canoagem havaiana e outros como o ciclismo e o *stand up paddle*, tiveram duração entre 45 minutos e três horas; atividades como o surfe, o *windsurf*, o *kitesurf* variaram de meia hora a seis horas; as trilhas, o montanhismo, a espeleologia e o voo de asa delta, duram de algumas horas a um dia todo, saindo pela manhã, e retornando ao final da tarde ou à noite; por sua vez, o velejo de barco e o *trekking* tiveram duração de três dias ou mais.

Esses relatos referentes à frequência e à duração das atividades remetem à uma adaptação que essas pessoas realizam em suas vidas, quando deixam de dedicar a maior parte de seu tempo ao trabalho. Os filhos já cresceram, a situação financeira pode não necessariamente estar adequada, mas geralmente está estabilizada, o que lhes fornece subsídios para optar por quais, onde, quando e quantas atividades realizarão. Por outro lado, mesmo aqueles que continuam trabalhando conseguem se adaptar para realizar as atividades escolhidas, de acordo com suas possibilidades. O que se pode presumir é que essas atividades passam a ter um lugar, uma certa prioridade, que antes não tinham na vida dessas pessoas, em função de outras demandas.

As respostas demonstraram que as atividades realizadas geralmente são frequentes, têm duração prolongada e, durante as observações, foi possível notar que algumas exigem bastante esforço, devido a sua intensidade. Essas demandas evidenciam as potencialidades desses praticantes e sua disposição em estarem em busca de aperfeiçoamento. De acordo com alguns estudiosos do tema (DIAS, 2006; HICKMAN *et al.*, 2016; WHEATON, 2016; VISCARDI *et al.*, 2018a; VISCARDI *et al.*, 2018b) o fato de serem vivenciadas no lazer, de forma prazerosa, e de acordo com as suas preferências, possibilita que essas atividades fomentem o desenvolvimento físico, intelectual, social e cultural desses praticantes.

4.2 AVENTURANDO-SE: O INÍCIO E A CONSOLIDAÇÃO DA PRÁTICA

"Para uma criança, viver numa paisagem como aquela pode ser perigoso. Mas Obax não tinha medo. Corria pela planície em busca de aventuras e depois retornava com os olhinhos brilhantes. As histórias eram muitas"

(NEVES, 2010, p. 10)

Para tentar entender os motivos que fizeram e, ainda fazem, essas pessoas se aventurarem em suas atividades, torna-se necessário conhecer um pouco da história de cada um deles. Nesse sentido, será apresentada a seguir uma minibiografia de cada um deles, focando, especialmente, em suas relações com a prática de atividades de aventura na natureza.

Kakytus

As trilhas já faziam parte da vida de Kakytus (66) quando criança. No serviço militar aprendeu as técnicas de rapel e escalada. Depois desse período formou um grupo, com parentes militares, para praticar essas atividades. Com o passar do tempo começou a incluir estas técnicas aprendidas em seu serviço, realizou cursos de técnicas verticais e, como ele mesmo relatou, equilibrou trabalho com aventura. Hoje, coordena um grupo de aventureiros amadores na descoberta de cavernas em Florianópolis:

O projeto em si surgiu um pouco depois do grupo. Mas a gente começou a trabalhar na prática em meados do ano passado. Foi quando a gente começou a explorar as primeiras cavernas. Tudo que a gente está fazendo em termos de caverna está sendo registrado. O objetivo é, inclusive, transformar isso em um livro. Mas não é uma pesquisa científica à respeito disso, é mais para alimentar o espírito aventureiro de quem se interessar. (KAKYTUS, 66).

Nunatak

Nascido em uma ilha, Nunatak (62) sempre teve contato com atividades praticadas na natureza, até por uma questão de sobrevivência. Relatou que "Se isso começa cedo, se torna uma convivência das mais fecundas e que você pode levar para toda vida" (NUNATAK, 62). Mencionou também que, por meio dessas atividades, adquiriu condicionamento físico, sensorial e intelectual para lidar com situações diversas. Segundo ele: "Há momentos que não se resolvem com força, mas com a vontade de ultrapassar. Isso é uma coisa que você leva para o teu dia a dia, para o teu trabalho, para a tua vida, para as tuas relações. Esse sentido existencial ao fazer isso" (NUNATAK, 62).

Lili Curly

Desde pequena, Lili Curly (60) preferia atividades ao ar livre. Quando adulta, sempre que caminhava, via pessoas remando e sentia vontade de experimentar, mas não sabia bem como começar; até que um dia encontrou um parente que remava a incentivou. Logo em seguida resolveu experimentar e nunca mais parou, completando, em 2018, 14 anos de remo. Com relação ao ciclismo, ela pedalava quando era criança, mas depois deixou de fazê-lo. Retornou há pouco tempo para passear nas viagens com os colegas de remo e porque, segundo ela, ajuda no condicionamento físico.

Henrique

O contato de Henrique (68) com o campo e com agricultores vem desde criança, pela influência do pai, além de brincar muito ao ar livre e em contato com a natureza. Quando adulto, por muito tempo deixou de realizar atividades em contato com a natureza, em função das obrigações de trabalho. Mas, aos 50 anos, percebeu que precisava mudar, ter uma vida mais ativa. Começou a praticar montanhismo e, em suas palavras:

[...] vi que eu estava recuperando toda a energia da juventude, e comecei a ver que quanto mais eu trilhava - um montanhismo consciente, eu sempre adotei isso - quanto mais eu fazia trilhas, quanto mais eu subia montanha, eu me sentia mais jovem e mais renovado. Então passei a fazer isso. (HENRIQUE, 68).

Começou levando os filhos e depois, quando os filhos não queriam mais, continuou sozinho, mas pelos caminhos foi conhecendo outras pessoas que também praticavam e foi aprendendo cada vez mais.

Machucho

No início da década de 1970, Machucho (66) ficava na praia observando os campistas que vinham de São Paulo e do Rio de Janeiro para surfar em Imbituba (SC). Logo, resolveu comprar uma prancha. Aprendeu a surfar sozinho, na tentativa e erro: "O surfe, geralmente se

começa sozinho. Hoje em dia tem aula, antigamente não tinha. Tinha que ir lá e se quebrar" (MACHUCHO, 66). Decidiu também fabricar pranchas, o que faz até hoje: "Sempre quis fazer coisas novas. O pessoal me deu o apelido de professor pardal do surfe, porque eu estou sempre inventando coisas. Tem pranchas que eu inventei que não tem no mundo inteiro".

Carlos Eduardo

Desde quando era criança, Carlos Eduardo (61) se sentia atraído por velejar. Velejou escondido com o barco do irmão e se encantou mais ainda. Tempos depois teve o próprio barco. Na década de 1980, começou a praticar o *windsurf*: "O barco é legal, não tenha dúvida, mas o *wind* é adrenalina pura" (CARLOS EDUARDO, 61); mas teve que se afastar um pouco da atividade por obrigações da vida adulta. Voltou a praticar depois da aposentadoria, por volta de 2010. Iniciou o *kitesurf* em 2013, procurando alternativas para praticar uma atividade quando o vento estivesse mais fraco e não desse para velejar de *windsurfe*, que é sua atividade favorita.

Gato do mato

Já adulto, Gato do mato (65) começou a correr. Ficou um tempo afastado dessa atividade em função do trabalho e da família. Retomou as corridas em 1995. Depois de um tempo, começou a participar de maratonas e, logo aumentou seu desafio, participando de ultramaratonas. Concomitantemente, conhecia técnicas de rapel e escalada e praticava esporadicamente, mas começou a praticar mais assiduamente, quando resolver descansar um pouco das competições, e se dedicar ao grupo de aventura do qual participa. Fato que ocorreu no último ano:

Fui ter mais tempo esse ano, para me dedicar mais a esse grupo e a espeleologia, por estar em recesso, em folga das corridas. [...] comecei com mais intensidade a prática do rapel e da escalada também. Antes era mais nas folgas. A prioridade era corrida. Agora não, a prioridade é aventura. (GATO DO MATO, 65).

Maneiro

Quando criança, Maneiro (60) velejava com o pai:

Meu pai tinha um barco. É até engraçado, uma vez eles levaram uma torta, colocaram em uma prateleira. O barco adernou e a torta caiu na minha cabeça. Eu era criança de colo, e eu digo isso para todo mundo, porque parece que foi a vacina que eu precisava. Porque da família toda, claro que meus irmãos velejavam, porque o pai tinha barco, mas eu fui o único que me dediquei à vela. (MANEIRO, 60).

Aos 16 anos começou a participar de regatas, depois velejou em barcos de oceano. Agora, além de possuir seu próprio barco, trabalha com prestação de serviços náuticos, lidando o dia todo, todos os dias, com barcos.

Caco

Por gostar do mar desde menino, Caco (61) praticava atividades como velejo e canoagem. Quando viu a canoagem havaiana se interessou, por ser realizada coletivamente. Esperou que as atividades profissionais lhe permitissem ter tempo e resolveu participar, conforme relata:

Eu nasci aqui em Florianópolis, sempre gostei do mar, velejava, remava canoa não olímpica, mas sempre tive esse gosto pelo remo. Quando vi o grupo da canoagem, achei muito interessante a coletividade e a forma como eles faziam, e resolvi entrar (CACO, 61).

Tepan

"Como eu morava perto da praia, quando eu vi o mar pela primeira vez, fiquei maluco. Eu passava o dia inteiro nadando. Eu dizia para todo mundo que tanto fazia eu caminhar ou nadar... O mar para mim é o princípio, é o fim, é o começo, é tudo" (TEPAN, 65). Sua fascinação pelo mar o levou a surfar, ainda criança:

Eu me lembro da primeira onda, certinho, eu deitado com a cabeça assim [cabeça de lado, como se estivesse com a lateral do rosto encostada na prancha] numa prancha de madeira, e a ondinha fazia assim [faz barulho de onda com a boca], a espuminha. (TEPAN, 65).

Na década de 1970, teve sua primeira prancha, e não parou mais. Viajou para vários lugares do mundo para surfar. Em 1972, iniciou o remo, morando no clube de remo durante toda a sua graduação. Rema até hoje, todos os dias. Tepan (65) fez seu primeiro voo de asa delta na escola de seu irmão, na década de 1980. Nessa ocasião, sentiu tanto prazer com o voo, que vendeu sua moto para, com o dinheiro, continuar a prática de voo.

Garça

No Rio de Janeiro, Garça (65), quando criança e adolescente, morava perto da praia: "Ali na praia eu sempre observava tudo. Sempre fui uma pessoa muito curiosa de querer entender como as coisas funcionam. Eu ficava fascinado com as coisas que eu via acontecendo no mar" (GARÇA, 65). Na década de 1960, pegava onda de jacaré, sem prancha: "O contato com a natureza que eu tenho, desde o início, foi com o mar". Em um de seus passeios pelo Arpoador, viu um pessoal pegando onda em pé e se interessou. Pediu emprestada a prancha de um amigo para tentar surfar, gostou e, em 1969, ganhou, de seu pai, sua primeira prancha. Viajava pelo Brasil, para o Nordeste e para o Sul, de Kombi, de ônibus ou de carona, com seu irmão e, às vezes, com amigos, acampando e surfando. Isso acontecia, quando no Nordeste ainda nem se sabia o que era o surfe. Hoje, continua viajando e surfando.

Cocoroca

Há 67 anos, ou seja, desde 1951, Cocoroca (89) pratica remo olímpico. Quando chegou em Florianópolis, os clubes de remo ainda ficavam próximos da Avenida Hercílio Luz. Ele relata:

Eu já sabia remar, porque eu aprendi em São Francisco. Eu aprendi a remar o iole [barco de madeira utilizado por iniciantes]. Também remei quando fui morar em Joinville. E quando eu

cheguei aqui, fazia basquete, natação e remo. Então deixei os dois, natação e basquete, e fiquei só no remo [...] (COCOROCA, 89).

Sempre participou de competições. Em 1991, iniciou sua participação no Campeonato Mundial de Remo Máster e, desde então, viaja todo ano para um país diferente, mantendo sua participação.

Urbe

Desde a década de 1960, Urbe (70) corria todos os dias, antes de ir para o trabalho. Um pouco depois de se aposentar, foi fazer sua prática diária e viu que no mesmo local iria acontecer uma competição. Perguntou se poderia participar e foi aceito, sendo sua primeira vez em uma competição. Ele conta:

Fui pedir a eles [amigos que fez no evento] informações sobre corridas, porque eles tinham corrido tão bem e, claro, tinham chegado bem na minha frente. A resposta foi bem amistosa e elegante [...] Eram três pessoas que estavam nesse grupo. E até hoje, nós continuamos tendo uma amizade muito grande, a gente sai e viaja juntos para participar de competições no interior do Estado [...]. (URBE, 70).

Professor

Desde novo, Professor (62) gostava de caminhar na natureza. Morava em um terreno grande e cheio de mata e, aproveitava os domingos para fazer suas caminhadas. Mais tarde, com as obrigações da profissão, ficou por algum tempo sem realizar essa atividade. Há aproximadamente 20 anos, voltou a praticar e, nos últimos 10 anos, as caminhadas na natureza têm sido mais regulares: "Aqui eu comecei a caminhar na praia da Pinheira, nos costões, depois, conheci algumas trilhas e, depois disso, a gente [ele e a esposa Maria] começou a viajar para a Serra" (PROFESSOR, 62).

Neto

Na década de 1960, Neto (68) passava perto dos clubes de remo para ir para a escola e ficava olhando o movimento dos remadores. Em 1967, recebeu um convite de amigos e formaram um grupo para remar. Em suas palavras:

Eu estudava no Instituto Estadual de Educação, e morava aqui em Capoeiras. Os ônibus paravam, na época, ali no Largo da Alfândega e a gente tinha que caminhar até o Instituto. Passava-se naquelas ruas Tiradentes, Antônio Luz, João Pinto, para caminhar para o Instituto, para entrar pelas portas dos fundos, que existem até hoje. No que passa por ele você vai vendo os clubes de remo, vai vendo o movimento.[...] Nossos clubes de remo ficavam ali. Então passando por ali, deu aquela vontade. E quando teve o convite do grupo para a gente ir lá, para sair, é claro que fui com facilidade. Mas eu já conhecia o clube desde 1965. O clube estava com 50 anos (NETO, 68).

Luiz

Luiz (74) praticou esporte desde novo, jogava futebol e corria, mas há aproximadamente 10 anos:

Eu comecei a praticar o ciclismo depois que fui orientado por um médico, para deixar de jogar futebol, para deixar de correr, por causa de problema de coluna e problema no joelho. Não que eu tenha, mas porque prejudica. [...] Ele disse para mim: 'O senhor já está há mais de 50 anos batendo em cima desse joelho, então deixe de fazer essas atividades que têm impacto e passe a fazer o ciclismo, a bicicleta'. Foi quando eu comecei (LUIZ, 74).

Hoje, Luiz, anda de bicicleta pelas ciclovias e pelas ruas dos bairros de Florianópolis, para, segundo ele, manter o equilíbrio e a saúde.

Indian

Há 20 anos, Indian (60) vendo as pessoas praticarem *windsurf*, resolveu largar uma vida sedentária e começou a praticar essa atividade. Com o passar dos anos se interessou pelo *kitesurf*, como relata:

As pessoas comentam e você se sente atraído, acaba se convencendo. Mas também foi sem compromisso. Mas o que me atraiu, na verdade, foi que com o *kite* você consegue planar com menos vento. Enquanto o pessoal do *wind* está lá chupando o dedo, esperando o vento entrar, o *kite* já está indo (INDIAN, 60).

Gostou tanto que é muito difícil não o ver na Lagoa da Conceição com sua pipa em um dia de vento.

Roberto

Incentivado pela família, Roberto (67), desde criança, praticou atividade física. Aos 30 anos, decidiu que iria correr 30 km. Ele conta: "Eu ia fazer 30 anos e ia correr 30 km; quando fiz 31, correr 31. Só que eu não treinei nada, então passei mal e fiquei todo moído [risos]. Mas eu comecei a treinar e, em seguida, veio o objetivo de correr uma maratona" (ROBERTO, 67). Tornou-se empresário, promovendo eventos de corrida; sendo, alguns desses eventos, inspirados em competições as quais participou em vários países pelo mundo.

Há 20 anos, também começou a correr em trilhas:

[...] fiz algumas corridas na Europa, de dias correndo em trilhas, algumas corridas maiores. Fui na Argentina fazer uma corrida cruzando os Andes, nesse formato de três dias de corrida, que parava e depois recomeçava [...] quando eu fiz 60 anos, eu criei um projeto pessoal de fazer uma volta em Santa Catarina, que eu fiquei durante quatro meses percorrendo o estado todo. Eu fui de bicicleta ou correndo, passei em todos os municípios do Estado. (ROBERTO, 67).

Marcus Vinícius

Morando em São Paulo, Marcus Vinícius (67) trabalhava muito; raramente tinha tempo para realizar caminhadas e remar caiaque. Após sua aposentadoria, foi convidado por sua irmã para passar alguns dias em Florianópolis. Logo no primeiro dia, participou de uma remada e se apaixonou pelo ambiente e pelo grupo de canoagem havaiana. O resultado foi se mudar para Florianópolis, matricular-se nas aulas e se dedicar às remadas:

Nesse dia, primeiro de abril, o pessoal [grupo da canoagem havaiana] estava em atividade na Guarda do Embaú, foi o dia em que eu cheguei. Eles iam participar de uma competição de nado, na verdade, as canoas iriam fazer o suporte. [...] faltou um remador e acabaram me convidando no primeiro dia. Eu fui suporte de um nadador, remando caiaque. Foram 15 km nesse dia. Me entusiasmei, me enturmei com o pessoal, fui acolhido e estou aqui. (MARCUS VINÍCIUS, 67).

Moana

Ao chegar em Florianópolis, aos 45 anos, Moana (61) se dedicou a se estabelecer profissionalmente. Em seus caminhos pela ilha, dava carona para um estudante, que também era instrutor de canoagem havaiana. Os dois conversavam sobre isso e ele sempre a convidava para fazer aula. Embora ela sentisse vontade, naquele momento, sua prioridade era a sua carreira. Assim, os anos foram passando, até que, há pouco mais de dois anos, encontrou, em Fernando de Noronha, com esse mesmo rapaz e vários havaianos que fizeram a volta ao mundo de canoa. Ao ver pessoas mais velhas que ela que participavam dessas atividades com tanta animação, sentiu-se motivada, participou das atividades e palestras que estavam ocorrendo e experimentou remar. Em suas palavras: "Eu participei das atividades, das palestras que eles deram e fiz minha primeira remada [...] Eu acordava 5h15, ia a pé e entrava na canoa. Nem sabia de nada, mas me apaixonei! Foi amor à primeira vista!" (MOANA, 61). Gostou tanto que, assim que voltou para Florianópolis, matriculou-se nas aulas de canoagem havaiana, continua remando e pesquisando sobre essa atividade.

Júlia

Quando mais nova, Júlia (65) dedicou sua vida ao trabalho e a cuidar da família e não tinha costume de praticar exercícios físicos. Com 60 anos, vendo os filhos construírem suas vidas, percebeu que precisava pensar mais em si. Foi convidada por uma amiga a experimentar a canoagem havaiana:

Nunca, nem imaginava que iria gostar tanto. Foi amor à primeira vista! Eu fui com ela, ela também tinha sido convidada para conhecer o esporte, nem imaginava como era. Quando fiz a primeira aula, no outro dia, já estava inscrita. Foi assim, uma paixão! (JÚLIA, 65).

Isa

Como esportista que é, Isa (63) sempre realizou alguma atividade, dançava, lutava, e experimentava diversos esportes para manter seu condicionamento físico. Quando mais nova, experimentou o remo olímpico uma vez, mas sentiu que a atividade prejudicaria sua carreira de bailarina. Mais tarde trocou a dança pelo boxe, e buscando força e melhorar condicionamento físico, foi convidada por um colega para remar. Gostou tanto que há oito anos rema cinco ou seis vezes por semana e participa de competições, com muita determinação.

Mama

Muito ativa, Mama (64) está constantemente realizando alguma atividade, seja exercício físico, trabalhando ou em atividades com amigos e família. Ela conta: "O *stand up [paddle]*, eu vou na onda. Meus filhos compraram o *stand up*, e para eu não ficar para trás, aprendi a andar de *stand up* com o neto" (MAMA, 64), e assim, se aventura com sua prancha em algumas praias e lagoas de Florianópolis. Sobre a caminhada relata: "A caminhada eu faço, desde nova, porque gosto da natureza, gosto de entrar nas matas, ver as plantas, conheço alguma coisa" (MAMA, 64). Por sua vez, o ciclismo, iniciou porque teve um problema de saúde e a bicicleta seria sua melhor opção, naquele momento, para se exercitar, e agora, pedala pelas ruas dos bairros próximos de sua residência.

Maria

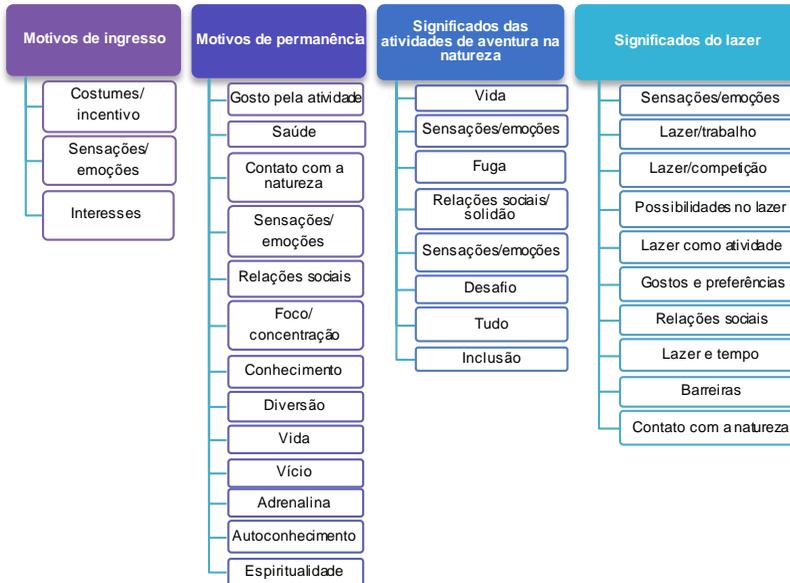
Desde criança, Maria (63) gostava de caminhar na natureza, brincando ou ajudando os pais com os serviços de casa:

Eu nasci na Pinheira, no meio do mato. Sempre gostei. Sempre gostei de pedras, de árvores, da natureza, desde criança. Me sinto meio índia [...] A caminhada já era o serviço, na verdade. A gente subia o morro para pegar trato para os animais (vacas), lenha. Na época era tudo bem difícil! [...] Eu tinha uma amiga e a gente se embrenhava no meio dos matos, ia procurar lenha com ela, mas na maioria das vezes ia sozinha. [...] Também ia ao campo ver o gado com meu pai. (MARIA, 63).

Durante sua vida conseguia conciliar as caminhadas na natureza com as atividades de trabalho, realizando-as aos finais de semana. Depois que se casou com Professor (62), passou a conciliá-las com os cuidados com a família, passeando com os filhos: "Quando os filhos nasceram, nós botávamos eles no moisés [cesta para transportar bebês] [...] a gente fazia trilha. Não trilha pesada, mas ia para o mato com ele" (MARIA, 63). Agora, ela sai junto com o marido em busca de aventuras nos costões das praias e trilhas em Florianópolis e em outras cidades de Santa Catarina.

Finalizadas as apresentações dos participantes deste estudo, apresenta-se a Figura 2, que ilustra os resultados encontrados para cada uma das categorias estabelecidas *a priori*, a serem discutidos nos tópicos específicos.

Figura 2: Resultados encontrados para as categorias estabelecidas a priori



Fonte: Autoria própria (2019).

4.2.1 Alçar voo: sobre o princípio da aventura

"Uma vez, Obax contou ter visto cair do céu uma chuva de flores. [...] As histórias, como contam os contadores na África, são sagradas. Mas algumas invenções de Obax eram demais. Todos riram"
(NEVES, 2010, p. 13)

Verifica-se que algumas práticas se originaram de costumes e hábitos da infância, incentivadas pelos pais e familiares ou por interesse próprio, demonstrando perdurar por toda a vida. Há aqueles que iniciaram sua prática na adolescência, observando outras pessoas praticando, outros tiveram vontade ou sentiram necessidade de experimentar essas atividades quando adultos, mesmo assim, remetem-se a alguma conduta ou gosto que trazem da infância, como gostar de brincar ao ar livre, gostar do mar, de praticar atividade física, interessar-se pelo equipamento, como a vela ou o barco, ou, ainda, o contato com a natureza.

Wheaton (2016), em seu estudo com surfistas com 45 anos ou mais, realizado na Inglaterra, enfatiza que essa atividade é praticada não apenas por pessoas que aprenderam desde jovem e seguem praticando com o avançar da idade, mas também atrai pessoas mais velhas a iniciarem sua prática. Como aconteceu com Júlia (65) na canoagem havaiana, cujo início da prática, que ocorreu após os 60 anos, coincidiu com um reencontro consigo mesmo:

Os filhos já tinham ido embora e algo tinha que mudar. Eu precisava pensar um pouco mais em mim. Comecei a olhar para a vida de outra maneira. Quando minha amiga me convidou, comecei a ficar mais aberta, atenta às oportunidades que foram surgindo. Eu era uma pessoa um pouco reservada, um pouco tímida. Com um pouco de medo de enfrentar coisas novas, novos desafios. Agora, sou mais corajosa 'Vamos fazer isso?', 'Vamos.' Agora eu não tenho medo de nada. (JÚLIA, 65).

Schwartz *et al.* (2016) salientam que a escolha pela prática de atividades de aventura na natureza relaciona-se a características psicológicas e à personalidade como: o gosto pela atividade, o risco e o desafio; e as sensações proporcionadas pela prática (prazer, satisfação, bem-estar, calma, superação, entre outras). Pode-se notar, por meio de suas histórias, de suas falas e de suas expressões, que alguns entrevistados do presente estudo sentem um verdadeiro encantamento, vibração, emoção pela atividade que praticam. Algumas vezes, sequer conseguem explicar em palavras, como se sentissem uma ligação espiritual com a atividade ou com o ambiente no qual ela ocorre.

Esse encantamento é algo subjetivo e pode ser percebido de forma variada, dependendo da personalidade e das experiências de vida de cada um; como no estudo de Hickman *et al.* (2016), em que um praticante de caiaque, com 72 anos, relembra um momento vivido no mar, descrevendo com detalhes seu encantamento pela chuva, pelos padrões que a mesma produzia na água, pelo som que se projetava ao tocar o mar e a sua embarcação. Tal experiência é tão vívida para esse homem que, mesmo depois de vários anos, quando anda pela cidade e está chovendo, conta que procura por poças para ver o desenho que os pingos da chuva formam e se lembra do som que eles produziam no casco do barco.

Cabe destacar que há praticantes que apresentam motivações mais objetivas para a prática, não deixando algum encantamento evidente. Geralmente, os entrevistados que realizam atividade em ambiente urbano, ou que estão envolvidos em competições, focam-se nos benefícios diretos obtidos com a prática ou na satisfação sentida, seja por motivos físicos, psicológicos ou sociais, não sendo isso, uma regra. Embora tais motivações não deixem de fazer parte da personalidade e das características psicológicas dos participantes, como nesses casos, o foco geralmente está voltado para a performance, parecendo não haver um envolvimento tão intenso com o ambiente.

Além das motivações para o início da prática, os participantes mencionaram também que, ao longo de suas vidas, foram necessárias algumas adaptações para permanecer praticando essas atividades, e, em alguns casos, a prática foi interrompida por certo tempo. Referiram-se às demandas de estudo, trabalho e família. Essa necessidade de adaptação também foi lembrada pelos participantes do estudo de Hickman *et al.* (2016), realizado com quatro alpinistas do norte da Inglaterra e quatro praticantes de caiaque da Escócia, cuja média de idade era de 70,6 anos.

Esses alpinistas relataram que situações como a formação universitária, a carreira profissional, o casamento, a criação dos filhos, as mudanças de casa, as mortes de familiares queridos e os divórcios, foram momentos que concorreram com a manutenção da prática, em que o tempo precisava ser adaptado, em meio a demandas conflitantes (HICKMAN *et al.*, 2016). Alguns refletiram, ainda, que mesmo não tendo parado de praticar, a forma de fazê-lo era diferente, sempre apressados, olhando seus relógios e preocupados com a performance em si, ou com outras obrigações, não conseguiam parar para ver, para ouvir, para saborear, não havia conexão com o ambiente. Nesse sentido, de acordo com esses autores, com a chegada da aposentadoria, esses compromissos diminuem e as pessoas podem dedicar mais tempo à prática de atividades de aventura na natureza e esta passa a ter outros significados. Nesse contexto, torna-se importante conhecer os motivos que mantêm esses praticantes interessados nessas atividades.

4.2.2 Planar: sobre seguir se aventurando

"Obax teve uma grande ideia. Partiria pelo mundo afora. Pois em algum lugar ela haveria de encontrar novamente uma chuva de flores.

Sabendo onde, como e quando, ela poderia provar a todos que sua história era verdadeira"
(NEVES, 2010, p. 16)

Muitas foram as razões relatadas pelos entrevistados para permanecerem praticando as atividades de aventura na natureza, dentre elas, as quatro mais citadas foram o gosto pela atividade, a saúde, seja física, mental ou espiritual, o contato com a natureza e as emoções proporcionadas pela prática. O gosto pela atividade foi referido por 16 entrevistados, exemplificado em dizeres como gostar do esporte ou gostar do exercício, além de frases como: "O barco, quando desliza, que a pessoa rema bem, [...] é sensacional. Eu acho que é tipo uma dança, que é leve, que flui" (LILI CURLY, 60); "Quanto mais montanhismo você faz, mais você quer fazer. Você sente vontade de ir cada vez mais longe, cada vez mais alto" (HENRIQUE, 68); e "A maior motivação é estar dentro da canoa, remando com pessoas que eu gosto, num esporte que eu adoro, que eu tenho paixão. Minha maior motivação é o esporte mesmo [...]" (JÚLIA, 65).

Alguns foram além de gostar da atividade, relatando sentir paixão ou amor pela prática, como afirma Júlia (65) no trecho acima e Kakytus (66) em "É um prazer, é o amor que tenho por isso. [...] eu me sinto um pouco mais vivo quando estou ali naquelas atividades". O amor, segundo Warat (1989), é o sentimento que move o ser humano, mantendo o desejo de viver. É a partir dele que a cultura deixa de ser vista alienadamente. Criando-se espaços de afeto, criam-se também, espaços de transformação social; a transformação que só é possível quando há plenitude de sentimentos (WARAT, 1989). Dessa forma, o amor é indispensável à nossa sociedade. Considerando a quantidade de praticantes que declararam seus intensos sentimentos, despertados pelas atividades de aventura na natureza, conjectura-se que estas podem ser um poderoso incentivador de transformações sociais.

Outro aspecto mencionado por 15 entrevistados deste estudo é a saúde. Em suas entrevistas eles utilizaram expressões como saúde física, intelectual, sensorial e espiritual; sentir-se bem, equilíbrio, disposição, qualidade de vida, longevidade e cuidado consigo. Tais expressões se referiram tanto como uma consequência da prática, como uma condição para a prática, conforme ilustram as seguintes falas: "Por que faz bem para tudo, para o corpo, para a alma, para a disposição da gente, não dá depressão, é super saudável e a gente se sente bem" (LILI CURLY, 60); "Porque é muito bom e eu vou praticar sempre, enquanto eu tiver saúde. A idade... eu até esqueço" (MACHUCHO, 66); "O remo é uma

modalidade de esporte que mantém a saúde em atividade. Todo mundo sabe, hoje, que há necessidade de se fazer esporte. E o remo para mim foi o melhor, porque utiliza o corpo todo, pés, pernas, tronco e braços" (COCOROCA, 89); "Primeiro, de eu me sentir muito bem! Depois que eu saio da canoa, para mim, é como se eu estivesse tomado a pílula do *Superman*... Respiro melhor, enfim, durmo bem" (MARCUS VINÍCIUS, 67); assim como Nunatak (62) em:

Eu acho que a forma física, acompanhada de uma boa cabeça, um bom estado sensorial, é muito importante para o equilíbrio, principalmente nesses anos, onde essa questão se torna cada vez mais importante. A prática da atividade física, principalmente aquela ao ar livre, para mim, é essencial para manter uma boa saúde e fazer todo o resto com vontade (NUNATAK, 62).

A relação com a saúde também foi percebida durante as observações, conforme ilustra a Figura 3, na qual Cocoroca (89) realiza seu treino diário, no remo ergômetro (máquina que simula o movimento da remada). Essa observação foi realizada na manhã do dia 24 de maio de 2018, no clube de remo ao qual pertence. Durante o treino é possível perceber, em sua expressão, o esforço que realiza; ao final, Cocoroca (89) enfatizou que, para manter o condicionamento físico, é preciso fazer esforço e relatou com orgulho que, aos 89 anos, não toma nenhum remédio, e que isso se deve ao remo.

Figura 3: Cocoroca (89) realizando seu treino diário



Observação realizada no dia 24 maio 2018.

Fonte: autoria própria (2018).

A saúde também foi mencionada no estudo de Wheaton (2016) e, embora não fosse o motivo principal para os participantes terem iniciado o surfe, foi um aspecto bem valorizado relacionado à essa atividade. Saúde, bem-estar, condicionamento físico, boa forma e manutenção de capacidades e habilidades físicas e mentais foram reconhecidos como benefícios proporcionados pela modalidade (WHEATON, 2016).

As atividades de aventura na natureza podem auxiliar na manutenção e no desenvolvimento de capacidades físicas, como força, flexibilidade, equilíbrio, agilidade, dentre outras (MAZO, 2008; MAZZEO *et al.*, 1998); competências mentais como aquisição de novos aprendizados, planejamento e tomada de decisão (BETRÁN; BETRÁN, 2016); sociais, como a cooperação e o estabelecimento de amizades (MARINHO, 2017; VISCARDI *et al.*, 2018a); emocionais, como a sensação de pertencimento a um grupo, o sentimento de prazer e superação, o bem-estar e o desenvolvimento da autoestima (SCHWARTZ *et al.*, 2016; VISCARDI *et al.*, 2018a; VISCARDI *et al.*, 2018b). Para além dessas capacidades, considerando que essas

atividades são desenvolvidas ao ar livre, geralmente em meio à natureza, podem despertar e/ou incentivar o interesse pela introspecção, autoconhecimento e por questões relacionadas ao ambiente.

Ademais, tais atividades demandam um envolvimento mais profundo com o equipamento, com o ambiente e consigo mesmo, suas capacidades e habilidades, e o próprio conhecimento sobre todos esses aspectos; talvez um envolvimento maior do que o exigido em atividades realizadas em ambientes controlados, como nas academias e nos ginásios, onde geralmente há supervisão de um profissional. Nessas atividades, as condições do ambiente são imprevisíveis e, mesmo que haja um profissional, o bom andamento da prática, depende de cada um dos praticantes envolvidos. Dessa forma, as atividades de aventura na natureza são fortes aliadas à manutenção e à aquisição de boa saúde, tanto quanto a saúde é importante para manutenção da prática, tornando-se, assim, um ciclo.

Esse ciclo que se retroalimenta evidencia uma boa percepção de saúde. Nesta direção, o relato supracitado de Marcus Vinícius (67), ao se descobrir como um "super homem", chama atenção à importância da autoestima para essas pessoas. A manutenção da autoestima foi enfatizada por Buckley (2018), em estudo autoetnográfico, sobre sua carreira como praticante de caiaque, como um desafio durante o envelhecimento do praticante de atividades de aventura na natureza, que merece especial atenção, pois pode ser decisivo para a permanência na prática.

Outro fator que parece alimentar o interesse pela permanência na prática é o contato com a natureza, também mencionado por 15 participantes. Ao referir-se a esse estímulo, foram utilizados termos como estar na natureza, ar livre, sentir o mar, o vento, lugares diferentes, paisagem, amor pela natureza. Esse contato revela-se como meio para contemplação; como conexão com seu sentimento, com o sagrado, com a vida, e mesmo, como busca de cura, como pode ser ilustrado a seguir: "Conhecer mais lugares ou o lugar que eu já conheço e que é muito bom, poder ir mais de uma vez" (PROFESSOR, 62); "Se você observa uma árvore, você vai ver uma quantidade de vidas, de animais, de outras plantas. [...] Conviver com a natureza, com a criação, observar as coisas simples, pegar na terra e sentir o cheiro, a textura, isso tudo é gratificante" (MARIA, 63); "A maior motivação eu acho que é esse gosto, essa paixão que eu tenho pela natureza, por ambientes naturais. Eu sou apaixonado por isso, é um negócio difícil até de expressar, de narrar esse sentimento, é demais!" (KAKYTUS, 66); "Eu digo mundo natural, é o sagrado. Quando eu vou e piso naquela grama, eu digo:

'Puxa que bom, ainda consigo sentir a grama', eu vejo os passarinhos andando, eu sinto o vento batendo no rosto, os elementos da natureza, a umidade" (TEPAN, 65); e "Como tem a questão de ser ao ar livre, se tu estiveres atravessando um momento difícil na tua vida, tu esqueces, porque tu tens que te preocupar com a tua segurança" (ISA, 63).

Esse contato com a natureza foi percebido de diversas formas pelos entrevistados, como cenário para sua prática, seja ela de contemplação ou de realização de algumas atividades; como um retorno ao passado; como uma ligação espiritual; como cura; como meio de aprendizagem; e como parte de si. Considerando que essa relação entre homem e ambiente foi abordada transversalmente nas entrevistas, será discutida em um tópico específico.

Com relação às emoções vivenciadas, também relatadas por 15 entrevistados, foram utilizadas palavras como prazer, felicidade, satisfação, sensação fantástica, tranquilidade, alegria e curtidão. Tais emoções relacionaram-se à atividade que estão praticando, ao ambiente que a pratica proporciona, e à motivações intrínsecas, como ilustram as seguintes passagens: "O barco te dá um prazer que tu não precisas chegar para curtir, o prazer é estar velejando" (MANEIRO, 60); "O prazer de surfar, isso é a minha maior motivação e é um esporte bem prazeroso mesmo" (MACHUCHO, 66); "Mas com esse prazer de estar remando aqui todo dia e ter só amigos aqui dentro" (NETO, 68); e "Não tem nada especial, não tem ninguém cobrando, não é algo que eu faça por me falarem que faz bem e que deixa elegante, isso talvez seja consequência, não me preocupo mesmo com isso. É por satisfação!" (PROFESSOR, 62).

Figura 4: Manifestações de satisfação e felicidade. Professor (62) e Maria (63)



Observação realizada no dia 26 set. 2018.

Fonte: Autoria própria (2018).

Essas sensações também foram verificadas nas observações realizadas, como ilustra a Figura 4, onde Professor (62) espontaneamente faz pose para que sua foto seja tirada e Maria (63) brinca e se diverte na água, durante a trilha do Poção, no Córrego Grande, na tarde do dia 26 de setembro de 2018. Esses são apenas dois exemplos das muitas expressões de satisfação e alegria manifestadas pelos participantes do estudo enquanto realizavam suas atividades.

As atividades de aventura na natureza se caracterizam pela busca por sensações, diferentes daquelas costumeiras, a busca pela liberdade, pela paz, pela harmonia, pelo prazer (BETRÁN; BETRÁN, 2016; BRUHNS; MARINHO, 2012; MARINHO, 2008), além de sentimentos de orgulho, realização e recompensa, que são experimentados após a superação de desafios. O prazer, a alegria e a sensação de liberdade também foram percebidos pelos participantes do estudo de Minello e Nixon (2017), que foi realizado com 15 ciclistas homens, canadenses, com mais de 50 anos, com o objetivo de conhecer

o significado que eles atribuíam a essa atividade. Outros achados de Minello e Nixon (2017) que foram corroborados pelo presente estudo foram o bem-estar relacionado à saúde e o desenvolvimento de confiança e autoestima, mencionados anteriormente; e a camaradagem e amizades que a prática estimula (MINELLO; NIXON, 2017).

As relações estabelecidas por meio dessas atividades foram lembradas por oito participantes do presente estudo, visualizadas nas expressões amizades, grupo, troca de experiências, compartilhar, interação, coletividade. Esses resultados também corroboram os encontrados por Hickman *et al.* (2017), em seu estudo realizado com escaladores ingleses, com idades entre 65 a 82 anos, que perceberam o estabelecimento de relacionamentos de amizade e de cooperação, durante as escaladas em paredes artificiais. Segundo Marinho (2008, 2009), as situações vivenciadas pela prática de atividades de aventura na natureza podem estimular a partilha, o cuidado, a confiança e a percepção de afinidades, facilitando a aproximação entre praticantes e o estabelecimento de amizades.

Os resultados encontrados no presente estudo também se assemelham aos mencionados pelos surfistas do estudo de Wheaton (2016), com idades entre 45 e 70 anos, tendo identificado a espiritualidade, a proximidade com a natureza, as relações familiares e de amizades que se estabelecem, a diversão e a paixão pela atividade como valores culturais do surfe, que incentivam a continuidade da prática. A relação com a espiritualidade pode ser verificada na fala de três participantes do presente estudo. Considerando que a espiritualidade foi um tema recorrente em momentos variados e diversos das entrevistas, será tratada posteriormente, em um tópico específico.

Além das motivações mencionadas, seis participantes discorreram sobre estar focado na prática, abarcando os termos concentração, dedicação, envolvimento, entrega e vontade. A diversão também foi lembrada, sendo utilizadas as palavras brincar, brinquedo e diversão, propriamente dita. Quatro entrevistados mencionaram o processo de aprendizagem, por meio dos termos conhecimento, formação, curiosidade; outros ainda, se referiram à vida empregando as expressões vida, vital, estilo de vida. O vício foi mencionado tanto com relação a ser "viciado" na atividade, quanto à esta ser uma alternativa aos outros vícios. A adrenalina também foi uma palavra mencionada por três entrevistados.

As percepções de foco, diversão, relação com a vida, vício e adrenalina são expressões utilizadas pelos entrevistados para enfatizar a proximidade que se estabelece entre eles e a atividade praticada. Estar

totalmente focado na atividade e se divertindo, assim como a sensação de integração com a vida aproximam-na da ludicidade, uma vez que o lúdico só pode ser experimentado pela total entrega do praticante, que a realiza com um fim em si mesma e envolve sentimentos de prazer, criatividade, alegria e diversão, dentre outros (HUIZINGA, 2014). Tais percepções servem como incentivo para os entrevistados continuarem suas práticas.

As competições, como campo das possíveis experimentações das atividades de aventura na natureza, também fizeram parte da entrevista, por poderem esclarecer motivos para permanência na prática. Assim, foi verificado que elas fazem, ou fizeram, parte da prática da maioria dos entrevistados: oito afirmam ainda participar e cinco afirmam que, embora não participem mais, já participaram. Os aspectos da saúde, de gostar da atividade e de gostar de competir ficam bem evidentes no discurso dos entrevistados que afirmam participar de competições, salientando que eles não se mantêm restritos a estes aspectos, mencionando, também, outras questões expostas anteriormente. Da mesma forma, o gosto pela atividade e a preocupação com a saúde aparecem nas falas de algumas pessoas que competiram e de outras que nunca competiram.

Geralmente a competição é percebida por eles como um estímulo para se manterem e evoluírem na prática, pois estabelece objetivo, demanda disciplina e testa suas capacidades. Embora os entrevistados participem de modalidades variadas, as praticadas pelos que ainda competem são remo olímpico (5), corrida (2) e *windsurf* (1). Para os que já participaram e não o fazem mais, as modalidades são corrida (3), surfe (1) e barco a vela (1).

Nem todos praticam, atualmente, a mesma modalidade pela qual competiam. Nunatak (62), Gato do mato (65) e Luiz (74) competiam em corridas e hoje realizam outras atividades de aventura na natureza como *trekking*, trilha, espeleologia, ciclismo, dentre outras. Porém, enquanto Gato do mato (65) pretende voltar a participar de competições novamente, Nunatak (62), sente vontade, mas acredita que não voltaria, por não ter mais as competições como prioridade, e Luiz (74) afirmou não pretender competir novamente. Maneiro (60) conta com empolgação das competições das quais participou, mas declara preferir não competir mais, pois isso poderia prejudicar seu trabalho.

Machucho (66), praticante de surfe, confessa que participou quando era mais novo, mas que gosta mesmo de surfar, da prática. Tepan (65) participa de competições de remo olímpico; participa de competições de surfe, esporadicamente; mas de voo não, justificando:

"Porque o surfe é mais espiritual, como o voo livre. Eles têm mais a ver com as emoções. Não é assim: 'Vou ganhar de outro.' Não. É só prazer. Estou comigo". Enquanto Garça (65), também praticante de surfe, nunca participou de competições: "O surfe para mim nunca foi competição de nada" Para ele surfe e competição são incompatíveis.

De forma geral, os competidores demonstram prazer em falar de suas participações em provas, não necessariamente de seus resultados, mas do orgulho e prazer que sentem em participar. No entanto, esses três praticantes de surfe, embora tenham contatos diferentes com as competições, deixam claro em suas falas, que o prazer que sentem nessa modalidade vem muito mais da prática em si, do que da disputa.

Essa percepção assemelha-se ao estudo de Stebbins (2005), realizado com 63 praticantes de atividades de aventura na natureza, no Canadá, sendo 23 alpinistas, 24 canoístas e 16 *snowboarders*, com idades médias variando entre 24 e 32 anos, cujo objetivo foi analisar seu estilo de vida, sua carreira e os custos e recompensas das atividades praticadas. Nesse estudo, embora a faixa etária seja diferente da contemplada nesta dissertação, é interessante verificar que os praticantes perceberam que o motivo para gostarem de realizar tais atividades estão associados às melhorias nas habilidades, nos conhecimentos e no sentimento de realização própria, e não, necessariamente, nos resultados das competições, propriamente ditas.

Outros dez entrevistados, além de Garça (65), nunca participaram de competições e relatam como motivos para não competirem: não se sentirem pessoas competitivas, acharem que a competição faz mal ao corpo e a mente, não se sentirem fisicamente preparados, preferirem apreciar as belezas naturais, não terem mais esse objetivo ou ainda, não ter tido oportunidade. Desses 11 entrevistados, quatro disseram que gostariam de competir, uma ficou indecisa e seis disseram que não participariam, sendo que, destes, três foram bem enfáticos nessa afirmação. Cabe salientar que, seja em competições, ou fora delas, a busca dessas pessoas em suas práticas é por diversão, satisfação e prazer.

Os conceitos tomados pelo senso comum sobre algo está intrinsecamente relacionado a uma simbologia estabelecida sobre esse algo. Assim, a simbologia da competição esteve, durante muito tempo, focada nas regras, na performance e na disputa; enquanto o simbolismo relacionado às atividades de aventura esteve voltado para o desafio, a diversão e a solidariedade (PEREIRA; AMBRUST; RICARDO, 2008). Enquanto o desafio une essas atividades à competição, a diversão e a

solidariedade parecem separá-los, manifestando nessa união uma das contradições humanas.

A partir do momento em que essa percepção é despertada, o esporte e a competição não podem mais ser vistos apenas a partir do prisma do desempenho. Assim, diversão, o autoconhecimento, a subjetividade, o simbolismo, as sensações, os sentimentos e a intuição podem desempenhar um papel fundamental na performance (PEREIRA; AMBRUST; RICARDO, 2008). Elas são intrínsecas ao ser humano, não sendo possível desvinculá-las por serem parte da complexa teia que compõe o viver. Percebe-se que a diversão, a satisfação e o prazer também fazem parte da competição, não apenas de seu resultado, mas da sua vivência. Sendo, desta forma, uma escolha do praticante optar pela maneira que lhe convém para a manifestação de sua prática.

Ainda com o intuito de conhecer os motivos de permanência dos praticantes foram questionados, durante a entrevista, sobre a sua satisfação com a atividade praticada. Verificou-se que ela está relacionada a diversos fatores, como a manutenção de sua saúde física, mental e emocional; o estabelecimento de relações sociais; a aquisição de conhecimento; de autoconhecimento; sentimentos ou sensações advindos da prática; a espiritualidade; e o contato com a natureza, corroborando com os motivos apresentados anteriormente. No entanto, também são críticos ao perceberem alguns fatores que lhes causam insatisfação como condições climáticas extremas ou desfavoráveis para a prática; relações sociais; questões ambientais; questões de infraestrutura relacionadas à atividade; além de questões pessoais. A seguir, o Quadro 2 apresenta uma comparação entre os motivos de satisfação e insatisfação com as atividades praticadas, relatados pelos entrevistados.

Quadro 2: Satisfação e insatisfação com as atividades praticadas

	Entrevistados que relataram como motivos de satisfação	Entrevistados que relataram como motivos de insatisfação
Natureza	11	4
Relações sociais	9	5
Infraestrutura	1	4
Sentimentos	13	0
Saúde	8	0
Autoconhecimento	6	0
Conhecimento	6	0
Espiritualidade	4	0
Questões pessoais	0	6
Condições climáticas ou ambientais	0	4

Fonte: Autoria própria (2019).

O contato e o amor pela natureza e a contemplação foram mencionados como motivos de satisfação; enquanto os de insatisfação foram a degradação ambiental, a poluição, a falta de amor e cuidado do ser humano com a flora e a fauna. Nas relações sociais a satisfação vem da interação, da amizade, do contato com o grupo e das trocas de experiência, e a insatisfação da agressividade, do egoísmo e do desrespeito que são manifestados em alguns momentos, por exemplo no remo olímpico, na corrida, na trilha e no surfe.

As relações que se estabelecem foram mencionadas como importantes nessa prática para nove entrevistados, seja a relação com outros praticantes, com instrutores, com amigos e com a família. A família é mencionada pelos entrevistados não só como fator incentivador, ou porque apoiam a prática por meio de elogios, admiração e incentivos materiais, como as famílias de Júlia (65) e Moana (61) que as presenteiam com equipamentos, mas também como membros participantes; como o filho de Indian (60) e as esposas de Henrique (68) e de Maneiro (60) que, além de, por vezes, acompanharem-nos em suas práticas, também acompanharam nas

observações; Professor (62) e Maria (63) que são casados e, frequentemente, realizam trilhas juntos; e a família de Mama (64) que pratica *stand up paddle* com ela.

Essas relações podem se dar por meio da descoberta e do compartilhamento de interesses comuns, seja com relação à própria atividade, ou outros surgidos nas conversas, pelo sentimento de solidariedade existentes dos grupos, pelo ambiente de descontração propiciado pela prática e pelo convívio diário e prolongado. Na Figura 5, Indian (60) observa a Lagoa da Conceição ao lado de seu filho. Nesse dia, 23 de junho de 2018, foi possível constatar a cumplicidade e a cooperação entre pai e filho, que se ajudam durante a prática para entrar e sair da água, arrumar os equipamentos, conversar sobre as condições do clima e fazer companhia um ao outro.

Figura 5: Indian (60) com seu filho, esperando o vento "entrar"



Observação realizada no dia 23 jun. 2018.

Fonte: Autoria própria (2018).

Schwartz *et al.* (2016) lembra que a família pode ser incentivadora, mas também pode criar empecilhos para a prática de atividades de aventura na natureza, geralmente relacionados à segurança ou por desacreditar no potencial do praticante. Embora esse estudo se

refira à participação feminina nessas atividades, e esse descrédito não tenha sido apontado no presente estudo, tal visão pode ser estendida aos praticantes com 60 anos ou mais, e pode se constituir em uma barreira para a sua inserção ou permanência na prática.

Nas observações realizadas nesse estudo, as interações sociais foram visíveis como Marcus Vinícius (67) que chega na aula de canoagem havaiana animado, cumprimentando e fazendo piadinhas com todos e Henrique (68), que nas trilhas sempre está disposto a ajudar, a dar um conselho e conversa com todos que encontra com bastante simpatia e solicitude. Kakytus (66) também conversa com todas as pessoas que o abordam, principalmente se for para pedir informação sobre o grupo de aventura que coordena e as atividades que realizam. Os outros participantes brincam que se não tirarem ele de lá, fica o dia inteiro conversando. No dia da observação de Lili Curly (60), ela remou em guarnição, num barco com outras três pessoas, ao final comentou alegremente que prefere quando o treino é assim, coletivo.

Além do registro escrito, advindo do diário de campo, as imagens obtidas nas observações também podem ilustrar alguns momentos dessas relações. Na Figura 6, Caco (61) brinca e interage com os outros participantes do grupo de canoagem havaiana, durante a observação realizada na manhã do dia 20 de julho de 2018, na Lagoa da Conceição.

Figura 6: Caco (61) interagindo com o grupo da canoagem



Observação realizada no dia 20 jul. 2018.

Fonte: Autoria própria (2018).

Por sua vez, dois participantes relataram que gostam de estar sozinhos durante a realização da atividade. Um deles, Urbe (70), mencionou não ter problema em estar acompanhado, mas, na atividade que pratica, a corrida, estar sozinho, na maioria das vezes, facilita a dinâmica do treino. A outra, Isa (63), relata preferir ficar sozinha e fazer sua modalidade, que é o remo olímpico, individualmente. Esta participante está passando por um momento difícil na vida e por isso prefere se manter mais distante das pessoas. A Figura 7 mostra Isa (63) em sua prática individual e introspectiva, um momento para reflexão, observado durante seu treino, na manhã do dia 30 de maio de 2018, na Baía Sul.

Figura 7: Isa (63) prefere a prática individual



Observação realizada no dia 30 maio 2018.

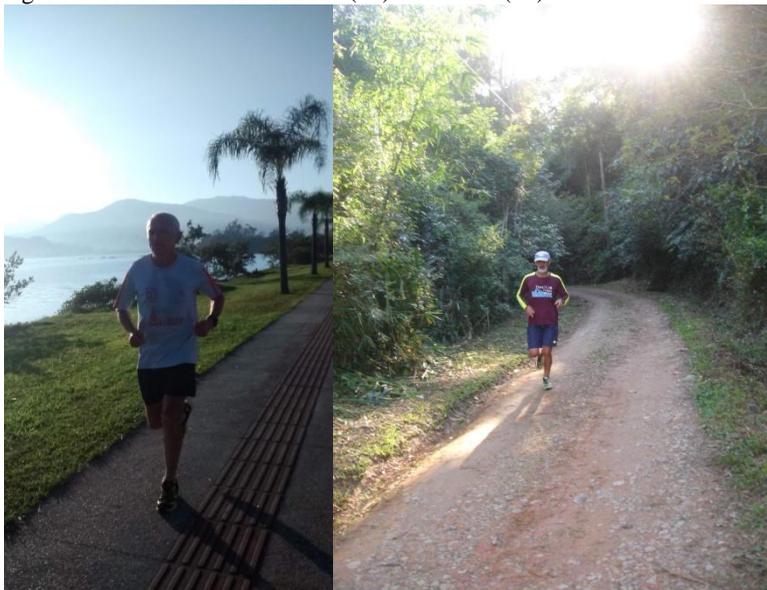
Fonte: Autoria própria (2018).

As atividades de aventura permitem a prática individual e coletiva, podendo esta última ser praticada em cooperação, onde as ações de todos os praticantes são interdependentes, ou de forma independente, em que cada participante realiza a atividade individualmente, mesmo estando em grupo (BETRÁN; BETRÁN, 2016). As Figuras 6 e 7 ilustram a prática de atividades individuais, a Figura 8, a prática coletiva em cooperação, pois, no remo, todos têm que remar juntos, ou seja, os movimentos devem ser sincronizados, para que barco deslize, assim a ação de um depende da ação do outro. Por sua vez, a atividade coletiva, mas independente, pode ser ilustrada por uma trilha realizada em grupo, na qual não se realiza uma ação coletiva.

A Figura 8 ilustra a treino individual de Urbe (70), realizado na Beira Mar Norte, na manhã do dia 07 de agosto de 2018 e de Roberto (67), na trilha do topo do morro da Lagoa da Conceição, realizado na manhã do dia 31 de julho de 2018, possibilitando maior autonomia na decisão do horário de início e finalização da prática, bem como decisão da distância a ser percorrida e do local. Enquanto a Figura 9 revela o treino realizado em equipe, por Neto (68), Lili Curly (60) e outro dois

remadores. Prática que permite a troca de experiências e percepções, estabelecimento de laços de amizade e cooperação.

Figura 8: Prática individual. Urbe (70) e Roberto (67)



Observações realizadas nos dias 07 ago. e 31 jul. 2018, respectivamente.
Fonte: Autoria própria (2018).

Figura 9: Prática coletiva. Neto (68) e Lili Curly (60)



Observação realizada no dia 24 ago. 2018.

Fonte: Autoria própria (2018).

Assim, observa-se que, nas práticas de atividades de aventura vivenciadas coletivamente, pode-se destacar como aspectos positivos: a cooperação, o comprometimento, o apoio, as trocas de informações e aprendizagens, o compartilhamento de emoções, a busca de interesses afins, a sociabilidade enfim. (MARINHO, 2009; SANTOS; MARINHO, 2014). Por sua vez, como aspectos positivos das atividades praticadas individualmente, Wheaton (2016) destaca o controle do próprio tempo, a independência, e a própria determinação do nível de esforço.

Com relação à infraestrutura das atividades o motivo de satisfação apontado por um dos entrevistados foi a evolução das manobras e equipamentos, e as insatisfações se relacionam com os custos dos equipamentos e da prática; problemas nos equipamentos e infraestruturas; e a falta de informação.

Os avanços que vem ocorrendo nos equipamentos para a prática das atividades de aventura na natureza ao longo das últimas décadas, seja em questão de segurança, proteção, performance, facilidade, ou conforto, têm estimulado a participação cada vez maior e de diferentes públicos nessas atividades (WHEATON, 2016; BETRÁN; BETRÁN, 2016), embora, nem sempre, seus custos as tornem acessíveis

(PIMENTEL; SAITO, 2010). É importante ressaltar que, é possível que alguns praticantes, que realizam suas atividades desde a juventude, e atingiram um bom nível de performance, tenham percepções diferentes das evidenciadas no presente estudo, como reflete Buckley (2018), em sua investigação autoetnográfica, sobre sua carreira como praticante de caiaque, nos Estados Unidos. Segundo esse autor, com o envelhecimento ocorre o declínio de capacidades, como força, agilidade e flexibilidade, podendo aumentar a probabilidade de contratempos, além de uma maior sensação de cansaço e suscetibilidade às condições climáticas.

Enquanto isso, suas aspirações continuam as mesmas, demorando mais tempo para que se ajustem a esse declínio (BUCKLEY, 2018). O autor reflete que essa dificuldade pode ser o efeito da comparação que a pessoa estabelece entre suas conquistas e aspirações no passado, no presente e no futuro, e que essa comparação pode levar a um sentimento negativo, de se sentir um fardo; mas, por outro lado, o praticante pode se sentir feliz e satisfeito com seus triunfos passados.

Com relação às instalações, os entrevistados relatam a necessidade de apoio e incentivo para o desenvolvimento e manutenção da modalidade, sejam competitivas ou não; refletem a necessidade de investimentos públicos na promoção e adequação dos ambientes urbanos para a prática dessas atividades, como, por exemplo as ciclovias. Rech *et al.* (2018) realizaram um estudo de revisão sistemática sobre barreiras percebidas pela população brasileira para a prática de atividade física no lazer. Foram encontrados 25 estudos, seis deles referentes à população idosa, publicados entre os anos 2000 e 2016.

Esses seis estudos apontaram que as principais barreiras relatadas por essa população foram intrapessoais, como doenças, limitações físicas, falta de recursos financeiros, falta de motivação, dentre outros. No entanto, aspectos relativos ao ambiente, como clima inapropriado, falta de instalações, espaços e equipamentos para a prática das atividades, e falta de segurança, também foram mencionados pelos idosos (RECH *et al.*, 2018). Nesse sentido, Rechia *et al.* (2015) chamam a atenção para a necessidade de um maior comprometimento das políticas públicas de lazer no Brasil, no sentido de conhecerem e atenderem as manifestações humanas e culturais, contribuindo, assim, com a melhoria da vida de todas as pessoas e a conquista de ambientes mais vivos, seguros, sustentáveis e saudáveis.

As questões pessoais referem-se à alguma preferência ou algum problema vivenciado pelo praticante, como, por exemplo, não gostar de frio, não gostar de calor, ter menos tempo do que gostaria para a prática

ou esquecer-se de levar água. Por sua vez, as condições climáticas referem-se à falta de onda, de vento e de locais apropriados para a prática. Destaca-se, ainda, que nove participantes relataram não sentir qualquer insatisfação com as atividades praticadas.

O ambiente e as energias da natureza, como as condições meteorológicas, a temperatura, a velocidade dos ventos, a força das ondas, etc., são condicionantes para a prática dessas atividades (BETRÁN; BETRÁN, 2016; MARINHO, 2008), influenciando o momento de início e finalização, a duração, a frequência, e muitas vezes, a intensidade; chegando, inclusive, a impedir sua realização. Essa é uma condição da atividade de aventura na natureza para a qual o praticante necessita ter conhecimento, adquirir experiência e levar em consideração com bom senso, pois pode garantir a sua segurança, ou colocá-lo em risco.

Os entrevistados relataram algumas atitudes que poderiam contribuir com a prática das atividades de aventura na natureza. Nunatak (62) e Maria (63) incentivam o contato das crianças com a natureza e com atividades ao ar livre. Já Garça (65), Kakytus (66), Henrique (68) e Gato do mato (65) mencionam a importância da educação e da instrução de forma geral, para que as pessoas sejam menos ignorantes e respeitem mais uns aos outros e ao ambiente. Considerando que as atividades de aventura na natureza são vivenciadas, pela maioria dos praticantes, no lazer, podem ser uma oportunidade para o desenvolvimento de aprendizagens (BETRÁN; BETRÁN, 2016; MARINHO, 2008), enfatizando serem indispensáveis durante o envelhecimento (CRESPO, 2011).

Diante dos dados apresentados, verifica-se que o contato com a natureza, as emoções experimentadas, a saúde, as relações sociais, o conhecimento e a espiritualidade são apresentados tanto como motivos, pelos quais os entrevistados iniciaram e continuam praticando as atividades de aventura na natureza, quanto como motivos de satisfação para com a atividade. Esses resultados também se assemelham aos significados que os mesmos atribuem à prática de suas atividades, que serão apresentados no próximo tópico.

4.3 E PARA VOCÊ, O QUE É A AVENTURA? OS SIGNIFICADOS DAS ATIVIDADES DE AVENTURA NA NATUREZA

"[...] seu grande amigo Nafisa, um elefante que havia se perdido da manada e vivia sozinho pela savana [...] se abaixou e Obax subiu em suas

costas para uma longa aventura. Seguiram por estradas de areia que pareciam não ter fim, subiram e desceram montanhas, atravessaram a nado rios e mares. Conheceram também grandes aldeias e cidades"

(NEVES, 2010, p. 19-21)

Alguns termos, como vida, saúde, bem-estar e natureza se repetem em suas falas dos participantes quando se referem aos significados que atribuem às atividades de aventura na natureza que praticam. No entanto, esses termos foram trazidos sob interpretações subjetivas de cada um deles e vêm acompanhados de outras explicações que refletem não somente a relação do praticante com a atividade, mas a sua experiência de vida. Tais interpretações revelam os ressignificados que os praticantes atribuem às experiências vividas, bem como a sua transformação diante dessas práticas (BRUHNS; MARINHO, 2012).

A palavra vida foi a mais mencionada nos discursos dos entrevistados e, quando não aparece, está de alguma forma implícita. Percebe-se também que embora utilizem a mesma palavra, as conotações são variadas, inseridas em seus contextos particulares. Para além do próprio sentido fisiológico, abarca outros, como modo de viver, escolha, satisfação, realização, oportunidade, alegria, ocupação, saúde, ânimo, contato com o outro e com a natureza.

Os seguintes relatos ilustram alguns desses sentidos: "Eu acho que [o remo] é muito importante para mim. Eu não sei nem especificar qual a importância dele. Mas sinto que é muito importante, de certa forma, ele está me mantendo em forma, saudável, lúcida" (ISA, 63); "uma alegria de vida. O dia que eu não remo não é igual. Depois da remada, você sai com uma energia para o dia inteiro! Carrega toda a tua bateria. Tem uma alegria que vem junto, sabe?" (MOANA, 61); "Vida, é uma oportunidade de ter contato com a natureza, com gente mais jovem e isso é muito prazeroso. Significa muito para mim. A canoagem foi um diferencial na minha vida" (JÚLIA, 65); "Eu não vivo sem isso, é a minha vida. [...] O barco é que me dá forças para eu aguentar o resto todo" (MANEIRO, 60) e

Eu consigo encontrar esse equilíbrio nessas atividades. [...] Aparecem coisas difíceis na vida, muito difíceis; que eu acho que se eu não tivesse essa fuga, digamos assim... eu não digo que é uma fuga, é uma atividade. Uma atividade que me

complementa, não é uma fuga, eu não fujo para lá, eu me encontro lá. (KAKYTUS, 66).

Cabe salientar que apesar das inúmeras conotações delegadas à palavra vida, verifica-se em seus discursos que as atividades de aventura na natureza representam, para esses praticantes, uma profunda percepção da potencialidade que existe em "estar vivo". A sensação de estar vivendo intensamente, em uma fase da vida em que todos creem estar se aproximando da morte, é quase como um grito de libertação.

Uma praticante de caiaque de 69 anos, participante do estudo de Hickman *et al.* (2016), mencionou fuga e vida. Ela refletiu que essa atividade, para ela, nunca foi uma fuga ou um meio de enfrentamento, mas representou sua "vida real", onde experimentava suas alegrias, onde se conectava com o trabalho, com o exercício, com lugares familiares, com a vida selvagem e com a paisagem; e isso, a fez amar essa atividade por toda a vida. No entanto, os autores ressaltam que o enfrentamento faz parte da rotina diária contemporânea, e que não é possível dissociá-lo, ou descartá-lo, mesmo quando se está saboreando essa prática, embora reconheçam que essas atividades podem amenizar o sofrimento causado por esse enfrentamento.

Stebbins (2000) também trata desse sentimento de obrigatoriedade que enfrentamos diante das exigências sociais. Para esse autor, as pessoas fazem ou deixam de fazer algo quando se sentem obrigadas a isso por convenção, mesmo que desejem o contrário, causando-lhes frustrações. No entanto, nem sempre a obrigação tem uma conotação ruim, pois ela pode ser agradável (STEBBINS, 2000), como por exemplo, um músico que necessita ensaiar todos os dias, pode não sentir isso como uma obrigação, pois ele ama a música, o que pode tornar o ensaio agradável para ele. Percebe-se assim, a dificuldade em estarmos livres de qualquer obrigação ou convenção social, mesmo quando se realiza uma atividade que se ama.

Outro estudo de Ingman (2017) visou conhecer os significados atribuídos às experiências de aventura. Trata-se de um retrato fenomenológico de um alpinista estadunidense, de 27 anos, branco, casado e homossexual; selecionado intencionalmente e por conveniência, devido à sua experiência com aventura e a relação pessoal que possuíam, pesquisador e pesquisado. Os resultados encontrados nesse estudo foram categorizados em quatro temas: viver a vida; fuga; solidão e fraternidade; e desafio, que serão apresentados a seguir, relacionando-os ao achados da presente investigação.

A noção de que essas atividades são significativas por si mesmas é apresentada por esse alpinista. Para ele é sua forma de viver, de sentir que está vivo e de se conectar ao ambiente, sentir que é parte dele, e sua magnitude, não ser um mero observador. As emoções vivenciadas durante a aventura são intensas, novas, envolventes, memoráveis e, por isso, significativas, sejam momentos felizes, ou de medo e infelicidade. Reconhece a emoção como um elemento ativo da experiência, que influencia o foco e a presença integral na atividade. Para esse alpinista, a lembrança viva de sensações físicas e mentais permanece por um longo tempo. São experiências maiores, nas quais ele se foca, reconhecendo "o resto" como vivências rotineiras, cotidianas (INGMAN, 2017).

Considerando que a busca por sensações e emoções é uma característica que diferencia as atividades de aventura na natureza (BETRÁN; BETRÁN, 2016; BRUHNS; MARINHO, 2012, 2008), destaca-se que várias delas foram evidentes nos discursos dos entrevistados do presente estudo como liberdade, prazer, satisfação, tranquilidade, alegria, diversão, plenitude e bem-estar, e até mesmo contraditórias, como a dor. Tais sensações podem ser intensificadas pelo fato de essas práticas serem descompromissadas (MARINHO, 2008).

Nesse sentido, a "fuga" que, ao mesmo tempo, é o encontro consigo mesmo relatado por Kakytus (66), se aproxima da percepção do alpinista do estudo de Ingman (2017). Para ele, a aventura é uma forma de se distanciar das tensões e expectativas cotidianas, seja das pressões estabelecidas por outras pessoas, como das impostas por ele mesmo; percebe a aventura como um alívio físico e mental que mantêm sua saúde, sendo assim, uma fuga e, ainda que, a concentração necessária para a realização dessa atividade, proporciona distração e reflexão (INGMAN, 2017).

Nas três pesquisas - Hickman *et al.* (2016), Ingman (2017) e no presente estudo - a palavra fuga aparece como um distanciamento da vida cotidiana comum, de suas regras e repressões sociais (BETRÁN; BETRÁN, 2016; BRUHNS; MARINHO, 2012; MARINHO, 2008), estabelecendo-se um ideário de vida, diferente da vida contemporânea. Não se trata de uma fuga da realidade, mas de algo almejado, um reencontro contínuo consigo mesmo, com o mundo, com o outro e com a sensação de estar vivo.

No estudo de Ingman (2017), a solidão e a fraternidade se referem a vivenciar aventuras, sozinho ou acompanhado de poucas pessoas que são suas aliadas, ou seja, não são de seu convívio social rotineiro e não estabelecem pressões e expectativas. Ambas foram

reconhecidas como diferentes, mas significativas para o alpinista. Estar sozinho, nessa atividade, desperta uma natureza espiritual, além do sentimento de solidão, que também pode ser percebido nas experiências em grupo - a solidão em grupo. Por outro lado, o enfrentamento de experiências de aventura em grupo une os praticantes, surgindo entre eles um sentimento de fraternidade, incentivado pelo objetivo comum. Assim a fraternidade e a solidão são percebidas, pelo alpinista, como não paradoxais e compartilhadas pelo grupo (INGMAN, 2017).

A solidão e a fraternidade, mesmo que não estejam descritas com os mesmos termos, também foram relatadas no presente estudo. A introspecção e busca pelo autoconhecimento expressos no relato de Henrique (68) congraçam com a natureza espiritual da solidão, mencionada no estudo de Ingman (2017), como demonstra o relato:

Quando cheguei, parei no topo do Cambirela, olhando tudo lá embaixo e disse 'E agora? Vim buscar uma solução' Mas parei e pensei 'Que solução? Que problema?' Isso depois de ter olhado para baixo por algum tempo, pensei 'Não existe problema. Eu estou no topo da montanha, nada me incomoda, nada me perturba. O dia está quente, está calor, está bonito como eu gosto. Nada me falta, tenho água, tenho comida, tenho a montanha, tenho a natureza, tenho esse vento aqui em cima. Pelo que estou vendo, os problemas estão todos lá embaixo. Aqui em cima não existem problemas' [...] Bom, aí eu aprendi que eu não tenho problema, que nós não temos problemas quando somos maiores do que os problemas. E você vai descobrir como você é maior do que você mesmo, a tua grandeza interior, você vai descobrir que você é maior do que si mesmo, maior do que qualquer problema, quando você está no alto da montanha. (HENRIQUE,68)

Já o registro da observação de Marcus Vinícius (67) ilustra um momento que só é compartilhado e vivido pelo grupo que participa da canoagem junto dele: "Logo que subiu na canoa Marcus Vinícius cumprimentou bem alto 'Bom dia!', como se estivesse cumprimentando o dia e a lagoa, talvez a vida, pois as pessoas, ele já tinha cumprimentado todas" (DIÁRIO DE CAMPO, 03 de agosto de 2018).

Quanto aos desafios, sete entrevistados mencionaram ser a continuação da prática. Outros desafios relatados se referiram a vencer competições, adquirir conhecimento e autoconhecimento, viajar praticando a atividade, manter a saúde, a performance, a segurança e a vontade. Tratam-se, em sua maioria, de desafios físicos e mentais, como os reconhecidos pelo alpinista do estudo de Ingman (2017). Ele mencionou, ainda, não só a necessidade de enfrentar cada um dos obstáculos durante a realização da atividade, mas também, de estar em um local desconhecido, incomum e repleto de incertezas, algo que não foi relatado pelos participantes do presente estudo.

Cabe salientar dois relatos interessantes do presente estudo, que destoam dos resultados apresentados por Ingman (2017) quanto aos desafios. Urbe (70) aponta como principal desafio chegar ao final das corridas sorrindo, indicando ir além dos aspectos físicos e mentais, buscando também um equilíbrio emocional, um encontro consigo mesmo. Já Kakytus (66) afirma não se impor desafios. Interpreta o desafio de uma maneira negativa, algo que cria muita expectativa e prefere fazer as coisas mais tranquilamente. Apresentando uma interpretação diferenciada para o desafio que é um elemento constante nessas atividades, conforme Marinho (2008) e Pereira, Tavares e Suzuki (2016).

Ingman (2017) lembra que, embora esses temas tenham sido apresentados separadamente, todos estão inter-relacionados. Esses significados apontados por um alpinista de 27 anos, aproximam-se dos mencionados pelos participantes da presente pesquisa, em que pese as diferenças cronológicas dos participantes, e metodológicas dos estudos. Pode-se ponderar, a partir disso, que o envelhecimento não nos torna tão diferentes do que fomos anteriormente e que, portanto, deve ser estudado e concebido como uma continuação de nossas vidas, sem qualquer pesar. Torna-se necessário e urgente que esse tipo de reconhecimento sobre o envelhecimento seja amplamente difundido e refletido pela sociedade, em busca de uma melhor compreensão, menos preconceituosa e prejudicial a essa população.

Além dos significados já apresentados, três entrevistados mencionaram a palavra "tudo" sobre os significados das atividades de aventura na natureza que praticam, dois deles afirmam que a atividade é tudo para eles, e um afirma que a atividade é importante, mas que não é tudo, e que tem muitos outros interesses:

Eu adoro surfar [...] mas o surfe para mim não é tudo, não. Tem muitas outras coisas que eu quero

fazer na vida também. Eu acho isso uma visão muito restrita. O surfe para mim é uma parte importante da vida, que eu pretendo manter até quando for possível, mas de jeito nenhum surfe é tudo (GARÇA, 65).

O fato de os entrevistados se referirem às atividades que praticam como "tudo" pode não significar, necessariamente, que eles não tenham outros interesses, mas revela, no entanto, intensos envolvimento e satisfação desses praticantes com a atividade. Esse envolvimento pode ser momentâneo, ou pode se prolongar no decurso de suas vidas (STEBBINS, 2005), como ocorre com Garça (65), quem, embora afirme que a atividade seja uma parte importante de sua vida, e que existem outras coisas importantes também, permanece surfando desde a adolescência. Pode-se conjecturar que, para os dois primeiros, a atividade praticada seja a prioridade, fato que pode não ocorrer com Garça (65), que deixa seu leque de opções em aberto, para poder desfrutar de seus interesses como melhor lhe convier, delegando semelhante importância a essa e a outras atividades.

Sobre os momentos marcantes, quase todos (23) mencionaram momentos de satisfação, como, por exemplo, situações compartilhadas com familiares e amigos; instantes de contemplação da natureza, sejam paisagens ou animais; conquistas, como títulos em competições, ou a superação de obstáculos. Onze entrevistados também mencionam situações de risco, acidentes e tensão. Dois, mencionaram ainda que todos os dias são marcantes.

Destaca-se, no entanto, dois relatos diferenciados. Tepan (65) revela como momentos marcantes as primeiras vezes: a primeira onda, o primeiro tubo, a primeira vez em que voou sozinho, enfatizando que todas as outras vezes em que se pratica a mesma modalidade, se faz em busca dessa sensação primordial. Já Garça (65) relata um momento de solidão: "Eu vesti minha roupa de borracha, peguei meu pranchão, subi a dunazinha, estava na areia, olhei para um lado, ninguém, olhei para o outro, ninguém, olhei para frente, ninguém, era só eu e o mar" (GARÇA, 65), demonstrando sentimentos de comunhão, harmonia, união, compartilhamento, sintonia, um encontro consigo mesmo e com tudo, com o mundo.

Quando questionados sobre a possibilidade de qualquer pessoa realizar as atividades de aventura que praticam, três deles apontaram aspectos relacionados à idade. Cocoroca (89) e Garça (65) mencionaram que pessoas mais jovens têm maior facilidade em aprender o remo

olímpico e o surfe; e Roberto (67) afirmou que algumas pessoas mais velhas não conseguiriam completar determinadas provas de corrida, considerando as dificuldades e os obstáculos do percurso e o tempo pré-determinado para a prova.

A maioria deles (23) percebeu sua modalidade como inclusiva, mencionando que qualquer pessoa poderia praticá-la, destes, cinco afirmam que inclusive pessoas com deficiência, salientando que vêm como importante a presença de um profissional que possa acompanhá-los, garantindo sua segurança, e que a atividade seja adaptada às suas limitações. Uma entrevistada, após refletir um pouco, não soube afirmar se pessoas com deficiência poderiam praticar, defendendo que apenas um profissional poderia assegurar essa informação. Alguns mencionam, ainda, que podem haver limitações físicas e psicológicas (8), e de afinidade com a modalidade (3).

É possível que os significados relacionados às atividades de aventura na natureza, percebidos pelos entrevistados expressem os próprios significados que compreendem para suas vidas, de encontro, de desafio, de superação, de alegria, de conhecimento, de oportunidade e de saúde. Tais significados, bem como os sentimentos e reflexões despertados pelas atividades de aventura na natureza são manifestações que podem compor o lazer.

4.4 LAZER AVENTUREIRO: PERCEPÇÕES DE LAZER

"Obax e Nafisa viram chuva de água, chuva de pedras, chuva de estrelas, chuva de folhas quando o vento estava agitado; e nos lugares mais frios, viram chuva de flocos de algodão. Quando perceberam, eles haviam dado a volta ao mundo e estavam novamente no ponto de partida: a savana. Mas não encontraram sequer uma chuva de flores"

(NEVES, 210, p. 22-23)

Todos os entrevistados perceberam as atividades de aventura na natureza que praticam como lazer, por sentirem prazer, felicidade, relaxamento, diversão, como pode ser observado nas falas "Sim, porque eu gosto, porque é um momento em que eu me sinto muito bem. Parece que eu consigo me soltar" (PROFESSOR, 62), "É muito divertido. Quando o mar está bom é uma sensação de prazer enorme" (GARÇA, 65) e "Sim, a gente se diverte muito, ri bastante, às vezes, se distrai até demais" (CACO, 61). Mesmo aqueles que treinam com foco em

competições, afirmam que, pelo prazer que sentem e pelo contexto da atividade, consideram que o lazer também é parte de sua prática, como relatam Cocoroca (89): "Também, porque aqui você está à vontade, se sente bem, conversa, bate-papo. Também é o lazer, o esporte também é um lazer" e:

Não, aqui para mim é competição. Mas é claro que está embutido o lazer. Eu falo competição com uma certa exibição, porque é claro que o lazer está embutido. Eu venho aqui com o maior prazer do mundo, não recebo nada para fazer, venho todos os dias. Então é claro que o lazer está embutido. (NETO, 68).

Robert A. Stebbins apresenta sua teoria sobre a perspectiva de "lazer sério". Esse autor divide o lazer em três categorias, de acordo com o envolvimento, o comprometimento e a identificação das pessoas, a saber, lazer casual, lazer baseado em projeto e lazer sério. O lazer casual produz alto nível de prazer, de curta duração, descompromissado, que não exige o cumprimento de horários e regras, tampouco habilidade especial do participante como brincar, relaxar e assistir televisão (STEBBINS, 2005, 2014b; HEO *et al.*, 2013).

O lazer baseado em projeto são manifestações que ocorrem ocasionalmente, que exigem criatividade, habilidade, conhecimento e dedicação, mas, para o qual, não há intenção de continuidade, como por exemplo, festas de aniversários e comemorações de feriados (STEBBINS, 2005). Por sua vez, o lazer sério ocorre por gosto e satisfação do participante, que pode ser um amador, um voluntário ou um *hobbyist* (pessoas que se dedicam a algum *hobby*), sendo-lhe importante e gratificante; por meio de uma prática sistemática, na qual a pessoa constrói uma carreira de lazer, ao longo do tempo, envolvendo a aquisição de habilidades, conhecimentos e experiências, que exige esforço e dedicação (STEBBINS, 2005, 2014b). Além disso, por meio do lazer sério pode-se obter benefícios pessoais e sociais como sentimento de autorrealização, aumento da autoestima, redução do estresse, estabelecimento de amizades e relações sociais aprofundadas, dentre outros (STEBBINS, 2005; HEO *et al.*, 2013).

Segundo Stebbins (2014b), a palavra sério refere-se a comprometimento, importância e zelo. Essa definição pode auxiliar na compreensão de lazer apontada por Luiz (74), como uma visão de lazer com objetivo, algo mais "sério". Em suas palavras: "É tudo aquilo que tu

fazes com vontade de fazer. Tem prazer. E que tu tenha um objetivo, além do lazer tu tens o teu objetivo" (LUIZ, 74), mas, também, evidencia que, para a maioria dos participantes desse estudo, as atividades de aventura na natureza que praticam podem ser consideradas como lazer sério, devido a sua dedicação, comprometimento e apego afetivo (HEO *et al.*, 2013).

Os mesmos sentimentos que utilizaram para explicar porque consideram suas atividades como lazer - relaxamento, diversão, satisfação, alegria, bem-estar e prazer - também foram mencionados como significados que atribuem ao lazer. Tais sentimentos são visíveis na expressão de Marcus Vinícius (67) - Figura 10 - durante uma das atividades do grupo de canoagem havaiana.

Figura 10: Marcus Vinícius (67) se divertindo e sendo divertido em seu lazer



Fonte: Marcus Vinícius (2018). Imagem cedida pelo participante.

Araujo e Rocha (2016) estudaram os significados atribuídos ao lazer por 16 pessoas com 60 anos ou mais participantes de um grupo de encontros musicais, no Rio de Janeiro. Os significados encontrados por eles se associaram ao prazer, à sociabilidade, à nostalgia, à qualidade de vida, à (re)construção da identidade e ao aprendizado.

O prazer foi dividido, pelos autores, em *feelings* (felicidade, satisfação, emoção) e *fun* (diferentes intensidades: diversão, curtição, energia, descanso relaxamento, suavidade); a sociabilidade foi dividida em amizade, interação social e suporte; a nostalgia, em recordação das músicas e retorno ao passado (revivendo ligações com pessoas e momentos especiais); a qualidade de vida, em saúde mental e física; a reconstrução da identidade, foi categorizado como descoberta (do novo e de si mesmo), superação (realização), autoestima e cuidado de si mesmo; e o aprendizado em musical, social e prático (ARAÚJO; ROCHA, 2016). Percebe-se que, embora tenham adotado termos diferentes, os significados atribuídos a essa atividade são muito semelhantes aos encontrados no presente estudo.

O lazer sério é fundamental na geração de felicidade, uma vez que a felicidade está relacionada à satisfação, à positividade em relação aos acontecimentos da vida e ao bem-estar (STEBBINS, 2014a). Ainda segundo esse autor, as pessoas são responsáveis pela busca da felicidade, que pode ser concretizada por meio de atividades que lhes proporcionem esses sentimentos, por isso, a importância do lazer nessa busca.

Embora essa concepção de felicidade seja um tanto tímida, os participantes do presente estudo demonstram encontrar felicidade nas atividades de aventura escolhidas, vivenciadas em seu lazer. Defende-se, no entanto, que outras particularidades estejam envolvidas nessa conquista da felicidade, como a autonomia, o desejo, a auto realização, a ligação ambiental e espiritual, dentre outras.

Alguns entrevistados percebem o lazer em oposição ao trabalho e aos compromissos, fato que pode ser exemplificado por meio das seguintes afirmações "[...] mas tem aquele tempo para o lazer que é limitado pelo trabalho" (HENRIQUE, 68); "Para mim é bem lazer mesmo, porque eu tenho várias outras atividades que são obrigações, que eu faço e gosto, mas..." (MAMA, 64); "[...] deixando de lado estresse do trabalho e voltando para uma atividade totalmente alheia aos compromissos e sem se lembrar da sua obrigação profissional" (URBE, 70); "Cada um tem seus hobbies, cada um tem suas coisas que pratica até em paralelo com a profissão" (NUNATAK, 62); "[...] como eu saio todos os dias de manhã para essa atividade, que já considero também um lazer, durante o dia eu tenho outros compromissos já habituais" (JÚLIA, 65) e "Primeiro é fugir daquilo que você faz na sua profissão, no seu estudo. Quer dizer, não é fugir, é praticar algo fora daquilo, fora daquele contexto; e algo que te dê

satisfação. Eu sinto satisfação também em dar aula. Mas eu não vejo como lazer" (PROFESSOR, 62).

A oposição em relação à competição, também foi enfatizada nas entrevistas: "Porque sem competição você pode parar e descansar a qualquer momento, para que o prazer não seja superado, na balança dos pesos, pelo sofrimento" (HENRIQUE, 68); "Aquilo que não tem pretensão de... É só para te satisfazer, você sai, você faz uma coisa sem grandes calos na mão, sem um esforço tremendo, e estar suando[...]" (NETO, 68); "O lazer seria... não é competição. É só para diversão. [...] Então o lazer é o esporte não pretensioso. É o amor romântico da atividade física" (TEPAN, 65), tanto que, quando Tepan (65) fala de lazer, não fala do remo, que é a modalidade que pratica com foco em competição.

A ideia dicotômica entre trabalho e lazer é amplamente divulgada pela mídia, segundo Oliveira, Alves Junior e Mota (2018), colocando o ambiente natural como um cenário de fuga da rotina diária e busca por sentimentos intensos, pela aventura, pela adrenalina. Esse apelo para o emocional, para a intensidade, para o belo, para a novidade, para o nunca antes visto e vivido, se dá em função de garantir um mercado consumidor para os bens produzidos relacionados a essas atividades, como roupas, equipamentos e acessórios (OLIVEIRA *et al.*, 2018).

Embora essa percepção ainda permaneça no imaginário social, Gomes (2008, 2014) defende que, as alterações ocorridas nas relações de trabalho, na sociedade contemporânea, não permitem mais essa separação entre lazer e trabalho, pois encontram-se integrados em uma mesma dinâmica social, sendo, portanto, complementares, podendo, o lazer ser percebido no trabalho e em outras dimensões da vida. Stebbins (2009, 2014b) argumenta ainda que, dependendo do trabalho, essa linha que o divide do lazer pode ser apagada.

Ressalta-se que, dos 24 entrevistados, 13 ainda trabalham. Desses 13, quatro são aposentados e nove não. Alguns, mais especificamente os quatro aposentados e dois não aposentados, realizam serviços esporádicos, ou que exigem menos horas diárias; enquanto os outros sete não aposentados, trabalham em período integral. Em que pese os vínculos empregatícios atuais, há aqueles que, estando trabalhando ou não, percebem uma aproximação entre trabalho e lazer, como nas seguintes afirmações: "Caminhar, pedalar, trabalhar. Eu gosto de trabalhar também. Esse trabalho mais pesado eu gosto de fazer" (MACHUCHO, 66); "Tem outras atividades no lazer que eu gosto também, até trabalho, para mim, era lazer. Algumas coisas no trabalho

não, porque, é claro, tudo tem os ossos do ofício. Mas eu gostava de trabalhar" (INDIAN, 60). Em algumas falas lazer e trabalho se mesclam:

Esse barco fica virado 40 graus, adernado, não cai nada aqui dentro, porque está tudo encaixadinho. Tudo é pensado, uma coisinha dentro da outra. Nada cai aqui. Só que isso tudo dá trabalho. [...] É função o tempo todo. Mas é isso que mantém a gente aqui. Porque nessa função tu esquecesse do mundo. O teu mundo é isso aqui. Tu estás feliz da vida. (MANEIRO, 60)

Para Stebbins (2009, 2014b) existem trabalhos que são tão atrativos e prazerosos para aqueles que o realizam - *devotee work*²⁷ -, que podem ser considerados por eles como lazer, diferenciando-se do lazer sério porque são remunerados e exigem dedicação integral. Nesse contexto, ainda segundo o autor, não há uma separação entre lazer e trabalho, tampouco são antagônicos; na sociedade moderna, ambos se influenciam mutuamente e objetivam recompensas sociais e pessoais, como o enriquecimento pessoal e a autorrealização. Tal situação pode ser exemplificada quando se pensa na busca por uma carreira no lazer sério e no *devotee work*, ambos promotores de uma profunda satisfação pessoal e, mais ainda, representações de uma procura humana para que torne sua existência atraente e digna de ser vivida (STEBBINS, 2009).

O mesmo acontece em relação à competição, como pode ser percebido nas falas: "Também é o lazer, o esporte também é um lazer" (COCOROCA, 89) e "[...] para nós, na realidade, ele não é mais competição, ele é lazer. Mesmo as nossas competições de máster são lazer" (LILI CURLY, 60). Inclusive, Neto (68), pensando melhor sobre a atividade competitiva que pratica, complementa "Com certeza porque eu tenho o maior prazer. É uma atividade prazerosa, quer dizer, o lazer está embutido".

Segundo Heo *et al.* (2013), o esforço e as habilidades significativos exigidos, durante o processo de preparação dessas pessoas mais velhas para sua participação nas competições, caracterizam-se como lazer sério; além disso, o envolvimento com esses eventos, parece ser uma parte importante da vida para alguns dos participantes. Segundo Stebbins (2005), os hobbies podem ser vivenciados em níveis

²⁷ Trabalho devoto, tradução da autora.

competitivos, sem deixar, no entanto, de serem considerados lazer. O autor ressalta ainda que isso vem ocorrendo muito comumente com algumas atividades de aventura na natureza, como a escalada, o caiaque e o *snowboard*.

Heo *et al.* (2013) realizaram um estudo com 459 participantes dos Jogos Olímpicos Seniores de Indiana e Colorado, nos Estados Unidos, com idades entre 50 e 95 anos, cujo objetivo foi explorar a relação entre os seus níveis de envolvimento nesses jogos, a satisfação com a vida e com a saúde. Nesse estudo foi verificado que o envolvimento no lazer sério, para esses idosos, pode facilitar o envelhecimento bem-sucedido, pois melhora a percepção da saúde física e mental, e pode ser uma motivação para a continuação da participação nessas competições.

Outros entrevistados conciliam aspectos que, à primeira vista, parecem contraditórios: "Lazer, pode ser com cansaço, com dor, mas é diversão, alegria" (CARLOS EDUARDO, 61) e

Nessas atividades de aventura muitas vezes eu estou até em uma situação de estresse, porque estou preocupado com a segurança de um, com a segurança de outro, ensinando, mostrando uma técnica, observando aqui, observando ali, mas mesmo dentro dessa tensão, eu consigo relaxar. (KAKYTUS, 66).

Mencionam, também, possibilidades de vivenciar o lazer, como a concentração, conforme Maneiro (60) ilustra em "Primeiro porque tu estás envolvido, quando tu estás envolvido com uma coisa, é bom para caramba, não é? Qualquer coisa que tu faças"; a introspecção, como ilustra Isa (63) em: "E quando tu te descontrai, faz algo que te traz descontração. Que tu consegues pensar, raciocinar, nas coisas pequenas, que somam. Que tu consegues perceber que o sofrimento também engrandece. Que te relaxa. Que tu és importante".

Caco (61) relembra outras vivências no lazer "É você poder fazer algo e se divertir. Uma leitura, uma pintura, um desenho, um esporte, uma conversa, enfim qualquer coisa que dê prazer para você" e Professor (62) inclui os recursos tecnológicos, quando relata o que gosta de fazer: "Outra atividade de lazer é assistir a documentários na TV ou *Youtube* sobre outros países, os quais se referem à natureza e a geografia", assim como Roberto (67): "E hoje, cada dia menos, conversar com as pessoas. Você só fica no aparelho celular falando com

uma pessoa que não está ali, muitas vezes até vê a fisionomia da pessoa, mas é um lazer também para a pessoa".

A utilização da tecnologia ainda é contraditória. Embora facilite muitos aspectos da vida, contribua com a disseminação do conhecimento e, especificamente com relação às atividades de aventura na natureza, tenha proporcionado maior segurança e inclusão (ALVES JUNIOR, 2012); sua utilização indiscriminada pode causar um afastamento entre as pessoas. Esse aspecto é impactante para essas pessoas, principalmente porque, desde crianças e durante grande parte de suas vidas, o contato pessoal e a interação com o outro foi muito presente.

Segundo Warat (1989), a informatização nos transformou em uma sociedade repleta de olhares vazios e carente de ternura. O homem torna-se um estranho de si mesmo. Apesar das décadas que separam o discurso de Warat dos dias atuais, a realidade parece ser a mesma. Para esse autor, o homem só será capaz de se tornar protagonista na cultura sociopolítica e resolver os problemas de comunicação, bem como os problemas ambientais se recuperar o sentimento de amor e, conseqüentemente, a solidariedade.

Verifica-se ainda que a maioria dos entrevistados relaciona o lazer com a realização de alguma atividade, como pode ser exemplificado na fala de Roberto (67): "Lazer é você ocupar, fazer uma atividade, que nem precisa ser física, pode ser mental, como ir ao teatro ou ao cinema, isso também é lazer, mas é uma coisa que te dá prazer em fazer". Nunatak (62), Maneiro (60) e Gato do mato (65) mencionam o não fazer nada como possibilidade no lazer: "É um momento de descanso que uns aproveitam simplesmente parando e ficando quietos em um canto, que também é razoável; e outros que necessitam de mais atividade, de mais retorno, vamos dizer assim, desse momento de lazer" (NUNATAK, 62), "É aquela coisa, quando eu não saio com o barco, eu ando de bicicleta, ou fico em casa descansando também, dou uma caminhada, pego o carro e vou ver um lugar bonito" (MANEIRO, 60) e

Lazer é tudo isso que estou passando para vocês. É fazer uma atividade física saudável, tudo isso é lazer. É chegar em cima de uma pedra, onde é o máximo de altura que tem naquele lugar, olhar ao redor, admirar, aquilo é prazer. Mesmo que não tenha mais nada para fazer ali, só voltar para trás. Mas teve o prazer de chegar lá e admirar toda

aquela paisagem, o lugar bonito que é ali em cima, bater as fotos. (GATO DO MATO, 65).

Durante muito tempo o conceito de lazer adotado no Brasil foi muito influenciado por Dumazedier. Esse autor definia o lazer como um conjunto de atividades de interesse da pessoa, realizadas em um tempo livre de compromissos profissionais, sociais e familiares. Embora esse conceito esteja sendo redimensionado para o entendimento de que o lazer não se restringe a realização de atividades, tampouco que as pessoas possuam algum tempo completamente livre de qualquer tipo de compromissos, e ainda que o lazer pode ser vivenciado em inúmeros contextos, dentre eles, no trabalho, no ambiente familiar, na saúde, na educação, etc; há ainda resquícios do entendimento passado.

Esse fato pode ser observado nos relatos dos entrevistados, quando mencionam as oposições trabalho/lazer, competição/lazer, lazer como atividade e lazer restrito a um tempo determinado. Possivelmente sendo influenciado pela velocidade em que vivemos na sociedade atual, na qual, segundo Bruhns e Marinho (2012) o estado de repouso, assim como, o silêncio, não têm sentido.

Acredita-se que o fato de estarem sendo entrevistados por uma profissional de educação física, falando sobre atividade física, possa ter influenciado nas respostas sobre o lazer estar relacionado, ou não, a esse tema, pois a atividade física esteve muito presente nas respostas de todos os entrevistados. Embora quase todos tenham mencionado outras perspectivas do lazer, como demonstram várias falas inseridas anteriormente. Cocoroca (89) é o único a mencionar somente atividade física relacionada ao lazer.

Indian (60) reconhece outras possibilidades no lazer, mas exerce seu direito de escolha:

Para mim, o lazer envolve alguma atividade. Tem gente que adora cinema, e ver vários filmes na sequência. Para mim isso é uma atividade sedentária. Não é minha praia. [...] Mas o esporte, para mim, é uma atividade interativa, você é parte do que você está fazendo. Eu acho que é essencial para o lazer (INDIAN, 60) .

O tema atividade física no lazer, merece ser discutido em função da visão funcionalista²⁸ que ele adquiriu por meio da expressão "lazer ativo": como um fenômeno promotor de saúde, de corpos saudáveis. Segundo Pimentel (2012), essa percepção equivocada, mas massivamente divulgada, seja nos meios acadêmicos, seja por meio das mídias, de que o mesmo tem que envolver uma atividade (física ou não) que trará um "bom resultado", é parcial, reducionista e tendenciosa. O autor salienta ainda que, assim como qualquer manifestação humana, ele não está livre de práticas reprovadas pela sociedade que seriam o "lazer passivo", em oposição ao anterior, exemplificando com o consumo de álcool, a pornografia, os jogos violentos de videogame e, até mesmo, a prática de esportes de risco.

Pimentel (2012) salienta ainda que essa doutrinação impede que as pessoas exerçam seu livre arbítrio. Mesmo que imaginem que estejam decidindo por si mesmas, o apelo social para a escolha e a culpa velada pela não escolha dessas atividades ditas "ativas", podem inconscientemente ou conscientemente determiná-las. Acredita-se que o lazer, assim como as atividades de aventura na natureza, representem muito mais do que atividade física, ou mesmo do que atividade em si, podendo abarcar outras manifestações, como a contemplação, a introspecção e o ócio. Nesse contexto, para Debert (1999), a oportunidade e o direito de escolha dos velhos, tornaram-se um dever, uma realidade da qual não é possível escapar.

No lazer, é importante a discussão sobre gostos e preferências: "[...] porque como eu não gosto muito desse negócio de festas, de badalações. Para mim isso não é lazer, para alguém pode ser" (URBE, 70), "Você relaxa, você pode fazer um belo piquenique, tantas coisas boas, uma infinidade. Para mim é lazer. Para muitos é doideira" (MARIA, 63).

Enganamo-nos ao pensarmos que todas as pessoas de determinada faixa etária são iguais, o histórico individual, perpassado pelas experiências biológicas, culturais, políticas e econômicas, ao longo de toda a sua vida, encarregam-se de tornar cada ser único. Assim, a imagem que cada um projeta de si leva consigo a influência da imagem projetada pela sociedade (VIEIRA; FREITAS JUNIOR, 2018). Por esse motivo, também torna-se um descompasso, quando subjulgamos as pessoas com 60 anos ou mais, considerando-as incapazes de fazer

²⁸ Perspectiva de lazer utilizado como ferramenta para atender a determinada finalidade.

escolhas, tolhendo sua autonomia. A oportunidade de tomar decisões, sejam elas acertadas, ou não, permite que essas pessoas continuem ativas e percebam seu valor.

Tal influência social pode ser percebida nos resultados apresentados pelo estudo de Vieira e Freitas Junior (2018), no qual os discursos dos seis idosos moradores de um condomínio residencial na cidade de Ponta Grossa (PR), questionados sobre sua percepção de si, foram entremeados por suas situações econômicas, suas participações sociais, sua saúde e o ambiente onde vivem (localização, segurança, infraestrutura). Cabe ressaltar que suas percepções nada tiveram a ver com as suas idades. Os autores associaram essa percepção ao fato de estarem saudáveis.

Os autores deixam claro que os participantes de seu estudo escolhem suas atividades no lazer de acordo com gosto e interesse próprio. Diante dessas afirmações pode-se perceber o incongruência que é impedir que essas pessoas, que dedicaram tantos anos de suas vidas ao trabalho, à família, à comunidade, possam exercer sua autonomia. Ou até mesmo querer acreditar que são todas iguais, com as mesmas capacidades, as mesmas dificuldades, as mesmas potencialidades e as mesmas vontades.

Por outro lado, Stebbins (2005) alerta que nenhuma escolha é realizada livremente; todas as escolhas são influenciadas pela cultura, por parâmetros sociais, direitos, capacidades e aptidões, educação e acessibilidade. Essa limitação às escolhas não ocorre apenas no lazer, mas no trabalho e em outros momentos da vida. O que aflige é a possibilidade de que essas restrições aproximem o lazer da obrigação. Como tratado anteriormente, nem mesmo o lazer está livre de obrigações (STEBBINS, 2000), no entanto, a obrigação agradável no lazer não é percebida como obrigação, uma vez que a pessoa quer vivenciá-la (STEBBINS, 2005). O autor conclui que, mesmo que restritamente, em um leque limitado, as pessoas exercem suas escolhas. Nesse sentido, o profissional que estuda e trabalha com lazer, tem um importante papel em sua educação, informando-as sobre suas opções, custos e recompensas, aumentando, assim, seu repertório de conhecimentos e oportunidades.

Outro aspecto reconhecido pelos entrevistados do presente estudo é que o lazer pode ser vivenciado individualmente, como Gato do mato (65) ao afirmar: "se eu estiver só a fim de dar uma descontraída, simplesmente eu vou para a beira do mar, do costão, sento em uma pedra. Estou ali, estou me energizando, fazendo uma terapia. Não precisa ter ninguém comigo lá, posso estar sozinho"; ou compartilhado,

como "Mas o meu *stand up [paddle]* é grande, posso levar a namorada, o filho dela, ou os meus netos" (TEPAN, 65) e "Lazer é aquilo que você vive de bom, você faz com alegria no coração, se sentindo bem, com prazer. Não precisa ter grandes investimentos. Quem está à sua volta, se sente bem com você, feliz com a tua presença, com o que você faz" (MARIA, 63), ou das duas formas como menciona Urbe (70): "É o momento que se pode distrair com a família, sozinho ou com quem quer que seja, mas você está se divertindo [...]".

Segundo Moura e Souza (2012), embora o estabelecimento de relações sociais seja importante nessa fase da vida, deve-se considerar a heterogeneidade do envelhecimento e as preferências de cada um, evitando a imposição de uma "socialização forçada" e a exposição de suas vidas pessoais. A sociabilidade frequentemente é mencionada como um aspecto positivo durante o envelhecimento, no entanto, é preciso considerar que algumas pessoas são mais introspectivas, ou gostam de ter um tempo para estar consigo mesmas, como pode ser ilustrado nos seguintes comentários: "eu gosto muito de estar sozinho. Então eu nunca me sinto sozinho quando estou comigo, pelo contrário, eu tenho ideias fantásticas, eu troco ideia comigo, aprendo cada coisa fantástica [rindo] quando estou sozinho" (HENRIQUE, 68) e "Não me incomodo, eu lido muito bem com a solidão entre aspas. Eu parei lá o meu motor home, fiquei surfando em frente ao camping. Eu sozinho. Pronto, aqui eu encontrei a essência do surfe" (GARÇA, 65).

A relação do lazer ao tempo, foi verificada nos seguintes trechos: "O lazer para mim é não ter hora para nada, é curtir e apreciar as coisas boas da vida que as pessoas não se dão conta" (MANEIRO, 60); "É uma maneira de ocupar o tempo da vida, da existência. Uma maneira prazerosa" (TEPAN, 65); "O lazer para mim é qualquer coisa em que você está fazendo no tempo livre" (URBE, 70); "Sim, a definição de lazer é complexa, mas eu acho que a questão de você ocupar o tempo extra com atividade alegre e saudável" (ROBERTO, 67).

Segundo Moura e Souza (2012) a conotação de tempo livre relacionado ao lazer tem uma interpretação simplificada, pois na vida em sociedade, nenhum tempo pode ser vivenciado sem a restrição de normas sociais (GOMES, 2004, 2014). Tampouco as limitações impostas por essas normas, pelo tempo, pelas obrigações de trabalho e outros compromissos impedem a vivência do lazer, visto que a manifestação do lazer pode se dar em qualquer tempo e espaço. Para que isso ocorra, Moura e Souza (2012), reflete sobre a necessidade de que se

perceba o significado desses momentos, discernindo a necessidade interior (liberdade) da exterior (obrigação).

O tempo e o trabalho também podem ser percebidos como barreiras no lazer. Moana (61) conta que gosta de ir ao cinema, mas como trabalha e rema, não consegue mais fazer essa atividade, ou porque não tem tempo, ou porque está cansada, assim como Lili Curly (60): "Está ótimo assim, não estou mais inventando nada porque não dá tempo, porque eu ainda trabalho". Tais relatos demonstram novos caminhos para o envelhecimento, em que as pessoas prolongam suas carreiras profissionais, seja por necessidade ou por realização pessoal. Essa mudança demonstra a importância da relação lazer e trabalho e lazer no trabalho, qualificando a vida dessa população.

Outra barreira que foi mencionada pelos entrevistados foi o seu custo, seja com relação aos equipamentos, à necessidade de pagar para realizar as atividades, sobre custo de viagens ou sobre o como desejo de realizar alguma atividade ou viagem, como pode ser observado a seguir

Hoje em dia tudo é muito caro para que tu possas sair, se deslocar. Se tu começa a fazer muito planejamento a respeito dessas atividades mais radicais, a própria questão de cavernas, tem um monte de cavernas no Brasil que eu gostaria de explorar. Talvez um dia eu ainda vá explorar. Não sei. Mas precisa de muita grana. Os próprios equipamentos que a gente precisa não são baratos, corda, mosquetão, cadeirinha, tudo que tu vais pegar custa dinheiro. (KAKYTUS, 66);

"A questão financeira pesa. Tenho algumas coisas que elejo como prioridade. Tem que ter um investimento para o curso, para equipamento. É um investimento razoável" (CARLOS EDUARDO, 61); "Por que é um lazer que eu estou pagando, é um lazer que eu faço com gosto. Porque, às vezes, as atividades de lazer têm custo" (MAMA, 64); e "É claro que você tem que ter condições financeiras de fazer algumas coisas" (GARÇA, 65). Wheaton (2016) discute a existência de uma parcela da população que é impedida de participar das atividades de aventura na natureza, por não possuírem recursos financeiros para tal. Para a autora, essa é uma forma de impedir seu direito de escolha, e acrescenta que dificuldades econômicas, aliadas a barreiras culturais e físicas são obstáculos para a vivência do lazer no envelhecimento.

Equipamentos caros, gastos com viagens e valores cobrados por profissionais e empresas limitam a participação de pessoas com menor poder aquisitivo, em algumas modalidades. Pimentel e Saito (2010) salientam que essas pessoas buscam alternativas nas práticas de atividades que não exigem tanto investimento como trilhas, skate e *rafting*. No entanto, deve-se reconhecer que o acesso é desigual e, que a busca por soluções alternativas, não elimina a vontade e o direito dessas pessoas de experienciar as modalidades desejadas.

Mesmo quando estão tratando do significado do lazer, os entrevistados também falam sobre o contato com a natureza, como pode ser exemplificado pela resposta de Gato do mato (65) e de Marcus Vinícius (67): "Mas eu me sinto recompensado com qualquer lugar, porque eu procurei desenvolver com o tempo, os valores que a natureza tem, aquilo que a natureza nos dá, aquele retorno que ela nos dá" e

Prazerosa. Ímpar. Primeiro porque você está na natureza. É indescritível quando você sai da boca do canal da Barra e entra naquele marzão enorme, às vezes com onda, às vezes uma piscina. É muito prazeroso! Os peixes, os pássaros, tudo isso é, nossa indescritível (MARCUS VINÍCIUS, 67).

Embora o estudo de Gomes *et al.* (2014), tenha sido realizado com um perfil diferente de pessoas - 38 estudantes de pós-graduação e sete professores, ambos vinculados a programas de mestrado e doutorado destinados às temáticas do desenvolvimento sustentável e meio ambiente na América Latina, realizado por meio de contato eletrônico (e-mail) - em comparação com este, verificaram que a maioria dos entrevistados, perceberam que o lazer, vivenciado em contato com a natureza e com outra cultura, é contraditório. Isso porque, dependendo de como for vivenciado, pode gerar degradação ambiental; ou, se vivenciada de forma receptiva, pode incentivar reflexões e oportunizar conexões do ser humano com o ambiente. Cabe ressaltar que esses participantes que não estudam diretamente o lazer (GOMES *et al.*, 2014).

A criatividade foi percebida nas falas de Caco (61) e Garça (65): "Desenho, pinto, às vezes leio, construir coisas, arrumo coisas, invento, converso com os amigos, tento inventar bastante coisa" (CACO, 61); e "[...] eu tenho hobbies demais. Ficar sem fazer nada, eu? Não vou ficar. Eu vou inventar alguma coisa tranquilamente" (GARÇA, 65). Por sua vez, algumas percepções são bem individuais, como

Henrique (68) que vê o lazer como necessidade: "Sim, eu pratico o montanhismo como lazer e como uma necessidade" (HENRIQUE, 68) e Lili Curly (60) que estabelece uma relação entre lazer e aprendizado: "Eu faço línguas também, que é meio lazer, meio aprendizado, meio desafio". Tepan (65) relaciona lazer e espiritualidade:

Eu adoro cortar lenha, fazer fogo e fazer rituais. Eu faço uns rituais xamânicos em busca de visão, dança do sol, jejum prolongado, algum sacrifício. Em contato com a natureza. Com a natureza em geral e com a minha natureza. [...] Isso é lazer também, mas é um lazer espiritual (TEPAN, 65).

Bruhns e Marinho (2012) relacionam a ida à natureza aos rituais e ritos, constituindo-se em momentos especiais e distintos de sua vida cotidiana, como se experimentasse outro tipo de existência, em que tempo e espaço têm outro ou nenhum significado. Ao mesmo tempo, o mundo experimentado nessa ocasião é cheio de novos sentidos e significados que só podem ser conhecidos por quem o vivencia e seus companheiros, como um segredo. Toma-se consciência do mundo, algo que só é possível devido a entrega total: "Trata-se somente de um fragmento da existência, ao lado de outros, o qual possui a força misteriosa de fazer-nos sentir por um momento, a vida inteira, como se não tivesse outro objeto senão sua realização" (BRUHNS; MARINHO, 2012, p.92).

Ainda segundo as autoras, a aventura serve como uma manifestação de sonhos e desejos dos praticantes, levando-nos a refletir sobre o mundo contemporâneo. Quiçá, nos leve a refletir sobre nossos mais profundos desejos não manifestados e sobre nossa essência, sobre se quem somos de fato representa quem somos em sociedade.

No lazer ocorrem manifestações espontâneas de excitação e tensão, momentos agradáveis, de alívio e liberação das exigências impostas pela sociedade (VIEIRA; FREITAS JUNIOR, 2018). Ora, se o lazer é um momento de libertação (VIEIRA; FREITAS JUNIOR, 2018), então para os participantes do presente estudo, as atividades de aventura na natureza, são momentos de revelação e de reencontro, de perceberem e demonstrarem tudo que podem ser e fazer, de se liberar dos estereótipos. Eles desafiam a imagem de idosos vigente na sociedade, desenvolvendo e mantendo suas capacidades físicas, habilidades, potencialidades, autonomia, participação sociocultural, percebendo-se e fazendo-se felizes.

Considerando que o lazer envolve uma variedade de manifestações e de significados, e ainda que, as atividades de aventura na natureza sejam vivenciadas no lazer, destaca-se a seguir alguns aspectos que foram abordados transversalmente pelos participantes nas entrevistas e nas observações, estando diretamente relacionados a essas manifestações.

4.5 OUTRAS PARTICULARIDADES DAS ATIVIDADES DE AVENTURA NA NATUREZA - QUESTÕES TRANSVERSAIS NA PESQUISA

"Era madrugada quando regressaram à aldeia [...] A menina tagarelava sem parar[...] - Você deu a volta ao mundo nas costas de um elefante? - duvidaram os mais velhos [...] debocharam as crianças [...] Porém, desta vez, Obax não se entristeceu. Nem poderia, Nafisa provaria tudo"
(NEVES, 2010, p. 24-25)

Alguns assuntos foram mencionados pelos participantes transversalmente nas entrevistas. Considerando não se tratarem de assuntos mencionados nas perguntas, ou que foram objetivo específico do estudo, cabe salientar que foram mencionadas espontânea e recorrentemente pelos entrevistados, merecendo, assim, serem discutidos como questões importantes relacionadas à prática de atividades de aventura na natureza.

4.5.1 Transcendendo a aventura: a espiritualidade de ser

A espiritualidade foi mencionada por muitos participantes, em momentos diversos das entrevistas, mesmo não se tratando de um tema específico questionado. Foi um aspecto relacionado a essas atividades e ao lazer que os próprios participantes trouxeram de suas vivências.

Henrique (68) relacionou a espiritualidade e o montanhismo como uma busca, uma forma de nortear a vida: "Alguns buscam a felicidade, o entendimento da vida na religião, no espiritismo, nas filosofias. Ótimo. A minha filosofia é subir montanhas, porque quanto mais alto você sobe, menores ficam os problemas" e em uma conversa, durante uma de suas observações comentou "Quando estou na mata, estou com Deus. A sensação que tenho é de que alguém me ama, de que alguém cuida de mim". Tepan (65) mencionou a conexão com o

nascimento, com o início da vida, algo que nos acompanha por toda a vida e complementa: "Eu vejo Deus todo dia quando estou remando, quando estou surfando. Com certeza!".

Oliveira, Alves Junior e Mota (2018), em seu estudo realizado com quatro dirigentes de um clube de excursionismo carioca e nove montanhistas alunos e ex-alunos desse clube, sobre a relação homem natureza, por meio das atividades de aventura, verificaram uma ligação espiritual atribuída pelos praticantes, como se a prática fosse uma espécie de rito sagrado. Assim como Henrique (68), os participantes do estudo de Oliveira *et al.* (2018) percebem uma transformação, uma nova visão, quando se chega ao alto da montanha, como em um ritual em que a subida é o sacrifício, o sacro ofício, e ao final, o cume, a transformação, seria uma espécie de recompensa espiritual. Segundo os autores essa é uma forma de profunda conexão entre praticante e natureza.

Júlia (65), Machucho (66), Carlos Eduardo (61) e Maria (63) mencionam a gratidão que sentem por estarem na natureza, sentindo uma conexão com Deus, como pode ser observado nos seguintes trechos: "Amo a criação de Deus de paixão. É perfeita! A criação de Deus é perfeita. Se você observa uma árvore, você vai ver uma quantidade de vidas, de animais, de outras plantas. Isso é gratificante!" (MARIA, 63) e "Às vezes eu vou para lá chateado, com algumas coisas me incomodando, e lá eu esqueço, eu me divirto, faço a minha oração, eu agradeço o Patrão. Fica tudo na água" (CARLOS EDUARDO, 61).

Segundo Bernardo (2013), a partir do século XIX, a natureza e o urbano inverteram os papéis: a natureza que era considerada violenta, brutal, selvagem, assume a ideia de bem, saúde, equilíbrio, harmonia, paraíso, enquanto a cidade toma-se a selva, o profano. Assim, a natureza é tida como sagrada, e passa a ser almejada como fonte de felicidade e de realização. Ainda segundo o autor, essa visão da natureza está relacionada aos sentimentos e emoções dos seres humanos. Sentimentos esses que são experimentados com maior intensidade quando vivenciados na natureza, capazes de proporcionar sensações de leveza, liberdade, harmonia e de intensa comunhão com o mundo (BERNARDO, 2013).

Quando pondera sobre de suas atividades, Kakytus (66) menciona uma ligação espiritual que não consegue explicar em palavras: "É um prazer, é o amor que tenho por isso. É um negócio muito mais espiritual do que material. É uma coisa, não existe uma explicação para isso"; e acrescenta, se referindo ao progresso espiritual: "São várias motivações, mas tudo vem mais desse campo filosófico, espiritual. Eu

acho que tem muito pouca coisa material nesse gosto, nessa vontade de fazer essas coisas. Às vezes eu digo que é reminiscência de outra encarnação" (KAKYTUS, 66). Esse sentimento, esse amor, expressado por Kakytus (66), unido ao seu processo de autoconhecimento, são necessários para a transformação social e a conseqüente mudança de nossas ações com relação às questões ambientais (WARAT, 1989).

O *kitesurf* é tão importante para Indian (60) que, por meio de uma brincadeira, o compara ao divino:

Porque, sabe aquela história de Jesus Cristo andando sobre as águas? Então, ninguém menciona o *kite* e a prancha que ele estava usando. Na verdade, o cara se sente divino ali, porque está deslizando sobre a água. Sei lá, eu me sinto cheio de vida, fico mais bonito (INDIAN, 60).

Para Nunatak (62) a atividade de aventura e o lazer estão ligados a um sentido existencial, em suas palavras: "Esse sentido existencial ao fazer isso. Não é apenas um esporte, nunca foi" (NUNATAK, 62).

Lili Curly (60) conta sobre uma caminhada, conhecida por ser de turismo religioso, associando-a à aventura: "Uma aventura legal que eu fiz esse ano foi o caminho de Santiago. Foi uma aventura na natureza bem legal! Caminhamos vinte e poucos quilômetros por dia, durante 19 dias, fizemos 400 e poucos quilômetros. Isso foi uma aventura bem bacana!" e quando se refere ao bem que o remo lhe traz, acrescenta:

Eu acho que aquela sensação de quando se rema bem, no silêncio, é tipo uma meditação. Eu nunca fiz meditação, mas me parece, porque é silencioso. Eu fico tão concentrada que não penso em nada. Esvazia a mente, só estou remando, é uma terapia (LILI CURLY, 60).

Assim como Lili Curly (60), Moana (61), por vezes, percebe a canoagem como uma meditação. Em suas palavras: "Dependendo do grupo em que você está, quando se tem o silêncio muito grande, você realmente foca na remada, é como uma meditação em movimento. Porque você tem que sentir o fluir da canoa. A gente chama de *flow*" (MOANA, 61).

Professor (62) roga à espiritualidade para que lhe permita continuar realizando sua atividade: "É o que eu mais gosto e peço a Deus que me dê saúde e condições para fazer isso por um bom tempo ainda, sabe?". Mama (64) aproveita a natureza para realizar trilha e também para desenvolver sua espiritualidade:

Por exemplo, agora no Santinho, eu vou ficar uma semana lá no Costão do Santinho, eu vou fazer meditação, eu vou caminhar, [...]. Então, eu vou fazer meditação, eu quero fazer meditação e meditação você precisa de imobilidade e silêncio, então eu vou para uns cantos lá e vou fazer" (MAMA, 64).

A conexão mencionado por Oliveira, Alves Junior e Mota (2018) também pode se dar por meio do silêncio, muitas vezes, incentivado pelo contato com o ambiente natural, na contemplação, na introspecção. Segundo Bruhns e Marinho (2012), quando encontramos o silêncio em nossa vida, experimentamos uma profunda e intensa ligação conosco e com o ambiente, algo que vai além do pensamento e do ego. Ao passo que trata-se de um exercício dos sentidos, uma vez que o homem contemporâneo não admite a ausência de palavra e símbolos, ansiando por fazer o silêncio falar (BRUNHS; MARINHO, 2012). Estar em silêncio, muitas vezes, é conectar-se com algo que vai além do nosso entendimento, é estar presente no mundo, o mundo que vai além daquele que conhecemos cotidianamente.

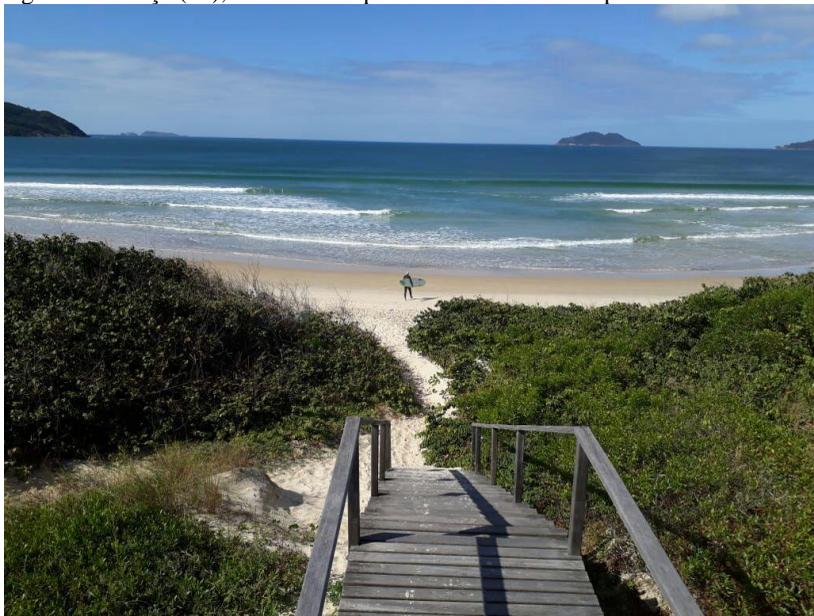
Isa (63) falou da conexão com os outros seres e com o ambiente e que ao mesmo tempo é uma conexão consigo mesma, uma percepção de si. Uma de suas falas é

[...] o barco está andando por causa da tua energia, que está movendo. Tanto que, às vezes tu desce, toca no barco e levas choque, por causa da energia que tu trocasse com a água, com o barco. É muito engraçado levar choque no barco. É por causa dessa tremenda energia que tem o mar, e que tu tens e acontece essa ligação. Eu acho isso maravilhoso" (ISA, 63).

Garça (65) considera o mar como um templo sagrado, uma igreja: "Pessoas vão para a igreja para rezar, para ter essa ligação com

Deus ou sei lá o que. Pois eu sinto isso quando entro dentro da água. Aquilo ali é a minha igreja. Quando eu entro dentro da água é uma coisa mágica. Eu entrei em um outro mundo", conforme ilustra a Figura 11, cedida por Garça (65), momento em que sozinho, encaminha-se com sua prancha, em direção ao mar, seu "templo".

Figura 11: Garça (65), caminhando para entrar em seu "templo"



Fonte: Garça (2018). Imagem cedida pelo participante.

Os discursos dos entrevistados refletem a busca do sentido da vida (WARAT, 1989; BERNARDO, 2013) e o encontro da espiritualidade por meio do contato com a natureza. Essa percepção do espiritual, do sagrado na natureza, segundo Bernardo (2013), pode ser um reencontro, uma redescoberta de algo que há muito foi perdido. Trata-se de uma manifestação de suas crenças, portanto, do que há de sagrado neles próprios, um sentimento que torna o homem e a natureza um só.

4.5.2 Aspectos socioambientais: a natureza em si e no outro

Por tratarem-se de atividades realizadas em contato direto com a natureza ou ao ar livre, as questões ambientais estão continuamente presentes nas discussões dos praticantes e, embora não houvesse perguntas específicas na entrevista, foi um assunto tratado por todos entrevistados ao longo da mesma.

Cabe ressaltar que o ambiente foi mencionado em diversas perspectivas como de amor pela natureza, de degradação ambiental, de necessidade de preservação, de questões estruturais em ambientes urbanos, de questões de relacionamento com outras pessoas e consigo mesmo. Por vezes, mais de uma perspectiva compõe a mesma fala ou aparecem em respostas variadas do mesmo participante.

O amor pela natureza, essa ligação que os praticantes sentem com o ambiente natural pode ser exemplificada em alguns depoimentos como: "Eu penso, eu vivo, eu amo muito a natureza. Quando eu estou na mata... Nossa, estar sozinho então! É como se eu me comunicasse com a mata, porque todos os desafios, todos os perigos, tudo que tem na mata é interligado" (HENRIQUE, 68); "Um deles é essa conexão que você sente quando você entra na água. Eu vejo que tem gente que tem uma conexão legal com a praia, com o mar, eles gostam de pescar. [...] Outra coisa é você entrar lá dentro. Agora você é parte do mar" (GARÇA, 65) e "Eu sentia uma coisa boa de estar em contato com a natureza. Me sinto mais presente, mais vivo. Quando tu estás na natureza, tu estás vivo" (TEPAN, 65).

Quando comenta sobre esse amor, Maria (63) se lembra de sua infância: "Eu nasci na Pinheira, no meio do mato. Sempre gostei de pedras, de árvores, da natureza, desde criança. Me sinto meio índia. Eu tenho no sangue, sempre gostei". Ainda se remetendo à infância, Lili Curly (60) relata que preferia realizar atividades ao ar livre: "Não sei, eu acho que é da característica da pessoa. Desde novinha eu sempre gostava de estar ao ar livre [...]".

Essa relação que se estabelece entre ambiente e praticante é quase como um presente pelo esforço realizado para estar ali. Essa sensação é muito evidente nos relatos de Bandeira e Rubio (2011) quando descrevem a sincronia do surfista com o mar ao passar a arrebentação, utilizam, inclusive, a frase "[...] aceitação da presença do surfista pelo oceano" (BANDEIRA; RUBIO, 2011, p. 101), como se, nesse momento, o oceano não apenas tivesse vida, mas um poder de escolha sobre o surfista. Também se referem à chegada ao *outside*, depois de passar pela arrebentação, onde os surfistas esperam pelas

ondas sentados em suas pranchas, como um retorno à natureza, de onde podem ter uma visão privilegiada da praia e do mar, e desfrutar "[...] das cores, formas e sensações do *outside* [...]" (BANDEIRA; RUBIO, 2011, p. 106), disponível apenas para aqueles que se arriscaram e superaram os desafios para estar ali.

Essa ligação, como se o praticante e o ambiente fossem um, é geralmente mencionada pelos aventureiros, como o ex-surfista profissional brasileiro Teco Padaratz, no documentário Ohana Pupo (2008), quando relata: "surfear uma onda é isso, você entra em transe com a natureza. Completa harmonia" e a nadadora de águas abertas estadunidense Lynne Cox, no documentário Fishpeople (2017): "não importa onde eu vá no mundo, se entro na água, me sinto em casa".

A sensação de identidade com a natureza, mencionada pelos entrevistados é um momento íntimo, que só pode ser sentido quando se está lá, na natureza. É um vislumbre de um "novo e antigo" entendimento de que o ser humano é a natureza (ACOSTA, 2016). Novo porque está sendo resgatado, após um longo esquecimento; e antigo porque provém do entendimento de comunidades indígenas. Entendimento esse que urge ser retomado por toda a sociedade e que, aliado ao amor, à plenitude de sentimento defendido por WARAT (1989), podem se desencadeadores de novas experiências socioculturais.

Por meio da Figura 12, buscou-se representar, de forma poética, esse pertencimento homem/natureza. Os reflexos de Mama (64), do barco, da areia e do céu, na água, resignificam a imagem real, e tornam ambiente e praticante, um a continuação do outro, tornam-nos um só.

Figura 12: Nós somos no mundo e o mundo é em nós



Observação de Mama (64), realizada em 11 ago. 2018.

Fonte: Autoria própria (2018).

Alguns entrevistados mencionam a degradação que percebem nos ambientes em que praticam suas atividades, como: "Uma lancha para ir daqui a Jurerê, os caras gastam 300 litros de diesel por hora, tu sabe o que é isso? Isso é um atentado a humanidade e ao meio ambiente" (MANEIRO, 60); "O que eu não gosto é de ver lixo e destruição. Fico muito triste" (MARIA, 63) e

Nesses costões, como a gente trafega muito pelos costões, bem pelas extremidades da água, a gente percebe quanto lixo a maré traz, o quanto lixo os pescadores deixam em cima das pedras, iscas luminosas em quantidade, sacolas plásticas e todo o tipo de lixo, infelizmente (GATO DO MATO, 65).

Kakytus (66) alerta justamente sobre a degradação que a própria atividade de aventura na natureza pode causar:

Tem muita coisa que é um ponto de incômodo, mesmo para quem pratica esporte na natureza. Nós fazemos muito rapel lá no Gravatá, [...] vem uns caras de um grupo tal, e enchem a rocha de pino. Vem outro grupo [...] e bota outros. Tu vais em algumas vias, aqui nesse morro [Morro da Cruz] tem algumas vias instaladas, aquilo é bordado de pino, de chapeleta, uns podres. Eu acho aquilo uma coisa tão feia, tão degradante. Uma coisa que foi tão bonita, a natureza levou tantos milhões de anos para esculpir uma pedra, para deixá-la naquela forma, para ser admirada. Tu podes usufruir daquilo, não é proibido, mas tu não precisas agregar coisas tuas, que não são próprias daquilo ali (KAKYTUS, 66).

E ainda em:

Temos aqui grupos de trilhas em que os caras são registrados como guias turísticos, são registrados no município como condutores ambientais, um monte de coisas, no entanto fazem trilhas com 150, 200 pessoas. Isso é um absurdo! Uma tremenda agressão à natureza. Isso destrói, destrói mesmo e é um risco para a segurança.[...] Interfere demais na natureza, muitas pessoas pisoteando. A gente tem que pensar que tem vida naquele lugar, pássaros, cobra, insetos (KAKYTUS, 66).

Outros entrevistados percebem os prejuízos que os praticantes podem causar aos ambientes naturais: "Ver a depredação, a degradação, a pichação, feita por pessoas que não tem espírito de montanhismo, isso me entristece um pouco" (HENRIQUE, 68) e "[...] o próprio ser humano que faz coisas impróprias para serem feitas num lugar daqueles. Som alto, barulho, moto com cano de descarga aberto, assustando os animais" (PROFESSOR, 62).

As discussões sobre questões ambientais podem gerar um certo conflito entre os praticantes de atividades de aventura na natureza, como no estudo de Oliveira, Alves Junior e Mota (2018), em que os participantes afirmaram que praticantes ocasionais não possuem conhecimento das regras e princípios que devem ser seguidos, delegando a estes a culpa por impactos nocivos causados ao ambiente.

Ainda segundo os autores, esta posição pode causar disputas pela utilização do ambiente.

Os participantes do estudo de Oliveira *et al.* (2018) apresentaram visões diferentes do meio ambiente. Alguns com uma visão utilitária e antropocêntrica, percebem a necessidade de cuidar do ambiente para que possam continuar a utilizá-lo para a prática de suas atividades. Outros, no entanto, percebem-se parte da natureza, estando em harmonia com ela. Para essas pessoas não faz sentido falar em cuidar da natureza, como se estivessem olhando ela de fora, mas elas se sentem dentro, integradas ao ambiente.

Betrán e Betrán (2016) e Marinho (2017) reconhecem que as atividades de aventura na natureza podem ser causadoras de prejuízos ao meio ambiente. Todavia, as relações e trocas que essas atividades proporcionam, entre praticante e ambiente, praticante e outros praticantes e, também, consigo mesmo, podem fomentar reflexões sobre as questões ambientais e à sensação de pertencimento com relação ao meio, contribuindo com a educação ambiental (FIGUEIREDO; SCHWARTZ, 2013; LAVOURA; SCHWARTZ; MACHADO, 2008; VISCARDI *et al.*, 2018a).

Gato do mato (65) lembrou de ações que podem ser realizadas fora do contexto da prática relacionadas à conservação ambiental: "Eu, por exemplo, tenho um minhocário. Um não, tenho três. Tenho três minhocários em casa. Reciclam todo o meu lixo e toda a minha grama que eu corto. As minhocas reciclam para mim" (GATO DO MATO, 65).

Kakytus (66) aponta sobre a necessidade das pessoas serem instruídas sobre a preservação da natureza:

Eu acho que apesar de todos os riscos que a gente corre de levar pessoas para o ambiente natural, porque tu pegas uma pessoa que não tem consciência e leva e ela pode depredar. Mas é muito melhor tu arriscares e levar essas pessoas para conhecer, e palestrar com elas, conversar com elas sobre a importância de tudo aquilo ali, do que tu deixares a pessoa ir sem nenhuma consciência daquilo ali. A maioria das agressões que são feitas, não são feitas maldosamente. A pessoa não tem consciência do que ela está fazendo (KAKYTUS, 66).

Gato do mato (65) enfatiza que a própria natureza pode nos instruir:

É um aprendizado, é um exercício a gente poder fazer isso. Porque normalmente você está muito envolvido com a vida agitada e não tem tempo para nada. Observar um beija-flor, colhendo seu néctar na flor, ou uma formiga trabalhando, como é que ela faz, os lugares que ela anda, é difícil, carregada. É um aprendizado, com os mínimos detalhes da natureza. Isso é muito gratificante! (GATO DO MATO, 65).

Henrique (68) aponta a necessidade de instrução dos próprios praticantes: "São ideias que eu aprendi, recomendadas por especialistas em ambiente, por isso que eu ouço muito as pessoas que são ambientalistas, biólogos, com quem eu faço trilha e com eles eu aprendo".

Ratto, Henning e Andreola (2017) apresentam as catástrofes ambientais, o desrespeito a vida humana pelos próprios humanos e a culpa, o medo e incerteza de cada um, como problemas e questões ambientais. Refletindo que tais questões e problemas não estão pautadas apenas nos recursos naturais, mas no ambiente em que vivemos como um todos, nos outros seres vivos e em nós mesmos. Tudo é uma rede conectada, tudo está relacionado e interdependente, toda ação e não ação reverbera em tudo e todos.

Esses mesmos autores defendem ainda que o medo infligido à sociedade com relação aos problemas ambientais, e a culpa que cada um toma para si, imobilizam a sociedade e inibem as necessárias ações coletivas para mudanças e recriação do mundo. Nos lembram ainda que o cuidado é uma condição fundamental da existência humana, tomando como manifestação o cuidado como ação política, como construção do homem no encontro com o outro e como construção de espaços intersubjetivos (RATTO; HENNING; ANDREOLA, 2017).

Nesse perspectiva, defendem a educação, mais especificamente a educação ambiental, pautada nesse cuidado que dá forma e sentido ao mundo, como meio para dirimir a imobilidade social. Não com atitudes dispersas, ou hábitos voltados para o consumo sustentável, que na verdade, não deixam de ser hábitos voltados para o consumo, o desenvolvimento e o progresso; mas como forma de nos reconhecermos

no mundo, como mundo, de reestabelecermos nossa relação com a Terra (RATTO; HENNING; ANDREOLA, 2017).

Gomes *et al.* (2014) salienta o potencial educacional do lazer, no caso, com relação às questões ambientais, considerando que é no lazer que as pessoas se conectam com seus próprios interesses e seus gostos, expressando sua identidade, ou seja, algo de si. Os autores enfatizam que essa identificação e sua simbologia podem tornar as aprendizagens mais significativa e comprometidas com a transformação social. As experiências, sensações e emoções vividas nas atividades de aventura na natureza, são resignificadas pelos praticantes que também são transformados por elas (BRUHNS; MARINHO, 2012); tornando-se assim uma oportunidade para que aconteçam novas relações com o outro, com o ambiente, com o tempo, com o mundo e consigo mesmo (MARINHO, 2009).

Considerando que a velhice também se constitui de uma fase de potencialidades, permeada pela oportunidade de aprendizagem contínua (PICCOLO, 2011), pode-se vislumbrar, nas atividades de aventura na natureza, oportunidade para o desenvolvimento da educação ambiental, voltada para esse cuidado e reconhecimento do homem no mundo. No entanto, se a intenção é que ocorra uma verdadeira mudança intrínseca na forma como o ser humano se vê no mundo, cabe ressaltar a necessidade de um processo permanente e contínuo de educação ambiental, uma vez que, conforme defende Brookes (2003), algumas experiências vividas em momentos esporádicos, não são capazes de originar verdadeiras mudanças nas atitudes das pessoas em todas as dimensões de suas vidas.

Há muito tempo, conforme afirma Acosta (2016), difunde-se uma concepção de que homem e natureza são entes separados. Tal concepção permitiu a dominação e a utilização da natureza, como um recurso para atender nossos desejos e necessidades. Centrado nessa dominação, o homem se volta para a ideia de desenvolvimento que, em termos gerais se reflete em posses - dominar para ter e ter para dominar - permanentemente relacionado a questões econômicas. No entanto, os seres humanos não se dão conta de que esse processo é finito e de que pode levá-lo a sua própria extinção (ACOSTA, 2016).

Segundo o autor, esse desenvolvimento é inconcebível e temeroso, simplesmente porque se baseia na ideia de que os países desenvolvidos são exemplos a serem perseguidos e alcançados, e que todas as outras múltiplas e culturalmente riquíssimas sociedades que existem no mundo são apenas sociedades carentes, que devem ser modificadas em função de um "exemplo ideal". Essa situação almejada,

além de acabar com a diversidade humana, seria impossível de ser comportada pelo mundo (ACOSTA, 2016). Seria uma dupla extinção.

Por esse motivo, Acosta (2016), defende ser necessário que as pessoas percebam que a Terra não tem capacidade para suportar esse crescimento econômico e que, tampouco, os recursos naturais devem servir a esse desenvolvimento. O objetivo a ser atingido, segundo o autor, é de que o ser humano aceite que se realiza em comunidade, vivendo com e para o outro, como parte da natureza. Nesse sentido, as atividades de aventura na natureza possibilitam vivências de cooperação, partilha e cuidado com o outro, incentivando esse despertar (MARINHO, 2008, 2009).

O relacionamento com outros praticantes é mencionado por alguns entrevistados, como em: "O mais importante para mim é a amizade das pessoas, porque a gente vai chegando em uma idade em que a solidão acaba batendo. [...] Então para mim é prazeroso no sentido de eu ter sido acolhido, e eu amo estar no meio da garotada" (MARCUS VINÍCIUS, 67);

Eu acho tão enriquecedor os colegas, porque sempre tem alguém que tem uma palavra que vai te ajudar, que vai te motivar, é muito legal. E também quando não tem, eu acho que são coisas que a gente começa a aprender a lidar, que são os seres humanos. (MOANA, 61) e

Liberdade, entrar em contato com a natureza, ficar junto com os colegas. Essa participação, conhecer pessoas novas, ter essas oportunidades, ver outras visões, propiciar que a pessoa possa viajar para outros estados, outros locais e trocar informações com outras pessoas. Para mim a interação social com outras pessoas é muito importante nesse processo (CACO, 61).

Júlia (65) menciona o relacionamento intergeracional: "A gente é muito bem aceito, porque tem muito jovem, mas tem outras pessoas de idade. Não existe diferença entre as pessoas, eu me sinto da idade deles, estando com eles". Segundo Crespo (2011), as vivências intergeracionais trazem benefícios para todos os envolvidos, pois por meio delas há trocas de experiências e conhecimentos, estabelecimento

de vínculos e cooperação entre pessoas de gerações distintas, minimização da imagem negativa da velhice, reconhecimento da contribuição dos idosos para a família e sociedade e desenvolvimento de solidariedade.

A Figura 13, ilustra essa possibilidade de relacionamento, durante a observação realizada em 07 de julho de 2018, na Lagoa da Conceição, na qual Carlos Eduardo (61) conversa com outros dois praticantes de *windsurf*, mais jovens, sobre as condições do vento, dicas da modalidade, equipamentos e outras coisas afins.

Figura 13: Carlos Eduardo (61) conversa com outros praticantes de windsurf



Observação realizada em 07 jul. 2018.

Fonte: A autoria própria (2018).

A intergeracionalidade também é estudada por Wheaton (2016), cujos surfistas entrevistados relatam que é mais fácil estabelecer laços com pessoas mais jovens, porque possuem os mesmos interesses, do que manter a amizade com pessoas da sua idade, que os percebem como "diferentes". Cabe mencionar, que esses surfistas se referem com certo desdém às pessoas de sua idade que não se dedicam a outras atividades, além de cuidar de seus netos e familiares, comentando que elas não têm outros interesses e que se tornam lentas física e intelectualmente. Tal entendimento, também colabora com uma visão preconceituosa do envelhecimento.

Carlos Eduardo (61) relata o cuidado com o outro:

O velejador de *wind* é muito colaborativo, *wind* e *kite*. Se tem alguém dentro da água, a gente percebe se ele caiu ou se é alguma movimentação diferente, e normalmente quando não é, quem está passando por ali vai se aproximar e perguntar: 'Tudo bem?'. É muito comum. E eu já sai da água

para pedir ajuda para um amigo, que quebrou o equipamento na água, então eu voltei e comuniquei ao pessoal da guarderia da necessidade de um resgate. Então isso é muito legal, porque tranquiliza a gente. Uma coisa espontânea (CARLOS EDUARDO, 61).

O contato com a natureza também proporciona a possibilidade de estar consigo mesmo, do cuidado de si, como mencionado por Tepan (65) quando relata que, por vezes, estar em contato com a natureza é como estar em contato com sua própria natureza; e por Gato do mato (65), quando sente que, ao estar na natureza, energiza-se e consegue sentir o retorno que ela lhe dá. Isa (63), aprofunda essa percepção, descrevendo sobre o reconhecimento de si e da vida no mundo:

Escolho a direção e escuto o silêncio. Eu escuto que tem vida independente de mim, que não depende de mim. Independente do mundo, da poluição, existe vida. Os peixes, as aves, eles sobrevivem independente do que está acontecendo no mundo, do que está acontecendo lá fora, no trânsito. Eu também sou uma sobrevivente. [...]. É um momento que eu esqueço e percebo que não sou a única pessoa no mundo, que existem outros seres. É por essa razão que eu remo (ISA, 63).

Talvez esses momentos sejam o início da percepção de que somos natureza, defendido por Acosta (2016), que precisa ser estendido para todos os momentos de nossas vidas. A contemplação, seja acompanhada de um sentimento de pertencimento, ou não, também fez parte dos discursos e das observações realizadas, como exemplificam as Figuras 13 e 14, e as seguintes falas:

Que é simplesmente apreciar a natureza. Como nós temos aqui pertinho, na Serra do Tabuleiro, o Monte Cambirela, é uma referência para nós atletas, para nós montanhistas, subir o Cambirela, simplesmente subir, descer, só pelo fato de apreciar a natureza; e respirar um arzinho acima de mil metros. Que é bem diferente, convenhamos (GATO DO MATO, 65) e

Mas, independente dessas regatas, o pôr do sol nesse final de semana em que eu estava no Pântano do Sul, meu Deus do céu! Sozinho, aquele marzão, os barquinhos de pesca, tu começa a ver aquela mudança do dia, começa a anoitecer, as luzes das casas começam a acender. Meu Deus, são tantas coisas (MANEIRO, 60).

Figura 14: Lagoa da Conceição, em Florianópolis



Fonte: Autoria própria (2018).

Figura 15: Henrique (68) em um momento de contemplação



Observação realizada no dia 20 maio 2018.

Fonte: Autoria própria (2018).

A Figura 14 mostra a Lagoa da Conceição, um dos cenários preferidos, em Florianópolis, pelos praticantes de atividades de aventura, sejam, aquáticas, como o *stand up paddle*, o *kitesurf* e o *windsurf*; como aéreas, como o parapente e terrestres, como as trilhas. Na Figura 15, vê-se Henrique (68), aproveitando um momento de contemplação e comunhão com o ambiente, de silêncio e introspecção, observado no dia 20 de maio de 2018, no Morro do Rapa, situado entre as praias Lagoinha do Norte e Brava, duas das existentes entre o percurso de 20 Km realizado nesse dia.

O cuidado que se deve ter com as condições dos locais em que a prática ocorre, que não está relacionado diretamente com a natureza, mas com o ambiente: "O que eu menos gosto é local para andar, trânsito, ruas apertadas, sem ciclovia, calçadas esburacadas onde andam os pedestres e, ali vai andar o ciclista, tu não consegues andar" (LUIZ, 74) e "O equipamento fica na guarderia, onde você pegou meu contato. É de lá que eu saio. O material fica lá. É um conforto a mais, a gente paga uma mensalidade, e tem lá o equipamento, os banheiros, a estrutura" (INDIAN, 60).

Os relatos demonstram que a percepção do ambiente e das questões ambientais não é estática e a existência de contradições. Ao mesmo tempo em que um participante tem uma ligação com determinado ambiente desde criança, ele percebe aquele mesmo ambiente como um cenário. Ele se utiliza do ambiente para seu divertimento e sua satisfação, mas tem consciência de que está causando degradação. Ele aprende observando a natureza, mas precisa da estrutura que permita que sua prática seja mais confortável. O que chama atenção é que muitos praticantes perceberam e mencionaram a degradação ambiental, mas apenas um afirmou adotar uma atitude concreta relacionada à preservação ambiental.

4.5.3 Conhecimento técnico, risco e segurança

Durante as entrevistas vários praticantes demonstraram ter conhecimento técnico sobre as atividades que praticam. Considerando que a maioria deles se trata de praticantes autônomos, fica evidente a necessidade desse conhecimento.

Demonstraram conhecimentos sobre a atividade: "Apesar de, na nossa região, não existirem montanhas propriamente ditas, mas é considerado montanhista quem pratica essas subidas a morros, serras, travessias, longas caminhadas - o trekking" (HENRIQUE, 68); "Nós

temos em Florianópolis, só na ilha, 58 cavernas cadastradas no CNC. Só aqui na ilha, 58, fora as que a gente vai descobrindo no decorrer das atividades. São, se não me engano, 84 no estado e 58 em Florianópolis" (GATO DO MATO, 65) e "Eu faço a navegação estimada, que é uma navegação em que eu pego ponto em terra, cruzo esses pontos e sei a posição em que estou [...]" (MANEIRO, 60).

Esse conhecimento também ficou evidente nas observações, como pode ser verificado no trecho a seguir referente a observação de Maneiro:

Ele vai falando e explicando sobre tudo ao mesmo tempo em que vai fazendo todos os procedimentos necessários no barco. Sempre andando de um lado para o outro, [...] Içou as velas, nos explicou como elas funcionavam, velejou contra o vento, a favor do vento, falando dos equipamentos e de tudo que ele precisava olhar para manter o barco velejando corretamente, ficamos assim por algum tempo (DIÁRIO DE CAMPO, 11 de setembro de 2018).

Relatam sobre as condições climáticas que podem interferir na prática: "Às vezes, o vento não está bom aqui na Joaquina, então eu vou para o sul da ilha, para a praia do Matadeiro ou outras praias. Conforme o vento, é uma praia" (MACHUCHO, 66), "Na lagoa você tem muita marola, muita ondulação assim [fazendo gesto de ondas pequenas e rápidas], no mar a ondulação é uma senoide constante. É outro velejo" (INDIAN, 60);

A gente tem um aplicativo de monitoramento. Esse monitoramento analisa a região da Lagoa. É diferente do local. Porque às vezes há uma previsão para a lagoa, mas em função da condição climática e de outros fatores, chega lá o vento ainda não está pronto. Como a gente chama (CARLOS EDUARDO, 61) e

Vamos voar na hora de maior insolação, meio dia, uma hora. Mas às vezes não dá, o vento é muito forte, vamos esperar [...] Porque depende das correntes de ar quente que sobem. No inverno é meio dia, uma hora, duas horas; no verão, depende do local (TEPAN, 65).

Bem como da imprevisibilidade das condições climática: "A montanha não perdoa, ou um evento climático, uma mudança súbita de temperatura, um vento forte, um temporal, uma chuva, pode ocorrer. A montanha não perdoa, tem que estar prevenido" (GATO DO MATO, 65).

Os participantes também demonstram ter conhecimentos sobre os equipamentos e acessórios, como pode ser ilustrado pelas Figuras 15 e 16 e nos seguintes relatos: "Mas eu era apaixonada pela tradição, queria também ter um remo *kialoa*. [...] Ele tem uma entrada, tem uma curvatura que quando você põe o remo da água, parece que ele te dá a angulação correta" (MOANA, 61);

Usar uma prancha adequada facilita. Que nem eu falei, vestuário, roupa de neoprene. Antigamente as primeiras roupas de neoprene travavam, ia remar e era aquela coisa pesada. Hoje em dia elas são elásticas que parece que você está sem nada. Então eu uso roupa de borracha tanto no verão quanto no inverno, até porque também protege do sol, de água-viva, e com neoprene tu flutua mais também, um pouquinho mais, mas flutua, então quando você perde a prancha e tem que nadar, aquilo também facilita (MACHUCHO, 66) e

Também se preocupa com aerodinâmica, para teres uma ideia, um cabo de aço, qualquer cabo que tu tenhas no barco, o atrito que ele tem com o vento é três vezes a espessura dele. Se tu tens um cabo da grossura dessa caneta, tu multiplica isso por três. È isso aqui o atrito que tu tens (MANEIRO, 60).

Figura 16: Maneiro (60) preparando o barco para o velejo



Observação realizada no dia 11 set. 2018.
Fonte: Autoria própria (2018).

Figura 17: Gato do mato (65) e Kakytus (66) conferindo os equipamentos para o rapel



Observação realizada no dia 25 ago. 2018.
Fonte: Autoria própria (2018).

Na Figura 16, Maneiro (60) prepara a vela para ser recolhida, no final de nossa observação, realizada na Baía Norte, próximo à Ponte Hercílio Luz, no início da tarde do dia 11 de setembro de 2018, demonstrando o conhecimento que tem de todos os equipamentos e técnicas para realizar as manobras necessárias para o velejo. Na Figura 17, Gato do mato (65) e Kakytus (66) preparam e conferem os equipamentos para a realização de um rapel de aproximadamente 30 metros, que foi desfrutado por um grupo de oito pessoas, incluindo os dois, na Lagoa da Conceição, na tarde do dia 25 de agosto de 2018.

Alguns relatam fatos da história da modalidade, como ilustra o relato de Garça (65): "[...] sempre ia ao Arpoador, ali foi mais ou menos o berço do surfe. Ali foi onde nasceram os primeiros surfistas brasileiros, estavam ali no Arpoador" e a Figura 18, em que Tepan (65), na observação realizada na praia do Açores, sul da ilha de Florianópolis, na manhã do dia 13 de agosto de 2018, demonstra como os surfistas carregavam as pranchas antigamente, esclarecendo que elas eram muito grandes para serem carregadas embaixo do braço, como são hoje, pois quando era mais novo, só existiam as *longboards*, não existiam pranchinhas.

Figura 18: Tepan (65) mostra como os surfistas carregavam seus pranchões



Observação realizada no dia 13 ago. 2018.

Fonte: Autoria própria (2018).

Os entrevistados também são adeptos da tecnologia, utilizando máquinas fotográficas e celulares para registro e divulgação de suas atividades; contadores de voga, no remo olímpico; aparelhos GPS, nas trilhas e no velejo; aparelhos contadores de velocidade, tempo e distância, no ciclismo e na corrida, além de acompanhamento de sites e aplicativos que tratam de condições climáticas, conforme ilustrado pela Figura 19, cedida por Luiz (74), do equipamento que utiliza para acompanhar a velocidade, a distância e o tempo da sua pedalada realizada no dia 19 de setembro de 2018, na ciclovia da Beira Mar Norte.

Figura 19: de velocidade, tempo e distância do ciclista Luiz (74)



Fonte: Luiz (2018). Imagem cedida pelo participante.

Bem como sobre eventos relacionados à modalidade que praticam:

Existe uma escassez em eventos dentro desse esporte, tanto os promocionais como os de competição. É perceptível a falta de interesse e/ou motivação dos empresários e profissionais envolvidos com o esporte em se unir e promover atividades que estimule o ingresso de novos e ou promovam a prática (CARLOS EDUARDO, 61) e

Hoje em dia eu até acompanha, porque hoje em dia tem o circuito Mundial, em lugares mais variados do mundo inteiro. [...] eu fico olhando, vendo como as ondas estão mudando, como é o vento que entrou diferente, durante meia hora dá bastante onda e na meia hora seguinte não dá, depois volta (GARÇA, 65).

Durante as observações Indian (60), Carlos Eduardo (61), Maneiro (60), Henrique (68), Gato do mato (65) e Kakytus (66) forneceram muitas informações sobre as modalidades, equipamentos, condições climáticas ideais e não ideais, como realizar a prática, custos, riscos, cuidados e segurança.

Estes últimos três aspectos também foram abordados durante as entrevistas: "[...] mas eu acho que a dificuldade é praticar, é um esporte ao ar livre que você tem que enfrentar a natureza: vento, frio, sol, a força da água" (ISA, 63); bem como a necessidade de segurança: "Eu acho que o único quesito que poderia melhorar um pouquinho é essa questão de preparação das pessoas para maior segurança na trilha" (GATO DO MATO, 65); "Eu corro o risco ou eu não corro o risco. Ou eu estou preparado para me proteger, para não facilitar, não dar sorte ao azar; então depende de mim. Até mesmo pisar em uma cobra, uma cobra me morder ou não, depende de mim" (HENRIQUE, 68).

Dão exemplos de cuidados que costumam adotar com relação à segurança: "Temos um número limitado para poder, justamente, dar prioridade à segurança. Você pode levar um grupo de mais do que 10 pessoas, mas, para uma atividade super criteriosa, como uma caverna, um costão é extremamente arriscado" (GATO DO MATO, 65) e "Tu tens que equilibrar o barco, tens que dar direção, tens que observar o obstáculo, para evitar acidente. Ele exige toda a tua atenção, toda" (ISA, 63). Esses cuidados também puderam ser verificados durante as observações, como por exemplo, nesse trecho:

Kakytus acompanhou praticamente todos na primeira descida, ele dava instruções descia com a pessoa e depois subia pela trilha. Comigo foi a mesma coisa. Depois na trilha me deu algumas dicas sobre prestar atenção em algumas marcas da natureza para não se perder na trilha. Enquanto Gato do mato ficou na assessoria, no rádio, e fazendo a segurança das pessoas que estavam descendo e que ficavam aguardando para descer.

Depois que Kakytus parou de descer, começou a fazer a segurança em baixo, eles chamam de anjo (DIÁRIO DE CAMPO, 26 de agosto de 2018).

E de situações que têm conhecimento ou que vivenciaram:

Teve um caso no campeonato mundial, nesses grandes de volta ao mundo, que teve um barco que deu problema e um outro que estava em excelente condição de posicionamento, voltou ate o barco com problema e fez escolta ate uma área segura. Porque se foi para a água, só tem a vida mesmo. Eu acho que em função do risco essa solidariedade existe e, em relação a isso, é muito bom aqui também (CARLOS EDUARDO, 61) e

Depois de todas aquelas dificuldades, a gente teve que fazer um rapel bem no costado, onde tinha um canal de entrada do mar. Quando eu desci ali, o Marino tinha ficado em cima, porque a gente não podia descer os dois, tinha que ficar um na cobertura do outro. Então eu desci sozinho ali (KAKYTUS,66).

Os conhecimentos adquiridos por meio da prática de atividades de aventura na natureza podem estar relacionados aos equipamentos e tecnologias, às técnicas para a prática, ao próprio corpo e mente, aos riscos, às regras da modalidade, às regras de convivência, ao ambiente e às condições climáticas. Sua aprendizagem pode minimizar os riscos, garantir a segurança e otimizar as sensações de prazer, satisfação, divertimento e superação, e por isso são tão caras ao praticante, conforme demonstraram os participantes do presente estudo. No estudo Hickman *et al.* (2017) os escaladores também apontaram com satisfação os conhecimentos adquiridos. Estes se relacionaram aos aprendizado de novas técnicas, da evolução na modalidade, da adaptação do corpo a novos desafios e, para o ensino de técnicas a praticantes iniciantes (HICKMAN et al., 2017).

Ao considerar os riscos reais que acompanham a prática dessas atividades, alguns cuidados são necessários para sua realização. Alguns recursos conhecidos e utilizados para minimizar esses riscos são: o próprio conhecimento desses riscos, bem como sobre o meio ambiente e as condições climáticas, a utilização de recursos tecnológicos, a

manutenção dos equipamentos, o domínio das técnicas específicas para a modalidade praticada, o condicionamento físico, as capacidades de decidir e agir rapidamente e a aplicação de técnicas de primeiros socorros (PAIXÃO; SILVA, 2010; SILVA *et al.*, 2013; VAZ *et al.*, 2017).

A experimentação do risco, da incerteza, do desconhecido e do inesperado, é parte da prática de atividades de aventura na natureza, e podem, de acordo com Marinho (2008), determinar a satisfação do praticante. Nessas atividades, o medo, a ansiedade, a insegurança e as preocupações, se misturam com o prazer, a satisfação, a alegria e a superação, motivando a prática e tornando-a excitante (LAVOURA; SCHWARTZ; MACHADO, 2008). O enfrentamento e a superação de dificuldades, ocasionadas pelo desconhecido e inesperado, são geradores de prazer e satisfação (PEREIRA; TAVARES; SUZUKI, 2016).

A proximidade com a possibilidade da morte desperta no homem uma intensa percepção de estar vivo, como ilustra um jovem surfista tahitiano de ondas gigantes, Matahi Drollet, no documentário *Fishpeople* (2017), enquanto surfistas experientes davam relatos impressionados sobre a onda gigante que ele havia surfado: "Por um instante, achei que fosse morrer, mas é aí que você se sente mais vivo" e o documentário *Mountain* (2017), na fala do narrador, enquanto as imagens mostravam um escalador, sem equipamentos, no alto de uma rocha, esgueirando-se à beira de um abismo: "Nunca se sentirá tão vivo sabendo que, a qualquer instante, você pode morrer". Esse intenso sentimento de estar vivo, mesmo que por um instante, é o que leva o praticante a estar em constante busca, é o que leva o homem aos lugares mais distantes.

4.5.4 Viagens: curtindo o mundo

Outro assunto que foi muito abordado pelos entrevistados foram as viagens, sejam nacionais ou internacionais. Alguns viajam para competir: "Algumas corridas são inesquecíveis, tanto pelo desafio como pelo local, a exemplo das competições no deserto do Atacama, no Chile; do Saara, no Egito; da Maratona de Sadô, no Japão; do gelo no Ushuaia, Argentina" (URBE, 70); "[...] quando eu fiz 60 anos, eu criei um projeto pessoal de fazer uma volta em Santa Catarina, que eu fiquei durante quatro meses percorrendo o estado todo. Eu fui de bicicleta ou correndo, passei em todos os municípios do Estado" (ROBERTO, 67) e

Com a participação do Campeonato Mundial de remo eu conheço, hoje, quase todo o mundo. A Europa, França, Espanha, Itália, Croácia, quase toda a Europa que tem remo. Eu conheço os Estados Unidos, Canadá, já fui várias vezes participar de remo (COCOROCA, 89).

De viagens que fizeram para praticar a modalidade, sem estar relacionado com competição: "O Morro da Igreja em Urubici, eu subi redondas 10 vezes. Quero subir mais vezes. Cada vez é uma outra satisfação, vejo algo diferente. Um clima diferente, algo na natureza que eu possa observar, que não observei antes" (PROFESSOR, 62) e "Já fiz planador também. Fiz um curso de planador, na França. Gosto muito de voar de planador" (TEPAN, 65).

Contaram sobre viagens de turismo, nas quais experimentaram alguma atividade de aventura na natureza: "Quando viajo, fui para Bonito, fiz *stand up [paddle]*, flutuação, *rafting*. Adoro!" (MAMA, 64); "De esportes na natureza, mais especificamente, *trekking*, acampamento, *bike*, escalada, principalmente nos anos de Patagônia, eu já tinha quase 50 [anos], e foi uma descoberta maravilhosa, os Andes e tudo aquilo que ele pode mostrar" (NUNATAK, 62) e

Já brinquei de descer nas dunas com prancha, lá no Ceará. Fiz flutuação em um rio, em Bonito. Uma linda sucuri passou por debaixo de mim. Andei de ultraleve - uma geringonça - em uma praia na Bahia. Fiquei um mês navegando em um veleiro. Andei de bote de borracha em corredeiras. Acampamos em um lugar com cachoeiras e cavernas lindas, em Goiás. Fui pescar com os sobrinhos e passei a noite na Ilha das Três Irmãs - pesquei alguns peixes. Dormi em cima da pedra. Passei o dia e mergulhei na linda Ilha dos Corais (MARIA, 63).

Os investigados revelam, ainda, viagens que sonham em fazer: "Tenho outros sonhos, como entrar em um barco e fazer um velejo em alto-mar. É uma coisa que me assusta e me fascina ao mesmo tempo" (CARLOS EDUARDO, 61); "Se tu começa a fazer muito planejamento a respeito dessas atividades mais radicais, a própria questão de cavernas, tem um monte de cavernas no Brasil que eu gostaria de explorar. Talvez um dia eu ainda vá explorar." (KAKYTUS, 66) e "O que eu gostaria era

pegar esse barco e sumir. Porque eu não tenho um rendimento, eu teria que ter um ... Se eu tivesse uma aposentadoria, mas não tenha dúvida! Já tinha me mandado, não estaria aqui conversando contigo" (MANEIRO, 60).

Segundo Figueiredo e Ruschmann (2004), as viagens são realizadas pelos homens desde a antiguidade e a idade média, intensificando-se a partir das grandes navegações. Desde essa época, as viagens tiveram variados objetivos: econômicos (comércio, exploração, dominação), científicos (biologia, geografia, sociologia, filosofia, história) e, a partir do século XIX, incentivadas pelo desenvolvimento científico e tecnológico, iniciaram-se as viagens turísticas. Nesse momento, com o aparecimento das ferrovias, rodovias, barcos a vapor, telégrafos, as distâncias foram diminuindo e os espaços vazios foram ocupados.

Nessa perspectiva, na sociedade contemporânea, a tecnologia móvel promove uma resignificação sobre a proximidade e a distância, em função da mobilidade facilitada, seja de informações, de produtos, de serviços ou de pessoas (MARINHO, 2007). O mundo se tornou mais acessível. As viagens passam a ser prazer, excitação e alegria (MARINHO, 2006) e as trocas que se estabelecem entre pessoas, objetos e ambientes configuram o auge das viagens (MARINHO, 2007). Segundo Figueiredo e Ruschmann (2004), a viagem é uma busca por algo novo e incomum; pelo mundo e, ao mesmo tempo, por si mesmo; por algo que satisfaça, pois o cotidiano não o faz. Ela é constituída de experiências, onde as pessoas podem tentar, testar e arriscar (MARINHO, 2006). Nesse sentido, ela torna-se uma aventura, um ato de transformação e de educação (FIGUEIREDO; RUSCHMANN, 2004).

A oportunidade dessas pessoas em experimentar o mundo por meio de suas viagens parece ser-lhes muito gratificante. Além disso, configuram-se como meio de trocas, conforme defendido por Marinho (2007) e, conseqüentemente, como meio para aquisição de informação, formação e participação sociocultural.

No entanto e, especialmente, quando se trata de viagens relacionadas à prática de atividades de aventura na natureza, torna-se urgente refletir sobre os impactos que essas práticas e viagens causam ao ambiente, sejam relacionados à natureza ou às comunidades locais (MARINHO, 2007). Trata-se de mais um desafio que essa população enfrentará, assim como qualquer praticante de atividade de aventura na natureza; que necessita de reflexão e mudanças e que pode encontrar,

nessas pessoas, aliados, devido à sua sensibilidade, história e experiência de vida.

4.6 A AVENTURA DE SER OU NÃO SER... IDOSO

"Ao saírem da cabana, não viram nada. Nem perto, nem longe. Nem mesmo uma pegada se espalhava pela areia. Só havia no chão uma pequena pedra em forma de elefante. [...] Obax ficou furiosa e com tanta raiva, que enterrou a pedra no chão para que ninguém nunca mais zombasse de suas aventuras"

(NEVES, 2010, p. 27)

A discussão desse capítulo não faz parte dos objetivos iniciais da pesquisa, pois surgiu de uma demanda advinda dos primeiros participantes do estudo, que foi percebida pelas pesquisadoras e, que devido ao estranhamento e à curiosidade causados, foi incluída na pesquisa como tema de discussão para os participantes. Portanto, aqui serão apresentadas suas percepções, bem como algumas colocações que fizeram ao longo das entrevistas sobre o mesmo assunto.

Segundo Soares, Mourão e Alves Junior (2015), os termos "idoso", "terceira idade" e "melhor idade" foram adotados com o intuito de exaltar a velhice como uma fase privilegiada, de experiências prazerosas, além de denotar respeito; enquanto os termos "velho" e "velhice" representam a degeneração, a fragilidade e a inatividade. No entanto, Moura e Souza (2012) defendem que essas mudanças na utilização de termos escondem preconceitos e não permitem que se perceba a realidade da velhice, fato que acaba por incentivar a negação e o temor diante do envelhecimento. Originalmente, todos os termos da pesquisa - título, TCLE, Consentimento para fotografia, filmagem e gravações, roteiro de entrevista, etc - referiam-se à população pesquisada como idosos.

No entanto, durante as primeiras entrevistas, logo no início, assim que as pesquisadoras apresentavam e explicavam o estudo, convidando essas pessoas a participarem, perceberam algumas reações adversas dos mesmos quando foram referidos pelo termo idoso, como no caso de Isa (63) que perguntou com visível insatisfação: "O que vocês consideram idoso?"; comentários realizados por Luiz (74) que demonstravam sua insatisfação com algumas situações que ocorreram após completar 60 anos e passar a ser considerado idoso; bem como, as

expressões de desconforto, tanto corporal, quanto facial, de Machucho (66) e de Neto (68).

A partir dessas reações e percebendo o fértil campo de discussão que poderia ser fomentado, as pesquisadoras incluíram uma explicação sobre o ocorrido, ao final das entrevistas dos próximos participantes, e perguntaram suas opiniões sobre o termo idoso e essa classificação. Dessa forma, foram obtidos os conteúdos para discussão desse capítulo, além de serem utilizadas algumas manifestações dos participantes em outros momentos da entrevista.

Além desses participantes supra mencionados, outros quatro responderam a entrevista antes de incluirmos essa questão - Cocoroca (89), Professor (62), Tepan (65) e Maria (63) - e, embora não tenham demonstrado qualquer reação, fizeram algum comentário durante a entrevista, ou mesmo pelas expressões facial e corporal que adotaram durante as entrevistas e as observações foram incorporadas nesse capítulo.

Desses quatro entrevistados, Cocoroca (89) demonstrou sentir orgulho de continuar remando e competindo com a idade que tem. Enfatizou ainda que não toma nenhum remédio e afirma que isso acontece devido ao fato de se manter remando. Por sua vez, Maria (63) refletiu sobre como a nossa sociedade se posiciona diante do tema: "Você vê os velhinhos, em outros países, vão até onde podem. Eles curtem, aproveitam. Nós aqui [no Brasil] que temos toda essa diversidade, e ficamos acomodados, barrigudos, lamentando, falando de doença". Ela realmente demonstra em atitudes, não concordar com essa situação: permanecendo animada durante toda a entrevista, com uma postura positiva diante das situações que contava, enfrentando-as com leveza, alegremente, sorrindo e brincando.

Essa vivacidade também pode ser percebida em sua observação na trilha: ela brincava e se divertia, escolhia seus caminhos autonomamente. Enquanto seu marido, Professor (62), caminhava pelas pedras, ela preferia ir pela água, mergulhando e aproveitando cada pequena queda d'água e poço que surgiam no caminho, para mergulhar e se massagear, como foi registrado no seguinte trecho:

Eles caminham rápido e com bastante agilidade. Logo no início da trilha, tivemos que atravessar o rio passando por pedras. Professor pulou com bastante agilidade de uma pedra para outra, e Maria decidiu passar por dentro da água mesmo [...] Um pouco depois que passamos o poço, e ela

tirou a camiseta e a bermuda e entrou na água para caminhar e para se banhar. Enquanto ela praticamente fez a trilha toda pela água (com tênis e tudo), ele fez pulando as pedras, e tentando não molhar o tênis.[...]. Todas as vezes que tinha uma queda d'água ela parava para se banhar e ficar embaixo sentindo massagem da água. Ele brincava comentando comigo que 'Ela é assim mesmo, parece uma criança!' (DIÁRIO DE CAMPO, 27 de setembro de 2018).

Tepan (65) refletiu sobre as atitudes das pessoas - das outras e das próprias pessoas com 60 anos ou mais - como nos trechos que seguem: "Quando a gente ouve: 'Tu ainda faz?' Eu não entendo essa pergunta. 'Mas tu ainda?!' Por quê? É uma época que não podes mais? Não sei" e "Eu não quero perder a vontade, porque com a idade você vai ficando criterioso com relação ao tempo. Queres ir em tal lugar? Aí diz: Será que eu vou? Não sei quanto é. Quando jovem, tu vais! Depois tu pensa, será que eu vou?".

Por sua vez, Professor (62) falou das limitações que percebeu com a idade e seus desafios, principalmente, relacionados à prática: "Eu tenho esperança de continuar com essa atividade ainda, não sei por quanto tempo, mas os empecilhos e as dificuldades que aparecem, na medida do possível, tento contornar" e "[...] às vezes, os médicos falam para mim 'Você não tem mais trinta anos'. Eu sei, o dobro e mais um pouquinho! Mas tenho a disposição como quem está na idade de vocês! Esse, eu acho que é um desafio que me preocupa um pouco!" (PROFESSOR, 62). No entanto, percebeu que as oportunidades estão aumentando: "Um outro fator que percebo é o investimento cada vez maior na saúde, o que possibilita cada vez mais pessoas de terceira idade a praticar estas aventuras" (PROFESSOR, 62).

A seguir serão apresentadas as perspectivas dos 16 participantes que responderam a questão sobre esse tema, o qual surgiu espontaneamente ao longo da pesquisa. Seis dentre os participantes discordam dessa terminologia e/ou não gostam de serem chamados de idosos. Roberto (67) acredita que a ideia de pessoa em decadência é antiga, e que, hoje, não serve mais, pois as pessoas estão ativas:

Eu acho que hoje em dia essa característica não condiz com a realidade. Na verdade, as pessoas tendem a fazer um rótulo. Só que os rótulos demoram muito a serem desmontados. As

pessoas, como você percebeu, com 60 anos ou mais que fazem atividade física não se sentem idosos nesse conceito, que é a pessoa de bengalinha, ou que não está fazendo mais nada, ou só vai visitar o neto (ROBERTO, 67).

Assim como Roberto (67), Lili Curly (60) afirmou que o imaginário de que a pessoa, a partir dos 60 anos, é fragilizada e tem dificuldades está ultrapassado, não serve mais para a realidade atual. Ela comenta:

Eu acho horrível! Se me chamarem de idosa..., também não vou gostar. [...] Eu acho que isso veio de antigamente, porque a expectativa de vida era muito baixa. 50 e poucos anos, 60, a pessoa morria. Estava velha e aposentada. Só que mudou, por causa do desenvolvimento tecnológico, por causa de tudo, a vida saudável! etc. A expectativa de vida aumentou. [...] O que eu percebo, o que eu acho, é que idoso, velho, é aquela pessoa que está começando a ter muitas dificuldades em tudo. Não é o caso, não é? Não é o caso, porque me sinto ativa, viva. Eu me mexo bastante. Realmente não me considero nada disso. [...] Acho que é porque a pessoa se sente limitada, quase morrendo se for idoso. Não é o que a gente sente, a gente se sente totalmente vivo. Eu acho que essa é a diferença. O idoso, velho é aquele que está morrendo. Como eu estou super viva ainda, estou pulando para lá e para cá, então, não me sinto assim (LILI CURLY,60).

No estudo de Hickman *et al.* (2016), os alpinistas se comparam com outras pessoas da sua idade que não realizam essa atividade, para enfatizar suas conquistas, seu orgulho e sua potencialidade, com amigos que também praticam as atividades, para demonstrar seu respeito e apoio. Verifica-se que o envolvimento nessas atividades, permite que a pessoa reconheça seus esforços e suas superações, contribuindo para que tenha outra percepção do envelhecimento.

Carlos Eduardo (61), assim como Lili Curly (60), não se sente idoso: "Se eu não tiver um espelho, esqueço que tenho 61" (DIÁRIO DE CAMPO, 07 de julho de 2018); afirmou que o termo é discriminatório:

"Ele é discriminatório para mim. Idoso e outras palavras não me deixam muito confortável", e que as pessoas que praticam atividades de aventura na natureza não se sentem idosas ou não querem se sentir: "Os praticantes da vela, e os que fazem esporte radical, não conseguem se sentir idoso. Eu não sei se eles não querem, mas não conseguem. Eu acho que o fato de não querer também existe".

Surfistas participantes do estudo de Wheaton (2016) relataram que a imagem que se cria em torno do envelhecimento foi um desafio que tiveram que enfrentar para iniciar ou retomar a prática do surfe, pois, em alguns momentos, pensavam não serem capazes e recebiam se sentirem incompetentes diante das outras pessoas. Wheaton (2016) lembra que, para as mulheres, o desafio é duplo, pois além de enfrentar os desafios relacionados à idade, também enfrentam os relacionados ao gênero na atividade física. Em especial nas atividades de aventura na natureza, que teve, durante muito tempo, a predominância da hegemonia masculina e jovem.

É importante ressaltar que a idade cronológica não é indicativo de como as pessoas se sentem ou experimentam o envelhecimento (WHEATON, 2016), tal percepção depende de toda uma história de vida passada e presente. Assim, como foi relatado no presente estudo, os surfistas participantes do estudo de Wheaton (2016) relatam se sentirem como jovens e adolescentes, que suas mentes não mudam, que percebem que estão envelhecendo quando se olham no espelho.

Marcus Vinícius (67) se sente discriminado, acredita que as pessoas sejam preconceituosas e que, no Brasil, não somos preparados para sermos idosos. Afirma, ainda, não gostar de seu aspecto físico no espelho, porque as pessoas o discriminam por isso e não veem quem ele é de verdade:

[...] meu aspecto físico é de um idoso e eu tenho consciência disso, e as pessoas me julgam pelo que elas estão vendo, não pelo que eu sou de verdade. Às vezes eu próprio me discrimino, porque eu olho no espelho e digo 'Poxa você está um [não completou a frase]' Mas quando eu estou na canoa 'Marcão, que legal!' (MARCUS VINÍCIUS, 67).

Algumas situações que ele relatou não são, necessariamente, discriminatórias, mesmo assim, afirmou sentir-se incomodado: "Essa discriminação depende do momento, do local e do contexto. É natural eu

estar no metrô, e alguém se levantar para me dar o lugar. Dá vontade de pegar no colo e dizer 'Não, senta aí'. Faz parte" (MARCUS VINÍCIUS, 67).

Escaladores profissionais participantes do estudo de Hickman *et al.* (2017) relataram a necessidade de aprenderem a lidar com as mudanças ocorridas nos seus corpos, principalmente quando são desafiados durante as escaladas. Assim, perceberam que a necessidade de adaptar sua mente jovem, ao seu corpo que muda ao longo dos anos de vida, torna-se um desafio. Felizmente, notaram também que a escalada os auxilia a ultrapassar essas dificuldades e a perceber as potencialidades de seus corpos (HICKMAN *et al.*, 2017).

A discriminação também foi mencionada por um escalador profissional de 70 anos, no estudo de Hickman *et al.* (2016), quando constatou que, aos 80 anos, não poderá mais obter o seguro de montanhista especializado. Não concordando que seja inexperiente, inadequado ou incompetente para tal, tampouco que o será aos 80 anos, o participante acredita que essa situação é inaceitável para os dias atuais e discriminatória (HICKMAN *et al.*, 2016).

Para Indian (60), o termo idoso está atrelado a uma imagem negativa de incapacidade. Afirmou saber que tem idade, mas não se sentir dessa forma:

Idoso é o cara que tem reumatismo, que tem problema de coluna, que passa o dia de pantufa e que já está entregue ao tempo. Eu sou idoso porque sei que a minha data de nascimento é antiga, mas eu não me sinto assim. Fisicamente estou melhor do que quando tinha 30 anos (INDIAN, 60).

Júlia (65) percebeu um conflito dentro de si, porque ao mesmo tempo que sabe que é idosa e vê isso no seu corpo, não quer ser; principalmente quando está no meio dos jovens.

Isso é engraçado, isso é muito interessante. A gente não se sente. Às vezes eu fico meio em conflito também. Eu sei que sou, mas não quero admitir. Por que tu não te sentes. Teu corpo já dá sinais de envelhecimento, claro, é visível! É óbvio. Eu vou nos lugares e as pessoas me chamam de senhora, vou na fila preferencial. Porque eu vou? Porque tenho mais de 60. A

plaquinha do carro, se eu fui buscar, é porque estou admitindo que tenho. Mas, quando tu estás no meio de gente tão jovem eu digo 'Não quero ser tachada de idosa' (JÚLIA, 65).

Ela se sente disposta, cheia de vida e de vontade de conhecer outras possibilidades, tendo orgulho da conquista de ter iniciado um esporte tão diferente com mais de 60 anos: "Mais importante para mim foi descobrir que não tem idade para a gente descobrir que pode fazer alguma coisa. Eu descobri isso aos 61 anos, que eu poderia ainda fazer um esporte que jamais imaginei que poderia" (JÚLIA, 65). Segundo Soares, Mourão e Alves Junior (2015), aceitar as mudanças advindas do envelhecimento ou tentar escondê-las, sejam elas fisiológicas ou estéticas, são um constante dilema nesta fase, uma vez que, conforme salienta Debert (1999), o corpo envelhecido é negado.

Na atualidade, o envelhecimento traz consigo diversas contradições (VISCARDI *et al.*, 2018b), da mesma maneira com que os avanços científicos e tecnológicos nos permitem viver por um tempo prolongado, a sociedade estabelece parâmetros de possibilidades e impossibilidades, o que é aceito e o que não é aceito, como se deve parecer e como não se deve parecer. Em que pese esse controle social, essas pessoas são responsabilizadas pela gestão de suas vidas, podendo ser, em alguns casos, culpadas se o processo de envelhecimento não estiver ocorrendo da forma como se espera que ocorra (SOARES; MOURÃO; ALVES JUNIOR, 2015). Como se o que a sociedade espera dessas pessoas atendesse aos seus desejos pessoais. Segundo Moura e Souza (2012), a percepção dessas pessoas reflete não somente como a sociedade os vê, mas também, sua opinião a partir da sua percepção de mundo, do envelhecimento, das relações sociais e do tempo.

A maioria dos entrevistados se comparou às pessoas mais novas: "Minha atividade é maior até do que a de muita gurizada. Eu sou um dos caras mais assíduos e que mais tempo fica na água. Então, a questão da idade é relativa" (INDIAN, 60); "É, a gente não se movimenta como uma pessoa de 20 e poucos anos ou 30. Somos um pouco mais lentos. Mas me sentir velha, eu não me sinto não" (LILI CURLY, 60); "Eu já noto algumas dificuldades, mas vou tentando me adaptar. Eu não vou ser igual a menina de 20 anos, não tenho a mesma agilidade" (JÚLIA, 65);

Dentro desse esporte, andando com a gurizada
'Tá, eu sou idoso. Vamos para a água.' Engraçado

é que quando os amigos apresentam dizem 'Olha sessenta e poucos anos' 'Como?' Já teve situação de brincar, de fazer peguinha e eu passar o cara e, não falava nada, mas 'O idoso te passou moleque!' [risos] Eu uso isso. Nessas horas, é prazeroso ironizar. Mas, não gosto do termo idoso não (CARLOS EDUARDO, 61) e

Quando eu falo que fui acolhido na canoa, eu lido com eles [praticantes mais jovens de canoagem havaiana] como sendo da mesma idade. Brinco, me divirto, faço coisas que alguns deles não fazem. Por exemplo, fazer essa caminhada nas Rendeiras, nas dunas, três horas embaixo do sol, [...] Tem muitos dos jovens que não conseguem me acompanhar (MARCUS VINÍCIUS, 67).

Roberto (67) não se comparou às pessoas mais novas, mas percebeu a existência de limitações físicas que devem ser respeitadas, mas que não impedem que a pessoa faça a atividade que quiser:

Tenho alguns cuidados. A gente começa a perceber que precisa respeitar essas questões, principalmente quando começa a se distanciar dos 60 e chegar próximo dos 70, daqui a pouco já estou com 80 ou 90. Eu acho que você tem que começar a respeitar algumas coisas, principalmente questões físicas, mas não no sentido de que é um coitado, que não tem mais iniciativa (ROBERTO, 67).

Machucho (66), embora não tenha respondido a esta questão, demonstrou, em um trecho de sua entrevista, uma visão em sintonia com esses entrevistados:

Porque é muito bom e eu vou praticar sempre, enquanto eu tiver saúde. A idade... eu até esqueço, porque se for pensar, se for se espelhar em outras pessoas que têm a mesma idade, tu vais parar de fazer as coisas. Não tenho preguiça, tenho uma boa disposição, então, para mim tanto faz. Não posso pensar em idade para praticar o surfe. O surfe eu acho que dá para... eu sei de outros, não

aqui, em outros países, eu estive na Califórnia, e via muitas pessoas de idade que surfam, até de mais idade do que eu, que estão sempre lá surfando. De *longboard*, ou *bodyboard*, mas estão sempre lá surfando. Eu ainda estou surfando de pranchinha, surfo com uma prancha bem pequena, porque acostumei assim. Tenho o físico já preparado para isso, porque sempre fiz. Sempre fui magrelo, e isso ajuda bastante no surfe (MACHUCHO, 66).

Júlia (65) finalizou sua reflexão com uma linda frase e uma grande lição: "A velhice não pode nos impedir de sonhar, de fazer o que se gosta e buscar coisas novas. É um momento de grandes oportunidades e é preciso saber aproveitá-las". Tal afirmação corrobora as ideias de Piccolo (2011) ao afirmar que a velhice vem acompanhada de possibilidades, oportunidades de aprendizagem, reflexões e estabelecimento de outras relações com a realidade e com as diferenças.

Os outros dez entrevistados afirmaram não se incomodar em serem chamados de idosos, simplesmente porque não se sentem assim: "Tu olhas no espelho, vêes que tens rugas, tu vêes que a tua cara já não é mais a mesma, mas eu não me sinto dessa maneira. Não tenho essa preocupação" (KAKYTUS, 66); "Estou com 67 e nem estou pensando que vou ficar velho um dia. Eu debocho disso, eu debocho da idade. Eu brinco com o tempo, o tempo para mim é um malabarismo" (HENRIQUE, 68); "Eu me sinto um jovem. Eu não vejo o mínimo empecilho se alguém me chamar de vovô, se me chamar de guri; eu me sinto de igual para igual com qualquer jovem na rua [...] nada me atinge. É tudo uma questão de cabeça" (Gato do mato, 65); "Vai da minha índole. Agora, eu me orgulho da idade que eu tenho. Não tenho vergonha de dizer que tenho 60 anos. Eu digo isso para todo mundo. [...] Não me incomoda absolutamente, acho essas coisas uma bobagem" (MANEIRO, 60); "Então eu digo para você, eu não tenho problema nenhum em ser chamado de idoso, eu até gosto. [...] Quando as pessoas te tratam como um idoso, ou seja, com respeito, eu acho ótimo, não tenho problema nenhum" (GARÇA, 65); "O idoso para mim ainda é motivo de se orgulhar por ter chegado onde cheguei. E por outro lado, eu olho para vocês e estou me vendo na idade de vocês, eu esqueço que tenho 70 anos e me sinto igual a qualquer um" (URBE, 70); "Eu acho que eu cheguei bem numa condição de 61 anos. Eu acho que eu estou tranquilo, me sinto jovem, acho que vou ser um idoso, mas nunca vou

ser velho. Eu me sinto como se tivesse 30 anos de idade fazendo atividade física, só isso." (CACO, 61) e

Eu não tenho problema de ninguém me chamar de idosa, chamar de senhora, eu acho respeitoso, fui criada assim. Eu até acho bonito quando me chamam de senhora, porque é a minha posição de senhora, eu me acho importante. [...] Eu procuro não ligar. As pessoas até falam para mim 'Nossa, como você está com a pele manchada' Mas nem olho. Quando está muito ruim, eu passo uma base (MAMA, 64).

Caco (61) complementou:

Quando a gente tem essa idade - 22, 39 - a gente olha para 60, é uma coisa que está longe. É uma coisa diferente. Mas quando você vai vivendo com qualidade, vai passando, você vai descobrindo que a sua idade nada mais é do que dar continuidade ao espírito que tu vens levando esse tempo todo. [...] Acho que juventude e a forma como você pensa. As rugas que a gente vê ao longo do tempo, acho que são uma conquista que a gente tem e não dá para negar (CACO, 61).

Assim como em outras falas apresentadas no texto, Moana relacionou esse sentimento à atividade de aventura na natureza que pratica: "Talvez a gente não se sinta tão idoso, porque dá conta das coisas. Ainda, conseguir participar da remada e dar nossa contribuição é uma coisa que é bacana pensar".

Nunatak (62) lançou um desafio: "O que eu gostaria realmente é que quem me chama de idoso, por uma questão de pecha [imperfeição, defeito], esteja como eu estou quando ele chegar nessa idade que eu tenho. Eu vou ficar satisfeito se ele conseguir isso".

Os ciclistas mais velhos, participantes do estudo de Minello e Nixon (2017), apresentaram algumas percepções semelhantes aos participantes do presente estudo. Eles também se compararam a quando eram mais jovens, ou mesmo com outras pessoas mais jovens que praticam a mesma atividade; e demonstraram satisfação e orgulho em descrever algumas situações em que sua performance foi melhor do que a dessas pessoas (MINELLO; NIXON, 2017).

Esses ciclistas também mencionaram não sentirem sua idade, e não se perceberem como idosos tradicionais, além de demonstrarem preocupação sobre o envelhecimento. Um deles lembra que antigamente o processo de envelhecimento era diferente, recordando que, na época de seus pais, quando se chegava à meia-idade, não se tentaria fingir que ainda poderia fazer coisas que fazia há 20 ou 30 anos; mas que agora, as pessoas se sentem mais confortáveis a esse respeito. Outro lembrou, ainda, que eles podem ser uma inspiração para outras pessoas. As autoras perceberam uma tensão existente entre o fato de aceitarem a idade e desejarem a juventude (MINELLO; NIXON, 2017).

Essa tensão, certamente originada de uma exigência social que prioriza a estética, pode ser desencadeadora de conflitos, como percebido por Júlia (65), mencionado anteriormente. Ela indica uma necessidade que vai além do que se pode ter, ou seja, o desejo de ter a experiência de vida, a maturidade e o conhecimento que se tem com mais idade, e o vigor, a disposição e, principalmente, a aparência, de quando jovens.

Para além da aceitação, ou não, do corpo, ou do envelhecimento, essas tensões são parte desse processo. Como defende Debortoli (2012), ao mesmo tempo que a velhice provoca tensões, inspira uma intensa vontade de viver. Considerando que as atividades de aventura na natureza também são inspiradoras dessa vontade de viver e, ainda, oportunizam que esses praticantes percebam e desenvolvam suas potencialidades, conjectura-se que possam minimizar o mal-estar causado por esses conflitos, principalmente os que estejam relacionados à fisiologia e à estética.

Alguns afirmaram, ainda, que existe uma concepção preconceituosa em relação ao termo: "Qual é o problema? Não existe problema em ser negro, nem em ser velho. Existe preconceito que os outros impõem. Eu não tenho problema com a minha idade, mas os outros, ao me olharem, pensam que sou velho. Eu rio deles" (HENRIQUE, 68). "Idoso para mim é aquela pessoa que tem idade, bastante idade, aí vai 60, 70, 80, 90. A sociedade vê o idoso como alguém inoperante, alguém incapaz. Para mim não, eu sou idoso" (CACO, 61) e "Eu acho que os termos velho e idoso estão muito ligados a uma incapacidade, que talvez você tenha pela limitação dos anos de vida. Quando você pratica atividade física está sempre se forçando a ir um pouquinho mais" (MOANA, 61) e

Há toda uma história, uma cultura nesse aspecto, de que quando as pessoas passam de uma certa

idade, espera-se que elas ajam de acordo com o que as pessoas acham que devem ser portar nessa idade. Não tem nada a ver uma coisa com a outra (NUNATAK, 62).

Garça (65) lembrou:

Lá em San Diego tem uma praia que é conhecida como *Old men point*, é a praia dos coroaos. Você vai lá e encontra um batalhão de gente como eu, velho, com pranchão, todo mundo se encontra, vai para dentro d'água. Lá eles têm isso, aqui [no Brasil] não tem. É uma coisa que eu estou sentindo um pouco. Eu pretendo encontrar uma solução para isso, porque realmente, eu não quero parar de surfar (GARÇA, 65).

Embora esses entrevistados não se incomodem com a classificação, também se compararam a quando eram mais novos, às pessoas mais jovens e perceberam limitações: "Então eu sei quais são as minhas limitações e procuro me adequar aos 64 [anos] que tenho" (MAMA, 64); "[...] claro que o problema é que eu já sinto no corpo a diferença de quando eu tinha os meus 27, 35 ou 40 anos, para os 60 agora. Eu me cuido muito mais" (MANEIRO, 60); "Mas depois dos 60 você ver que não é bem assim não, o corpo tem limites. Você tem que tentar fazer as coisas dentro do limite, cada pessoa tem o seu" (GARÇA, 65); "O que eu me impressionei, na verdade, é porque eu não sou nem um pouco jovem, mas eu nunca me senti aquém de nenhuma pessoa jovem na canoa em termos de potência" (MOANA, 61);

[...] muitas vezes a gente é convidado para participar de atividades com pessoas bem jovens, e muitas vezes, a grande maioria delas, os jovens, rateiam antes da gente. Às vezes, naquele orgulho da juventude, os caras falando baixinho 'Vamos dar um suadouro nos velhinhos', mas é justamente ao contrário. (KAKYTUS, 66);

No momento em que você aceitar, você não fica mais velho. Pode ficar com limitação física. Mas eu tenho amigos jovens com limitação física, que se machucaram ou alguns que foram atletas de

competição e não podem mais ir na montanha comigo. Quem está velho? Eu ou eles? (HENRIQUE, 68) e

Porque se hoje eu estou com setenta anos e conseguindo fazer praticamente tudo que um jovem com 20 com 30 anos faz, é porque a idade não é um fator preponderante da incapacidade, nem suficiente para rotular a idade como pejorativa. Estou conseguindo fazer quase tudo (URBE, 70).

O estudo de Menezes e Frota (2012) objetivou verificar os significados atribuídos ao corpo por 30 pessoas com 60 anos ou mais, nomeadas intencionalmente como "velhos" pelas autoras, participantes de um grupo de ginástica em Fortaleza, Ceará. As autoras justificam a adoção do termo velho em consideração à abordagem afetiva, poética e real do termo, embora reconheçam a existência de uma imagem estigmatizada e pejorativa em relação a ele. Salientam ainda que termos como "idoso", "terceira idade" e "melhor idade" são adotados com o objetivo de parecerem menos hostis, "politicamente corretos", ou mesmo para uso legal.

Segundo as autoras supracitadas, o corpo é percebido como referência de quem fomos e de quem somos; sendo assim, é nele em que primeiro se vivencia o envelhecimento. Essa percepção é mais fortemente reconhecida pelas mulheres e quando se estabelece uma comparação com o outro. Além disso, observa-se que as pessoas aceitam, cada vez menos, que o envelhecimento seja um processo inevitável de degeneração do corpo (MENEZES; FROTA, 2012).

Os participantes dessa pesquisa reconhecem as mudanças ocorridas em seus corpos, alguns as aceitam, outros não. Cabe ressaltar, no entanto, que tais mudanças geralmente são fontes de conflitos internos: de se reconhecer como ser, em suas experiências, por suas vivências; a querer ser agradável aos olhos da sociedade. Uma vez que o padrão de beleza aceito está pautado na juventude e não existe um ideário estético adaptado para essa fase da vida (MENEZES; FROTA, 2012). Outro fato observado pelas autoras, é a relação que os participantes estabelecem da beleza com a saúde, com a vitalidade e com o bem-estar. Tal observação indica que essas pessoas podem resignificar a beleza e, porque não, o envelhecimento, caso a sociedade lhes permita.

Nesse contexto, alguns participantes desse estudo despontam como pequenas resistências existentes nesse universo excludente. Ideia esta que corrobora com o estudo de Humberstone (2011), cujos verdadeiros aventureiros colocam-se contra a cultura dominante e criam seus próprios estilos e formas de viver a vida. Tal como brinca Kakytus (66), finalizando sua explanação: "A vida é bela e a gente faz ela mais bela ainda. Na hora de dar o adeus para o mundo, vou incomodar São Pedro um pouco, vou convidar ele para fazer umas trilhas por lá" e Henrique (68) que lembra que o problema não está nas classificações, mas em como as pessoas fazem uso delas, se com respeito ou como ofensa, e de como as pessoas que são classificadas as encaram:

Não se encontra um termo que possa agradar aquele que reage contra o tempo, que não aceita o tempo, que não aceita a velhice. Quem não aceita a velhice, e está em briga com o tempo, nunca aceitará a termo nenhum. [...] Ele nunca vai aceitar palavra nenhuma que você encontre para definir o momento da vida em que ele está. Vamos trabalhar no sentido de fazer com que o velho ria da palavra velho. Faça com que o velho ria do tempo. Que o velho entenda que o tempo é eterno, e não adianta brigar com ele (HENRIQUE, 68).

Por meio dos relatos, verifica-se que a despeito de terem opiniões diferentes com relação a como gostam de serem tratados, 15 dentre os investigados relataram que o termo idoso remete a uma imagem preconceituosa de incapacidade. Quatro salientaram que essa imagem não condiz com a realidade atual. Todos afirmaram se sentirem dispostos, ativos e cheios de vida, fato verificado nas observações realizadas. Por esse motivo, alguns acabam entrando em conflito consigo mesmos, pois não se percebem no contexto do papel social esperado. Oito entrevistados conseguem lidar bem com isso e não se preocupam com os pensamentos e opiniões alheias, concentrando-se em suas potencialidades e capacidades físicas. Há alguns relatos de sequer se lembrarem da idade que tem, sentindo-se mais novos.

Cabe ressaltar que 13 deles percebem limitações físicas advindas da idade, e em seus discursos se comparam consigo mesmos, quando mais novos, ou com outras pessoas mais jovens com as quais convivem. Sete afirmaram, inclusive, que são bem aceitos, respeitados e

se sentem à vontade nesse meio, no qual a participação de jovens é predominante. É importante mencionar, ainda, que se sentem orgulhosos de terem a idade que têm e participarem desses esportes com tanta disposição.

Para além da discussão sobre as terminologias utilizadas para discriminar essa etapa da vida, os relatos dos entrevistados nesse estudo apontam concordância com uma das formas de se pensar a velhice, apresentada por Debert (2012), em que a idade cronológica deixa de ser uma representação da pessoa, delegando essa representatividade às experiências vividas. Embora a idade tenha sido uma ferramenta eficiente nos processos de definição de direitos e deveres e na constituição de atores públicos, devido a sua neutralidade em relação aos aspectos físicos e mentais (DEBERT, 1999), não tem a mesma eficiência em outras dimensões da vida. Assim, considerando que as experiências são diversificadas e percebidas subjetivamente por cada um, não é viável que todas as pessoas, apenas por terem idades iguais ou próximas, sejam consideradas, classificadas, estudadas, categorizadas ou julgadas como iguais.

A forma como a sociedade encara a velhice deve ser repensada, para que não seja mais vista como um problema. Existem pessoas com mais de sessenta anos que continuam sendo participativas, desenvolvendo projetos, adquirindo e compartilhando conhecimentos, expressando-se e se construindo, como já enfatizava Lovisoló (1997) e como foi evidenciado no presente estudo. Segundo Lovisoló (1997), se essas pessoas compreendem que chegou a suas vez e que estão diante de novas oportunidades, não podem ser percebidas como um problema social. Devem, sim, ser incentivadas, como foram em qualquer outra fase da vida.

Nessa perspectiva, Humberstone (2011) lança um desafio ao leitor de seu estudo, para que tente entender as possibilidades e as escolhas de uma praticante de atividade de aventura na natureza. Trata-se de um estudo etnográfico e autoetnográfico, o qual descreve uma situação vivenciada por uma mulher inglesa, windsurflista idosa, com o intuito de representar suas sensações, experiências e compromisso com a natureza, de forma complexa e cheia de significados. Assim, o leitor pode, de alguma forma, sentir e interpretar como é a aventura para essa mulher, podendo ser sensibilizado (HUMBERSTONE, 2011). Por meio desse estudo, a autora evidenciou como os discursos dominantes sobre o envelhecimento se distanciam da realidade de muitas pessoas.

Desta forma, os achados no presente estudo reforçam os pensamentos de Piccolo (2011) de que a percepção do idoso em relação

à velhice e de como vivenciá-la pode variar em função das experiências vividas e da sua personalidade diante de sua construção histórica, social, cultural, política, religiosa e econômica. De forma a prolongar essa concepção para as manifestações no lazer, são inúmeras as possibilidades de vivências, conforme ilustra a Figura 20, exibindo idosos desfrutando de momentos de distração em um cassino, em grupo e individualmente, demonstrando sua autonomia nas escolhas de seus momentos de lazer.

Figura 20: Lazer no cassino



Fonte: Marinho (2018). Imagens cedidas pelo proprietário.

Vivemos contradições em nossa sociedade: enquanto valorizamos a juventude, a jovialidade, a boa aparência, o esteticamente belo, não aceitando o envelhecimento e criando meios de não parecermos velhos, a população segue rumo contrário, ou seja, cada vez mais, um maior número de pessoas vive por mais tempo. Ora, se esse é nosso futuro, talvez nosso presente, porque queremos negá-lo? Porque queremos categorizá-lo, criar limites para o que somos ou podemos ser, em função de números e aparências?

É certo que a negação à velhice nos leva a buscar melhores condições de vida, como melhorar nossa alimentação, praticar atividade física, cuidar da aparência, manter a mente saudável e esses fatores acabam mudando a forma de envelhecer, por isso, os velhos de hoje, são

diferentes dos velhos de décadas atrás. O envelhecimento é contraditório em aspectos multidimensionais. O estatuto do idoso foi criado pensando em dar uma assistência a essa população mais fragilizada, que precisa ter seus direitos assegurados, mas os participantes desse estudo não sentem que necessitam disso, eles se percebem autônomos e independentes.

Por todos esses motivos, é chegada a hora de mudarmos nossa concepção de envelhecimento e do velho, pois ele não é mais aquela figura fragilizada, de bengala, que vemos nas indicações de estacionamentos. É necessário que se pense nos diferentes tipos de envelhecimento, que envolvem aspectos socioculturais e econômicos, no sentido de permitir que todas as pessoas desfrutem de suas potencialidades e possibilidades quando chegada a sua velhice.

Também é certo que se deva considerar as subjetividades, uma vez que encarar o envelhecimento como uma fase de vitalidade, satisfação, potencialidade e (re)significação da vida é uma escolha individual. Mas essa escolha não está livre de influências sociais, culturais, históricas e econômicas, sejam individuais ou coletivas. Assim como é primordial considerarmos as contribuições destas diferentes ordens, das pessoas com 60 anos ou mais, em função de sua experiência, conhecimento, comprometimento e envolvimento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

"Na manhã seguinte um bater de asas chamou a atenção de todos [...] No lugar onde Obax havia enterrado a pedra, havia nascido um imenso baobá. Quando a pequena Obax se aproximou da árvore, os pássaros bateram asas [...] Era uma chuva de flores que forrou a aldeia com um tapete de pétalas perfumadas"

(NEVES, 2010, p. 28-31)

Por meio deste estudo buscou-se conhecer os significados que praticantes de atividades de aventura na natureza, com 60 anos ou mais, atribuem à prática e ao lazer, bem como seus motivos de participação. Alguns entrevistados se interessaram desde muito novos por essas práticas, outros a reconheceram em uma fase mais tardia. Eles demonstraram que essas atividades podem ser praticadas em qualquer época da vida e que o envelhecimento não é um empecilho, mesmo para aqueles que nunca as experimentaram.

Verificou-se que os entrevistados praticam atividades de aventura na natureza porque sentem algum tipo de ligação, seja com a atividade que pratica atualmente, com outra atividade física, com o equipamento utilizado para a prática, como o barco a vela, por exemplo, ou com o ambiente. Essa relação pode vir de um hábito, pode ser o gosto ou interesse, o amor, ou algo que não pode ser explicado em palavras, que pode estar relacionado aos campos filosófico e espiritual.

Assim, entende-se que seus interesses se constroem a partir do que a pessoa é, em intensa relação com o compartilhamento que tem e teve com o ambiente, durante toda a sua história de vida. Nesse sentido, suas preferências e escolhas devem ser respeitadas. Admite-se que as atividades de aventura na natureza sejam valiosas para aqueles que reconhecem algum significado nelas, mas isso não é verdadeiro para todas as pessoas.

Percebe-se que as situações que se apresentam com a prática dessas atividades se assemelham a outras situações enfrentadas durante a vida: prazeres, dúvidas, satisfações, medos, realizações, dificuldades, descobertas, tensões, podendo ocorrer nas atividades de aventura e em outras ocasiões da vida. No entanto, essas situações parecem ser experienciadas com maior intensidade durante essas práticas. Sensações de felicidade, animação, desafio, orgulho e recompensa são vivamente experimentadas, quando as pessoas se veem diante de uma situação em que sua vida pode estar em risco, quando experimentam um momento raro, de grande beleza, de conquista, de superação. Esses momentos são repletos de significados percebidos intensamente pelo praticante, fato que, normalmente, não acontece nas atividades cotidianas.

O significado que se dá para as coisas faz com que elas tenham sentido na vida e que a vida tenha igualmente sentido. Essa é a busca do aventureiro: sentir intensamente a vida, que pode se esvaír a qualquer instante. Por esse motivo, as atividades de aventura na natureza, para esses praticantes, são momentos de revelação e de reencontro, nos quais demonstram tudo que podem ser e fazer. Por meio delas, esses aventureiros se tornam resistências no universo excludente da cultura dominante.

Ao longo das entrevistas alguns temas foram transversais nas respostas de muitos praticantes, a saber: a saúde, as relações sociais, as sensações e emoções experimentadas, seus interesses e escolhas, a espiritualidade, o contato com a natureza, o conhecimento e as viagens. Essa transversalidade revela a íntima relação existente entre motivos para a prática e significados atribuídos a ela e ao lazer para esses entrevistados, indicando a existência de uma retroalimentação dinâmica

entre (re)significação e prática, apontando o lazer, especialmente associado às viagens e às atividades de aventura na natureza como um campo prolífico para a educação, aprimoramento cultural, participação social, comunhão espiritual, ou seja, para o desenvolvimento integral e contínuo desses praticantes, de forma prazerosa e dinâmica.

Pode-se vislumbrar, também, a importante relação que se estabelece entre praticante e ambiente, refletida pelo amor que declaram sentir pela natureza, a preocupação com questões ambientais, a contemplação, o cuidado com o outro e consigo mesmo e por necessitarem dele para suas práticas. Esse contato direto com o ambiente, vivenciando experiências prazerosas e intensas, podem levá-los a sentirem-se comprometidos, a perceberem-se integrantes dele.

Ressalta-se ainda, as inúmeras contradições existentes, relacionadas à prática de atividades de aventura na natureza, ao processo de envelhecimento e, também, ao lazer. As atividades de aventura na natureza ora são realização e felicidade, ora medo, dúvida e dor; dependem de uma boa saúde, ao mesmo tempo em que são geradoras dela; por vezes proporcionam pertencimento ao ambiente, em outras o utilizam como meio para sua realização. O envelhecimento é potencialidade e descoberta, sem deixar de ser conflito e incerteza. O lazer brinca com "os tempos" e se aproxima e se distancia das obrigações. Tais percepções revelam que a vida e o pensamento humano são constituídos de contradições e neles se transformam e reconstróem.

Os resultados desse estudo apontam as potencialidades físicas, mentais, psicológicas, espirituais e socioculturais de seus participantes, pessoas com 60 anos ou mais, praticantes de atividades de aventura na natureza. Diante dessa perspectiva, pode-se ponderar que o envelhecimento não nos torna tão diferentes do que fomos anteriormente e que, portanto, deve ser estudado e concebido como uma continuação de nossas vidas. Mesmo considerando que tais resultados não podem ser generalizados para toda uma população, fica evidente o quão nossa sociedade esta atrasada e enganada em sua concepção sobre o envelhecimento, uma vez que se tratam de pessoas com pleno potencial de conquistas e realizações, em qualquer área que desejem se dedicar. Embora essas potencialidades sejam evidentes nos praticantes dessas atividades, defende-se que todos devem ter a oportunidade de experimentar, escolher e se desenvolver, nessas ou em outra ocupação de sua preferência e escolha.

Destaca-se como fragilidades deste estudo a pequena variedade de modalidades que compuseram as práticas investigadas, diante da quantidade existente, uma vez que as diferentes modalidades, podem

influenciar visões e significações distintas dos praticantes; além do pouco tempo destinado às observações, pois as mesmas podem esclarecer e exemplificar os discursos dos entrevistados; e o pouco, ou nenhum, contato da pesquisadora principal com algumas das modalidades, dificultando a aproximação de alguns praticantes e o aprofundamento sobre alguns discursos.

Para concluir, esse estudo nos coloca diante de inúmeros questionamentos, para os quais não há pretensão de encontrar respostas nesse momento, mas que poderão instigar novos estudos na área. Quais sejam: até que ponto essas pessoas não estão sendo influenciadas por estereótipos em suas escolhas? Se existem pessoas que não se adaptam ou optam por não realizar qualquer atividade física, e existem outras formas de lazer, porque essa individualidade, essa escolha, não pode ser respeitada? Por que temos que criar modelos que acreditamos serem ideais a serem seguidos? Por que seguimos esses ideais? Por que estabelecemos esses pré conceitos? Diante das discussões atuais sobre as diferenças, de gênero, de raça, de idade, porque nosso discurso muda, mas nossas atitudes continuam as mesmas? De que forma podemos nos reinventar, nutrindo-nos do passado, vislumbrando o futuro, mas vivendo plenamente o presente? Os investigados deste estudo foram capazes de nos dar pistas valiosas para isso...

"Hoje quem se encosta no tronco dessa árvore sagrada procurando repouso é capaz de até sonhar com suas aventuras"

(NEVES, 2010, p. 32).

REFERÊNCIAS

ABADE, N. S. N.; GOMES, C. L. Lazer, saúde e intervenção com pessoas idosas: percepções sobre essas temáticas no contexto da educação física. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 19, n. 4, out./dez. 2016.

ACOSTA, A. **O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016. 264 p.

ACOSTA, M. A. F.; PACHECO, A. C. Lazer e envelhecimento: olhares que entrelaçam a cidade e o envelhecer. **Licere**, Belo Horizonte, v. 16, n. 3, p. 1-19, 2013.

ALVES JUNIOR, E.D. Atividades de aventura, tecnologias e envelhecimento. In: SCHWARTZ, G. M. (Org.) **Tecnologias e atividades de aventura**. São Paulo: Lexia, 2012. p. 23-29.

ARAÚJO, F. F.; ROCHA, A. Significados atribuídos ao lazer na terceira idade: observação participante em encontros musicais. **PODIUM Sport, Leisure and Tourism Review**, v.5, n. 2, p. 38-55, maio/ago. 2016.

BANDEIRA, M. M.; RUBIO, K. “Do outside”: corpo e natureza, medo e gênero no surfe universitário paulistano. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.25, n.1, p.97-110, jan./mar. 2011.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Ed. 1. Lisboa: Edições 70, 2011. 231 p.

BERNARDO, J. M. A natureza, a ideologia, o sagrado. In: Veríssimo S. A. (ed.) **Filosofia e Arquitectura Paisagista**. Lisboa: Intervenções, 2013. p. 143-162.

BETRÁN, J. O; BETRÁN, A. O. Las actividades de aventura em la naturaleza (AFAN): revisión de la taxonomía (1995-2015) y tablas de clasificación e identificación de las prácticas. **Apunts**, Barcelona, n.124, p.71-88, 2016.

BRASIL. Lei nº. 10.741, de 10 de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 2003.

BROGLIATO, C. Corrida é coisa de mulher, sim! **Ativo**, nov. 2018. Disponível em: <https://www.ativo.com/corrida-de-rua/papo-de-corrída/pelotao-corrída-mulheres/>. Acesso em 08 mar. 2019.

BROOKES, A. A critique of neo-Hahnian outdoor education theory. Part one: Challenges to the concept of “character building”. **Journal of Adventure Education & Outdoor Learning**, v. 3, n. 1, p. 49-62, 2003.

BRUHNS, H. T.; MARINHO, A. Ritos e rituais nas viagens à natureza. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 87-102, 2012.

BUCKLEY, R. C. Aging adventure athletes assess achievements and alter aspirations to maintain self-esteem. **Frontiers in Psychology**, v. 9, p. 1-12, fev. 2018.

BYRON, L. Childe Harold's Pilgrimage, Canto IV, Stanza, 1812-1818. In: Into the wild. Dir.: Sean Penn. Estados Unidos, 2007. 148 min. Filme.

CAMARANO, A. A. Novo regime democrático: uma nova relação entre população e desenvolvimento. Rio de Janeiro: Ipea, 2014. 658 p.

CIPRIANI, N. C. S.; MEURER, S. T.; BENEDETTI, T. R. B.; LOPES, M. A. Aptidão funcional de idosas praticantes de atividades físicas. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 106-111, 2010.

COMITÊ OLÍMPICO DE PORTUGAL. **Remo**. Disponível em: <<http://comiteolimpicoportugal.pt/modalidades/remo/>>. Acesso em: 05 fev. 2018.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VELA. **História da Vela**. Disponível em: www.cbvela.org.br/historia-da-vela/. Acesso em 05 fev. 2018

CRESPO, L. V. Os idosos e seus tempos de lazer em família: uma aproximação pedagógico-social. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**., Porto Alegre, v. 16, ed. especial, p. 341-353, 2011.

DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: EDUSP, 2012. 268 p.

DEBERT, G. G. Velhice e o curso de vida pós-moderno. **Revista USP**, São Paulo, n.42, p. 70-83, jun./ago. 1999.

DEBERT, G. G. Velho, terceira idade, idoso ou aposentado? Sobre diversos entendimentos acerca da velhice. **Revista Coletiva**, n. 5, 2011. Disponível em: <http://www.coletiva.org/index.php/artigo/velho-terceira-idade-idoso-ou-aposentado-sobre-diversos-entendimentos-acerca-da-velhice/>. Acesso em: 03 mar. 2018.

DEBORTOLI, J. A. O. Lazer, envelhecimento e participação social. **Licere**, Belo Horizonte, v.15, n.1, p. 1-29, 2012.

DIAS, V. K. **A participação de idosos em atividades de aventura na natureza no âmbito do lazer: valores e significados**. 2006. 119 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade Humana) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências do Campus de Rio Claro, Rio Claro, 2006.

DORAN, A. **Empowerment and women in adventure tourism:a negotiated journey**. *Journal of sport & tourism*, v. 20, n. 1, p. 57-80, 2016. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14775085.2016.1176594>. Acesso em: 10 mar. 2019.

ERVATTI, L. R.; BORGES, G. M.; JARDIM, A. P. **Mudanças demográficas no Brasil no início do século XXI**. Rio de Janeiro: IBGE, 2015. 156 p.

FERNANDES, M. Surfe feminino: a luta, o reconhecimento e a ascendência. **ESPN**, jul. 2018. Disponível em: http://www.espn.com.br/surfe/artigo/_/id/4587097/surfe-feminino-a-luta-o-reconhecimento-e-a-ascendencia. Acesso em 08 mar. 2019.

FERREIRA, G. A. O lazer sob a perspectiva de pessoas idosas: importância, significados e vivências. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v.4, n.1, p. 70-87, 2017.

FERREIRA, M. C. G.; TURA, L. F. R.; SILVA, R. C.; FERREIRA, M. A. Representações sociais de idosos sobre qualidade de vida. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 70, n. 4, p. 840-847, 2017.

FIGUEIREDO, J. P.; SCHWARTZ, G. M. Atividade de aventura e educação ambiental como foco nos periódicos da área de Educação Física. **Motriz**, Rio Claro, v.19, n.2, p. 467-479, 2013.

FIGUEIREDO, S. L; RUSCHMANN, D. V. M. Estudo genealógico das viagens, dos viajantes e dos turistas. **Novos Cadernos NAEA**, Belém, v. 7, n. 1, p. 155-188, jun. 2004.

FISHPEOPLE. Dir. Keith Malboy. Prod. Monika McClure. Patagonia, 2017. 48 min. Documentário.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. 405 p.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 176 p.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 200 p.

GOMES, C. L.; BAHIA, M. C.; ELIZALDE, R.; LACERDA, L. L. L.; SILVA, R. L. P. Lazer, sustentabilidade e meio ambiente na América Latina: problematizações e desafios. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 1, n. 3, p.84-105, set./dez. 2014.

GOMES, C. L. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 3-20, 2014.

GOMES, C. L. Lazer urbano, contemporaneidade e educação das sensibilidades. **Revista Itinerarium**, Rio de Janeiro, v. 1, p. 1-18, 2008.

GOMES, C. L. Verbete Lazer – Concepções. In: GOMES, C.L. (Org.). **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p.119-126.

HEO, J.; STEBBINS, R. A.; KIM, J.; LEE, I. Serious leisure, life satisfaction, and health of older adults. **Leisure Sciences**, Londres, v. 35, n. 1, p. 16–32, 2013.

HICKMAN, M.; STOKES, P.; GAMMON, S.; BEARD, C.; INKSTER, A. Moments like diamonds in space: savoring the ageing process through positive engagement with adventure sports. **Annals of Leisure Research**, on line, p. 1-19, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/11745398.2016.1241151>. Acesso em: 19 dez 2018.

HICKMAN, M.; STOKES, P.; BEARD, C.; INKSTER, A. Doing the plastic fantastic: ‘artificial’ adventure and older adult climbers. **Journal of Adventure Education and Outdoor Learning**, online, p. 1-11, 2017. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/loi/raol20>. Acesso em 19 dez. 2018.

HUIZINGA, J. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

HUMBERSTONE, B. Engagements with nature: ageing and windsurfing. In: WATSON, B.; HARPIN, J. (Eds.). **Adventure, cultures and voices in leisure and sport**. Eastbourne: Leisure Studies Association, 2011. p. 159-169.

HUMBERSTONE, B. Youth and windsurfing in an urban context. Apud: HUMBERSTONE, B. Engagements with nature: ageing and windsurfing. In: WATSON, B.; HARPIN, J. (Eds.). **Adventure, cultures and voices in leisure and sport**. Eastbourne: Leisure Studies Association, 2011. p. 159-169.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Síntese de indicadores sociais**: Uma análise das condições de vida da população brasileira 2014. Rio de Janeiro: IBGE, 2014.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Síntese de indicadores sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileira 2015. Rio de Janeiro, 2016a.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Tábua completa de mortalidade para o Brasil -**

2015, Breve análise da evolução da mortalidade no Brasil. Rio de Janeiro, 2016b.

INGMAN, B. C. Bigger experiences and the meaning of adventure, **Journal of Adventure Education and Outdoor Learning**, online, v. 17, n. 4, p. 338-352, fev. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/14729679.2017.1291356>. Acesso em: 30 dez. 2018.

LAVOURA, T. N.; SCHWARTZ, G. M.; MACHADO, A. A. Aspectos emocionais da prática de atividades de aventura na natureza: a (re)educação dos sentidos. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 119-127, 2008.

LENINE. Quem leva a vida sou eu. In: LENINE. **Carbono**. Rio de Janeiro: Universal Music, 2015. 1 CD. Faixa 8.

LOVISOLO, H. Terceira idade: em movimento. Problematizando a questão da terceira idade no contexto atual da sociedade. **Motus Corporis**, Rio de Janeiro, v.4, n. 2,p. 9-13, nov. 1997.

MARCELLINO, N. C. **Lazer e Humanização**. 9. ed. Campinas: Papirus, 2008. 88 p.

MARINHO, Alcyane. **Atividades físicas e esportivas e meio ambiente**. Produção de *background paper* para o Relatório Nacional de Desenvolvimento Humano do PNUD, 2017.

MARINHO, A. Lazer, aventura e ficção: possibilidades para refletir sobre as atividades realizadas na natureza. **Motriz**, Rio Claro, v. 15, n. 1, p. 01-12, 2009.

MARINHO, A. Lazer, aventura e risco: reflexões sobre atividades realizadas na natureza. **Movimento**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 181-206, 2008.

MARINHO, A. Lazer, meio ambiente e turismo: reflexões sobre a busca pela aventura. **Licere**, Belo Horizonte, v. 10, n. 1, p. 1-20, abr. 2007.

MARINHO, A. Lazer, natureza, viagens e aventuras: novos referentes. In: MARINHO, A.; BRUHNS, E. T. **Viagens, Lazer e esporte**. Barueri: Manole, 2006. p. 1-26.

MATSUDO, S. M. M. Envelhecimento, atividade física e saúde. **Boletim do Instituto de Saúde**, São Paulo, v. 47, n. 1, p. 76-79, 2009.

MAZO, G. Z. **Atividade física, qualidade de vida e envelhecimento**. Porto Alegre: Sulina, 2008. 160 p.

MAZZEO, R. S.; CAVANAGH, P.; EVANS, W. J.; FIATARONE, M. A.; HAGBERG, J.; MACAULEY, E; STARTZELL, J. Exercício e atividade física para pessoas idosas. Posicionamento oficial American College of Sports Medicine. **Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde**, Pelotas, v. 3, n. 1, p. 48-78, 1998.

MEIRELES, C. Flor de poemas. Rio de Janeiro, São Paulo: Editora Record, 1983. 308 p.

MENEZES, K. M. G.; FROTA, M. H. P. Corpos velhos e a beleza do crepúsculo: um estudo sobre os (re)significados da corporeidade na velhice. **Cuerpos, emociones y sociedad**, Córdoba, n.9, ano 4, p. 07-16, ago./nov. 2012.

MINAYO, M. C. S. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. S.; DELANDES, S. F.; GOMES, R. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 32. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 9-29.

MINELLO, K., NIXON, C. ‘Hope I never stop’: older men and their two-wheeled love affairs. **Annals of leisure research**, v. 20, n. 1, p. 75–95, 2017.

MOUNTAIN. Dir. Jennifer Peedom. Austrália, 2017. 1h 13 min. Documentário.

MOURA, G. A.; SOUZA, L. K. Autoimagem, socialização, tempo livre e lazer: quatro desafios à velhice. **Textos & Contextos**, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 172-183, jan./jul. 2012.

NEVES, A. **Obax**. São Paulo: Brinque-Book, 2010. 33 p.

OHANA PUPO. Dir. Munir El Hage, Rafael Mejias. Brasil, 2008. 20 min. Documentário.

OLIVEIRA, C.L.; MAIA, T. N.; ALVES JUNIOR, E. D.; MOTA, G. A. G. Montanhismo: dos significados, conflitos e tensões. **Licere**, Belo Horizonte, v.21, n.1, p.194-217, mar. 2018.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Envelhecimento ativo: uma política de saúde**. Brasília: Organização Pan-Americana de Saúde, 2005. 60 p.

PAIXÃO, J. A; SILVA, M. P. O risco na concepção de instrutores de esporte de aventura. **Psicologia & Sociedade**, v. 29, p 1-10, 2017.

PEREIRA, D. W.; ARMBRUST, I.; RICARDO, D. P. Esportes radicais de aventura e ação: conceitos, classificações e características. **Corpoconsciência**. Santo André, v. 12, n. 1, p. 37–55, 2008.

PEREIRA, D. W. Montanhismo e escalada. In: BERNARDES, L. A. (Org.). **Atividades e esportes de aventura para profissionais de educação física**. São Paulo: Phorte, 2013. p. 157-171.

PEREIRA, D. W.; TAVARES, J. T.; SUZUKI, S. F. *Slackline*: saúde, aventura e emoção para os idosos. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 19, n. 2, p. 328-338, 2016.

PESSOA, F. **O eu profundo e os outros eus**. 20. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1888-1935.

PICCOLO, G. M. Os caminhos dialéticos do envelhecimento e a sua relação com a educação física contemporânea. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 14, n.1, p.169-177, 2011.

PIMENTEL, G. G. A.O passivo do lazer ativo. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 03, p. 299-316, jul./set. 2012.

PIMENTEL, G. G. A.; SAITO, C. F. Caracterização da demanda potencial por atividades de aventura. **Motriz**, Rio Claro, v. 16, n. 1, p. 152-161, 2010.

PONTES, A. M. Colcha de retalhos: a tessitura de práticas sociais de mulheres velhas na cidade de Belém. **Revista Movendo Ideias**, Belém, v.16, n. 2, p. 40-47, 2011.

PORTAL BRASIL. **Comitê Olímpico anuncia cinco novas modalidades para os Jogos de Tóquio**. Publicado: 08/08/2016 15h19. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/esporte/2016/08/comite-olimpico-anuncia-cinco-novas-modalidades-para-os-jogos-de-toquio>. Acesso em: 05 fev. 2018.

RATTO, C. G.; HENNING, P. C.; ANDREOLA, B. A. Educação Ambiental e suas Urgências: a constituição de uma ética planetária. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 42, n. 3, p. 1019-1034, jul./set. 2017.

RECH, C. R.; CAMARGO, E. M.; ARAUJO, P. A. B.; LOCH, M. R.; REIS, R. S. Perceived barriers to leisure-time physical activity in the brazilian population. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, São Paulo,, v. 24, n. 4, p. 303-309, jul./ago. 2018.

RECHIA, S.; SILVA, E. A. P. C.; ASSIS, T. S.; SANTOS, K. R. V.; MORO, L.; SANTANA, D. T. O lugar do lazer nas políticas públicas: um olhar sobre alguns cenários. **Licere**, Belo Horizonte, v.18, n.1, p. 225-246, mar. 2015.

SANTOS, B.; TREVISAN, R. Mulheres radicais: ignoram o medo da morte e desafiam os limites no esporte. **Universa**, mai. 2018. Disponível em: <https://universa.uol.com.br/noticias/redacao/2018/05/24/mulheres-radicais-elas-ignoram-o-medo-da-morte-e-desafiam-limites.htm>. Acesso em 10 mar. 2019.

SANTOS, P. M.; MARINHO, A. *Slackline* e educação física: experiências do projeto de extensão "Lazer e recreação". **Licere**, Belo Horizonte, v. 17, n. 4, p. 306-328, 2014.

SARMANHO, D. 2016 é delas: cresce a participação feminina em maratona de aventura. **Craud**, ago. 2016. Disponível em: <https://craud.net/noticias/2016-e-delas-cresce-a-participacao-feminina-em-maratona-de-aventura/>. Acesso em: 08 mar. 2019.

SCHWARTZ, G. M.; PEREIRA, L. M.; FIGUEIREDO, J. P.; CHRISTOFOLETTI, D. F. A.; DIAS, V. K. Estratégias de participação da mulher nos esportes de aventura. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Brasília, v.38, n.2, p. 156-162, 2016.

SILVA, L. R. F. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. **História, Ciência, Saúde**, Manguinhos, v. 15, n. 1, p. 155-168, 2008.

SILVA, P. P. C.; SILVA, E. A. P. C.; AZEVEDO, A. M. P.; MOURA, P. V.; SCHWARTZ, G. M.; RECHIA, S.; FREITAS, S. M. S. M. Sentido e significado: o prazer do risco nos velejadores. **Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde**, Pelotas, v. 18, n.1, p. 75-85, 2013.

SILVA, R. L.; CARMO, E. G.; FUKUSHIMA, R. L. M.; RODRIGUES, N. H.; SCHWARTZ, G. M. A mulher nos esportes de aventura: notas sobre o empoderamento feminino. **Revista Hipótese**, Itapetininga, v. 4, n. 3, p. 156-174, 2018.

SOARES, J. P. F.; MOURÃO, L.; ALVES JUNIOR, E. D. “O doce amargo sabor do Envelhecimento”: discursos, práticas Corporais e experiências geracionais. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 645-657, jul./set. 2015.

SOUTO, L. Surfe como uma garota: atletas mulheres celebram igualdade no esporte. **Universa**, jul. 2018. Disponível em: <https://universa.uol.com.br/noticias/redacao/2018/07/23/surfe-como-uma-garota-atletas-mulheres-celebram-igualdade-no-esporte.htm>. Acesso em: 10 mar. 2019.

SOUZA, J. C. M. de. Surfe. In: BERNARDES, L. A. (Org.). **Atividades e esportes de aventura para profissionais de educação física**. São Paulo: Phorte, 2013. p. 53-64.

STEBBINS, R. A. **Challenging mountain nature: risk, motive and lifestyle in three hobbyist sports**. Calgary: Detseling Enterprises, 2005. 156 p.

STEBBINS, R. A. (2005) Choice and experiential definitions of leisure. **Leisure Sciences: An Interdisciplinary Journal**, v. 27, n. 4, p. 349-352, 2005. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/01490400590962470>. Acesso em 18 jan. 2019.

STEBBINS, R. A. Lazer e felicidade. **Revista eletrônica de jornalismo científico Com Ciência**, n. 161, p. 1-4, set. 2014a. Disponível em: <http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=105&id=1256>. Acesso em: 02 jan. 2019.

STEBBINS, R. A. Obligation as an aspect of leisure experience. **Journal of Leisure Research**, v. 32, n.1, p 152-155, 2000. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00222216.2000.11949906>. Acesso em 12 jan. 2019.

STEBBINS, R. A. Quando o trabalho é essencialmente lazer. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 1, n.1, p.42-56, jan./abr. 2014b.

STEBBINS, R. A. Serious leisure and work. **Sociology Compass**, v. 3, n. 5, p. 764–774, set. 2009. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/j.1751-9020.2009.00233.x>. Acesso em: 15 jan. 2019.

VAZ, J. M.; JUNIOR, A. J. A.; CORREIA, P. M. S.; MANFROI, M. N.; FIGUEIREDO, J. P.; MARINHO, A. Percepção de competências profissionais de instrutores de atividades de aventura na natureza atuantes em Florianópolis/SC. **Movimento**, Porto Alegre, v. 23, n. 1, p. 295-310, 2017.

VIEIRA, A. F. B.; FREITAS JUNIOR, M. A. Melhor idade? Os usos do tempo livre e a autopercepção da pessoa idosa. **PODIUM Sport, Leisure and Tourism Review**, v.7, n.2, p. 207-216, mai./ago 2018.

VISCARDI, A. A. F.; CORREIA, P. M. S.; MAZO, G. Z.; MARINHO, A. Percepções de idosos sobre atividades de aventura na natureza. **Licere**, Belo Horizonte, v. 21, n. 2, p. 1-25, jun. 2018a.

VISCARDI, A. A. F.; FIGUEIREDO, J. P., CORREIA, P. M. S., MARINHO, A. Participação de idosos em atividades de aventura na natureza: reflexões sobre aspectos socioambientais. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 30, n. 53, p. 35-51, mai. 2018b.

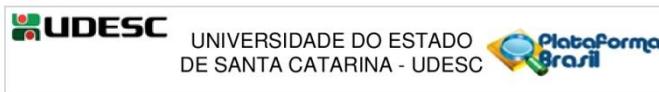
WARAT, L. A. Amor de gigantes. **Humanidades**, Brasília, v. 20, ano VI, p. 21-26, 1989.

WEBER, F. A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou: por que censurar seu diário de campo? **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 157-170, jul./dez. 2009.

WHEATON, Belinda. Surfing through the life-course: silver surfers' negotiation of ageing. **Annals of Leisure Research**, on line, v. 20, p. 1-21, 2016. Disponível em:
<http://dx.doi.org/10.1080/11745398.2016.1167610>. Acesso em: 23 jan. 2018.

ANEXO

ANEXO I - Parecer do Comitê de Ética



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Possibilidades de lazer para idosos na região da Grande Florianópolis (SC): um estudo com os participantes e com os profissionais

Pesquisador: Alcyane Marinho

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 78781917.9.0000.0118

Instituição Proponente: FUNDACAO UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SC UDESC

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.356.476

Apresentação do Projeto:

Projeto de pesquisa com título: "Possibilidades de lazer para idosos na região da Grande Florianópolis (SC): um estudo com os participantes e com os profissionais", sob coordenação da Pesquisadora Responsável: Alcyane Marinho e equipe de pesquisa estudante de doutorado Priscila Mari dos Santos Correia, estudante de mestrado Adriana Aparecida Viscardi e estudante de graduação Gabriela Marques.

Metodologia Proposta:

Serão convidados a participar desta pesquisa indivíduos com 60 anos ou mais de idade, participantes há, no mínimo, três meses, de espaços e equipamentos de lazer destinados ao público idoso na região da Grande Florianópolis (SC). Além deles, serão convidados os profissionais atuantes há, no mínimo, três meses, nos referidos espaços e equipamentos. Os dados desta pesquisa serão obtidos por meio da combinação de instrumentos, a saber, uma entrevista semi estruturada para ser aplicado com os idosos e dois questionários a serem aplicados com os profissionais. Como etapa inicial da pesquisa para a identificação dos espaços e equipamentos de lazer destinados a idosos será realizado um mapeamento nos municípios integrantes dessa região: Águas Mornas, Angelina, Anitápolis, Antônio Carlos, Biguaçu, Governador Celso Ramos, Florianópolis, Palhoça, Rancho Queimando, Santo Amaro da Imperatriz, São Bonifácio, São José, São Pedro de Alcântara. Após o referido mapeamento, por meio de buscas

Endereço: Av. Madre Benvenutta, 2007

Bairro: Itacorubi

CEP: 88.035-001

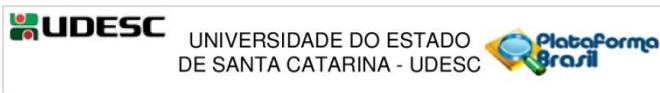
UF: SC

Município: FLORIANOPOLIS

Telefone: (48)3664-8084

Fax: (48)3664-8084

E-mail: cepsh.udesc@gmail.com



Continuação do Parecer: 2.356.476

em páginas eletrônicas, contatos telefônicos e/ou presenciais, serão apresentados os objetivos da pesquisa aos responsáveis por cada um dos espaços e equipamentos de lazer. Mediante interesse do responsável será obtida a assinatura do mesmo na Declaração de Ciência e Concordância das Instituições Envolvidas. Em posse desse documento, será iniciada a submissão do presente projeto à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (CEPSH) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). A coleta de dados somente será iniciada após obter-se parecer favorável desse Comitê. Os idosos participantes há, no mínimo, três meses dos espaços e equipamentos de lazer mapeados serão convidados a responder ao roteiro de entrevista semi estruturada elaborado especificamente para eles, enquanto os profissionais atuantes há, no mínimo, três meses, diretamente envolvidos com as atividades de lazer desenvolvidas nos espaços e equipamentos mapeados, serão convidados a responder os questionários. Aqueles que concordarem deverão assinar um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e um Termo de Consentimento para Fotografias, Vídeos e Gravações, ambos em duas vias, sendo uma para eles mesmos e outra para as pesquisadoras. As entrevistas, bem como a aplicação dos questionários, serão individuais e realizadas no dia, horário e local de preferência dos participantes. Para as entrevistas será utilizado um gravador de áudio para registro das entrevistas e um diário de campo para anotações. Quanto à aplicação dos questionários, as pesquisadoras estarão presentes nesses momentos, porém não interferirão nas respostas dos profissionais pesquisados. As entrevistas serão transcritas na íntegra pelas pesquisadoras. Para garantir o anonimato, cada idoso entrevistado receberá um nome fictício, assim como os nomes por eles mencionados em seus discursos.

Cronograma de Execução

Redação do relatório final da pesquisa em versão sucinta 01/01/2022 - 30/03/2022

Elaboração de trabalhos científicos com dados sobre o mapeamento realizado, com submissão a congressos científicos da área da Educação Física 01/04/2018 - 30/06/2018

Análise de dados 01/10/2020 30/03/2021

Validação de conteúdo e avaliação de clareza de linguagem dos questionários.

05/10/2017 30/12/2017

Transcrições das entrevistas e validação das entrevistas com os idosos.

01/01/2020 30/06/2020

Mapeamento ampliado dos espaços e equipamentos de lazer para idosos na região da Grande

Endereço: Av. Madre Benvenutta, 2007
Bairro: Itacorubi **Município:** FLORIANÓPOLIS **CEP:** 88.035-001
UF: SC **Telefone:** (48)3664-8084 **Fax:** (48)3664-8084 **E-mail:** cepsh.udesc@gmail.com



Continuação do Parecer: 2.356.476

Florianópolis (SC). 05/10/2017 - 30/03/2018

Descrição dos resultados 01/04/2021 - 30/09/2021

Digitação dos questionários. 01/04/2020 - 30/06/2020

Encaminhamento do relatório final da pesquisa em versão sucinta aos participantes do estudo. 01/04/2022 - 30/06/2022

Organização dos dados qualitativos e quantitativos nos respectivos softwares.

10/07/2020 30/09/2020

Aplicação das entrevistas com os idosos e dos questionários com os profissionais atuantes nos espaços e equipamentos de lazer mapeados na região da Grande Florianópolis (SC).

01/07/2018 30/12/2019

Elaboração do relatório final da pesquisa 01/10/2021 30/12/2021

Orçamento Financeiro: R\$600,00

Objetivo da Pesquisa:

O Objetivo Primário é analisar as possibilidades de lazer para idosos existentes na região da Grande Florianópolis (SC) na perspectiva dos participantes e dos profissionais.

Os Objetivos Secundários são:

- Mapear os espaços e equipamentos de lazer, públicos e privados, localizados na região da Grande Florianópolis (SC), direcionados ao público idoso.
- Identificar os conteúdos culturais do lazer desenvolvidos nos espaços e equipamentos mapeados.
- Identificar os motivos de ingresso e de permanência dos idosos nos espaços e equipamentos mapeados.
- Identificar os significados que os idosos atribuem a sua participação nos espaços e equipamentos mapeados.
- Interpretar as concepções de lazer dos idosos participantes dos espaços e equipamentos mapeados.
- Averiguar as percepções dos idosos sobre a atuação dos profissionais que trabalham nos espaços e equipamentos dos quais eles participam.
- Caracterizar o perfil pessoal e profissional dos indivíduos que atuam nos espaços e equipamentos mapeados.
- Verificar a percepção de competências profissionais dos indivíduos que atuam nos espaços e

Endereço: Av. Madre Benvenutta, 2007

Bairro: Itacorubi

CEP: 88.035-001

UF: SC

Município: FLORIANÓPOLIS

Telefone: (48)3664-8084

Fax: (48)3664-8084

E-mail: cepsh.udesc@gmail.com



Continuação do Parecer: 2.356.476

equipamentos mapeados.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos podem ser considerados como mínimos por envolver apenas entrevistas e questionários, os quais poderão gerar desconfortos pelas relações estabelecidas entre os idosos participantes e os profissionais atuantes no contexto dos espaços e equipamentos de lazer. Para reduzir esses desconfortos, o conteúdo das entrevistas e dos questionários não serão compartilhados com o grupo como um todo. A sua identidade do participante será preservada.

Os benefícios são indiretos e tardios por incluir a possibilidade de abertura de novas oportunidades para a vivência de diferentes conteúdos culturais do lazer nos espaços e equipamentos para idosos, estimulando os integrantes dos grupos a serem mais participativos, bem como de solicitarem o desenvolvimento de outros conteúdos culturais do lazer para os profissionais.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

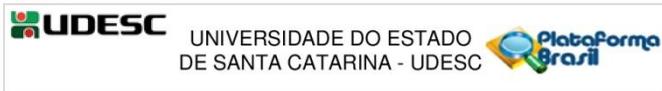
Todos os documentos para a análise ética estão anexados. A pesquisadora responsável possui experiência para desenvolver a pesquisa bem como terá auxílio de uma equipe composta por acadêmicas de doutorado, mestrado e graduação.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O projeto apresenta os seguintes documentos:

1. Folha de Rosto – CONEP.
2. Projeto de Informações Básicas.
3. Projeto Original.
4. Instrumentos da Pesquisa (Questionários).
5. Declarações de Ciência e Concordância das Instituições Envolvidas.
6. TCLE.
7. Consentimento para Fotos, Vídeos e Gravações.

Endereço: Av. Madre Benvenuta, 2007
Bairro: Itacorubi **CEP:** 88.035-001
UF: SC **Município:** FLORIANÓPOLIS
Telefone: (48)3664-8084 **Fax:** (48)3664-8084 **E-mail:** cepsh.udesc@gmail.com



Continuação do Parecer: 2.356.476

Recomendações:

Não se aplica.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Considerando que o projeto atende aos preceitos éticos estabelecidos pela Resolução n. 466/2012 - CNS/MS, considera-se o presente processo APROVADO.

Considerações Finais a critério do CEP:

O Colegiado APROVA o Projeto de Pesquisa e informa que, qualquer alteração necessária ao planejamento e desenvolvimento do Protocolo Aprovado ou cronograma final, seja comunicada ao CEPESH via Plataforma Brasil na forma de EMENDA, para análise sendo que para a execução deverá ser aguardada aprovação final do CEPESH. A ocorrência de situações adversas durante a execução da pesquisa deverá ser comunicada imediatamente ao CEPESH via Plataforma Brasil, na forma de NOTIFICAÇÃO. Em não havendo alterações ao Protocolo Aprovado e/ou situações adversas durante a execução, deverá ser encaminhado RELATÓRIO FINAL ao CEPESH via Plataforma Brasil até 60 dias da data final definida no cronograma, para análise e aprovação.

Lembramos ainda, que o participante da pesquisa ou seu representante legal, quando for o caso, bem como o pesquisador responsável, deverão rubricar todas as folhas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE - apondo suas assinaturas na última página do referido Termo.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_996755.pdf	10/10/2017 09:53:49		Aceito
Folha de Rosto	Folharosto.pdf	10/10/2017 09:53:26	Alcyane Marinho	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Declaracao_SaoJose.pdf	05/10/2017 14:46:08	Adriana Aparecida da Fonseca Viscardi	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Declaracao_Particular.jpg	05/10/2017 14:45:26	Adriana Aparecida da Fonseca Viscardi	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Declaracao_Florianopolis.jpg	05/10/2017 14:45:10	Adriana Aparecida da Fonseca Viscardi	Aceito

Endereço: Av.Madre Benvenutta, 2007

Bairro: Itaconubi

CEP: 88.035-001

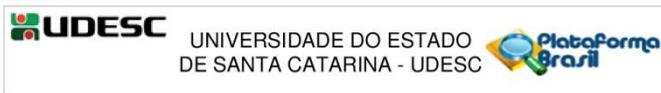
UF: SC

Município: FLORIANOPOLIS

Telefone: (48)3664-8084

Fax: (48)3664-8084

E-mail: cepsh.udesc@gmail.com



Continuação do Parecer: 2.356.476

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	05/10/2017 14:44:51	Adriana Aparecida da Fonseca Viscardi	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.pdf	05/10/2017 14:44:35	Adriana Aparecida da Fonseca Viscardi	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

FLORIANOPOLIS, 30 de Outubro de 2017

Assinado por:
Renan Thiago Campestrini
(Coordenador)

Endereço: Av. Madre Benvenuta, 2007
Bairro: Itacorubi **CEP:** 88.035-001
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3664-8084 **Fax:** (48)3664-8084 **E-mail:** cepsh.udesc@gmail.com

APÊNDICES

APÊNDICE A - Roteiro de entrevista semiestruturada para praticantes de atividades de aventura na natureza

Antes da entrevista

1. Informar ao idoso os objetivos do estudo
2. Esclarecer as informações contidas no TCLE com relação ao estudo
3. Solicitar autorização para gravação da entrevista, bem como para filmagens e fotografias, solicitando a assinatura da Declaração de Consentimento para fotografias, vídeos e gravações e do TCLE.
4. Esclarecer ao entrevistado que ele poderá se retirar do estudo a qualquer momento, bem como solicitar qualquer esclarecimento que considere necessário.

Final da entrevista

1. Destacar a possibilidade de complementação da entrevista com informações que não tenham sido mencionadas anteriormente
2. Verificar a disponibilidade do entrevistado em realizar a validação da entrevista, apontando eventuais alterações em sua fala, se for o caso, após transcrição; combinando forma de envio (digital ou impresso) e prazos para entrega e devolução.

Guia da entrevista

I. Caracterização do idoso

1. Nome
2. Sexo
3. Idade
4. Estado civil
5. Escolaridade
6. Profissão
7. Ocupação Atual

II. Caracterização da atividade

8. Qual(is) atividade(s) de aventura na natureza você pratica com regularidade?
9. Há quanto tempo pratica?
10. Com qual frequência (quantas vezes na semana, mês ou ano)?
11. Qual a duração da prática?
12. Você participa de competições? Se sim, por quê?

13. Se não participa de competições, gostaria de participar? Por que?
14. Você pratica outras atividades de aventura na natureza esporadicamente? Qual(is)?

III. Motivos e concepções

15. Como você começou a praticar essa atividade?
16. Por que o(a) senhor(a) continua praticando essa atividade?
17. O que é mais importante para você nesta atividade? Por quê?
18. O que você menos gosta nesta atividade? Por quê?
19. Você tem alguma sugestão para melhorar esta atividade? Qual(is)?
20. O que esta atividade significa para você?
21. Você pode relatar um momento marcante relacionado à prática?
22. Qual é seu principal desafio?
23. Você acredita que qualquer pessoa pode praticar essa atividade? Por quê?
24. Você considera esta atividade uma possibilidade de lazer? Por quê?
25. O que é lazer para você?
26. Você pratica outras atividade(s) no lazer? Se sim, qual(is)?
27. Você gostaria de praticar alguma outra atividade no lazer que não pratica? Por quê?

APÊNDICE B - Matriz analítica da entrevista semiestruturada para praticantes de atividades de aventura na natureza

Objetivos específicos	Dimensões	Indicadores	Questões
Identificar o perfil sociodemográfico dos idosos praticantes de atividade de aventura na natureza	Caracterização dos idosos	Nome Sexo Idade Estado civil Escolaridade Profissão Ocupação Atual Renda mensal familiar	1. Nome 2. Sexo 3. Idade 4. Estado civil 5. Escolaridade 6. Profissão 7. Ocupação Atual
Descrever as características da prática de atividades de aventura na natureza realizadas pelos idosos	Caracterização da prática	Qual(is) atividade(s) praticam Tempo de prática Frequência da prática Duração da prática	8. Que atividade de aventura na natureza você pratica com regularidade? 9. Há quanto tempo pratica? 10. Com qual frequência (quantas vezes na semana, mês ou ano)? 11. Qual a duração da prática? 12. Você participa de competições? Se sim, por quê? 13. Se não participa de competições, gostaria de participar? Por que? 14. Você pratica outras atividades de aventura na natureza esporadicamente? Qual(is)?
Verificar os motivos de ingresso e permanência dos	Motivos de participação	Motivos de ingresso	15. Como você começou a praticar essa atividade?

idosos em atividades de aventura na natureza.		Motivos de permanência	16. Por que você continua praticando essa atividade?
---	--	------------------------	--

APÊNDICE C - Roteiro de observação simples

1. Atividades desenvolvidas.
2. Características das atividades (duração, recursos utilizados, metodologia, etc).
3. Alguém ministra as atividades? Quem? (formação, perfil, etc.)
4. Pratica sozinho ou em grupo?
5. Expressões implícitas (faciais e corporais) e explícitas (fala) dos praticantes? O que indicam?
6. Que linguagem utiliza?
7. Como interagem com os outros praticantes?
8. Como os praticantes interagem com as pessoas que estão no mesmo ambiente, que não são praticantes?
9. Atitudes dos praticantes em relação ao meio em que é realizada a prática.

APÊNDICE D - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UDESC
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DE
SANTA CATARINA



Comitê de Ética em Pesquisa
Envolvendo Seres Humanos

GABINETE DO REITOR**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E
ESCLARECIDO**

O(a) senhor(a) está sendo convidado(a) para participar de uma pesquisa de doutorado intitulada “ATIVIDADES DE AVENTURA NA NATUREZA NA PERSPECTIVA DE PRATICANTES COM 60 ANOS OU MAIS DE IDADE” que fará aplicação de entrevistas, tendo como objetivo geral analisar sua participação nas atividades de aventura na natureza na região da Grande Florianópolis (SC) e, como objetivos específicos: 1) identificar o perfil sociodemográfico dos praticantes de atividades de aventura na natureza, 2) descrever as características dos praticantes de atividades de aventura na natureza com relação à prática (atividade praticada, tempo de prática, frequência, duração), 3) verificar os motivos de ingresso e permanência dos praticantes em atividades de aventura na natureza, 4) identificar os significados atribuídos pelos praticantes às atividades de aventura na natureza e 5) interpretar os significados que esses praticantes atribuem ao lazer.

Os praticantes de atividade de aventura na natureza com 60 anos ou mais de idade serão convidados a responder a perguntas de uma entrevista em dias, horários e locais de sua preferência. As entrevistas serão individuais, registradas por meio de um gravador de áudio, vídeo e de anotações em um diário de campo, sendo realizadas em nome do Centro de Ciências da Saúde e do Esporte (CEFID) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e do Centro de Desporto (CDS) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Não é obrigatório que o participante responda a todas as perguntas da entrevista, a qual abordará as características sociodemográficas, as características da prática, os motivos de participação e as concepções de atividades de aventura na natureza e lazer.

O(a) senhor(a) não terá despesas para participar desta pesquisa e nem será remunerado pela participação na mesma. Ainda que não

sejam esperadas despesas ou danos ao(à) senhor(a), caso haja despesas decorrentes de sua participação na pesquisa elas serão ressarcidas pelas pesquisadoras, assim como caso haja qualquer dano durante a pesquisa será garantida a indenização.

Os riscos em participar dessa pesquisa serão mínimos por envolver apenas entrevistas e observações, os quais poderão gerar desconfortos emocionais em relação ao tema da pesquisa. Para reduzir esses desconfortos, o conteúdo das entrevistas não será compartilhado com o grupo como um todo. Ao final da pesquisa, cada participante terá acesso, individualmente, à descrição da sua entrevista e, se desejar, poderá alterar seu conteúdo.

A sua identidade será sigilosamente preservada, pois cada participante da pesquisa será identificado por um nome fictício, assim como os espaços e equipamentos nos quais os participantes do estudo estão inseridos.

Os benefícios e vantagens em participar dessa pesquisa incluem a possibilidade de consolidação das atividades de aventura na natureza como oportunidade de lazer para pessoas com 60 anos ou mais de idade e a qualificação de profissionais de educação física.

As pessoas que acompanharão os procedimentos dessa pesquisa são a estudante de mestrado Adriana Aparecida Viscardi, a estudante de graduação Isabelle Meirelles Vieira e a professora orientadora Prof^a. Dr^a. Alcyane Marinho. A qualquer momento, o(a) senhor(a) poderá esclarecer dúvidas sobre quaisquer aspectos da pesquisa e poderá recusar ou retirar seu consentimento para participar, sem qualquer tipo de penalização ou constrangimento. Declarando o cumprimento de todas as informações aqui descritas, solicitamos a sua autorização para a realização da pesquisa e para a utilização de seus dados para a produção de artigos técnicos e científicos, mantendo sua privacidade por meio da não identificação do seu nome.

Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido é feito em duas vias, sendo que uma delas ficará em posse das pesquisadoras e outra com o(a) senhor(a).

NOME DA PESQUISADORA PARA CONTATO: Prof^a. Dr^a. Alcyane Marinho

NÚMERO DO TELEFONE: (48) 8416-2002

ENDEREÇO: Rua Vereador Ramon Filomeno, 357, ap.: 1001 Torre 1, Parque São Jorge, Itacorubi, 88034-495, Florianópolis - Santa Catarina

ASSINATURA DO PESQUISADOR:

Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos –
CEPSH/UEDESC

Av. Madre Benvenuta, 2007 – Itacorubi – Florianópolis – SC -88035-901

Fone/Fax: (48) 3664-8084 / (48) 3664-7881 - E-mail:
cepsh.reitoria@udesc.br / cepsh.udesc@gmail.com

CONEP- Comissão Nacional de Ética em Pesquisa

SEPN 510, Norte, Bloco A, 3ºandar, Ed. Ex-INAN, Unidade II –
Brasília – DF- CEP: 70750-521

Fone: (61) 3315-5878/ 5879 – E-mail: conep@saude.gov.br

TERMO DE CONSENTIMENTO

Declaro que fui informado(a) sobre todos os procedimentos da pesquisa “ATIVIDADES DE AVENTURA NA NATUREZA NA PERSPECTIVA DE PRATICANTES COM 60 ANOS OU MAIS DE IDADE” e, que recebi de forma clara e objetiva todas as explicações pertinentes ao projeto e, que todos os dados a meu respeito serão sigilosos. Eu compreendo que neste estudo as medições dos procedimentos de tratamento serão feitas em mim, e que fui informado(a) que posso me retirar do estudo a qualquer momento.

Nome completo por extenso:

Assinatura: _____ Local: _____

_____ Data: ___/___/____.

APÊNDICE E - Declaração de Consentimento para Fotografias, Vídeos e Gravações

CONSENTIMENTO PARA FOTOGRAFIAS, VÍDEOS E GRAVAÇÕES

Permito que sejam realizadas fotografia, filmagem ou gravação de minha pessoa para fins da pesquisa científica intitulada “ATIVIDADES DE AVENTURA NA NATUREZA NA PERSPECTIVA DE PRATICANTES COM 60 ANOS OU MAIS DE IDADE” e concordo que o material e informações obtidas relacionadas à minha pessoa possam ser publicados em eventos científicos ou publicações científicas. Porém, a minha pessoa não deve ser identificada por nome ou rosto em qualquer uma das vias de publicação ou uso.

As fotografias, vídeos e gravações ficarão sob a propriedade e sob a guarda das pesquisadoras do estudo.

_____, ____ de _____ de _____
Local e Data

Nome do Sujeito Pesquisado

Assinatura do Sujeito Pesquisado